FLAMA
N.º 1367 / ANO XXX / 17 DE MAIO DE 1974 / 10$00
ANGOLA 17$50/MOÇAMBIQUE 20$00

PARIS DOS PORTUGUESES EM DIA DE LIBERTAÇÃO

SINDICALISMO LIVRE: REINVINDICAÇÃO PARA TODOS

Insolitamente, três escritores portugueses – no caso três mulheres – foram chamadas à barra do Tribunal. Por terem ousado pisar um terreno que a organização censória do regime fascista entendeu como um crime de lesa moral pública. Durante largos meses o assunto foi falado. Sobretudo no estrangeiro, onde as manifestações – feministas na sua maioria – se sucederam. Hoje, obtida a absolvição, podemos afirmar:

"TRÊS MARIAS": O FIM DE UM ESCÂNDALO

Comprimentos e Pontas

o shampoo que embeleza os seus cabelos onde eles mais precisam

PUBLITOPE

Sabe de que são feitos os seus cabelos?
São em 80% compostos de proteínas. Estas proteínas formam em volta do cabelo uma película resistente que o protege e lhe dá brilho.

Mas com o tempo e sob o efeito de agressões exteriores (Sol, vento, poluição atmosférica, águas calcárias, etc.), esta protecção natural enfraquece gradualmente e o seu cabelo torna-se fraco, quebradiço e espigado nas pontas.

É precisamente nesta altura que deve intervir o shampoo **Comprimentos e Pontas.**

É um shampoo de concepção totalmente nova, associando, componentes lavantes de extrema suavidade, com proteínas naturais, a mesma substância de que os seus cabelos são feitos. A espuma rica e macia de **Comprimentos e Pontas,** favorece a assimilação directa das proteínas pelos tecidos capilares; as proteínas de **Comprimentos e Pontas,** juntam-se às proteínas do seu cabelo e regeneram a capa protectora, corrigem as suas imperfeições e fortificam o seu cabelo da raiz até às pontas, estabelecendo de novo o equilíbrio natural do cabelo.

Comprimentos e Pontas. é mais que um shampoo de tratamento, é verdadeiramente um shampoo regenerador de beleza.

Resultado concreto para si: lavagem após lavagem, V. constata, que os seus cabelos têm mais vida, mais corpo, mais energia; quando molhados, o pente desliza melhor sobre eles; quando secos, mantêm por mais tempo a forma do penteado; ao toque sente-os mais leves e mais soltos.

V. descobrirá, enfim, o que é a verdadeira saúde, a verdadeira beleza dos seus cabelos.

Existe em 3 fórmulas
cabelos normais, gordurosos e secos

Comprimentos e Pontas: o seu shampoo-beleza com proteínas naturais

DEPÓSITO LEGAL
-0.JUN1974

FLAMA
REVISTA SEMANAL DE ACTUALIDADES
DIRECTOR: ANTÓNIO DOS REIS

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS LISBOA

A "FLAMA" ELEGEU UM CONSELHO DE REDACÇÃO

A Redacção da «Flama», reunida em assembleia geral, decidiu com base num espírito verdadeiramente democrático e a intenção de assegurar uma informação livre, isenta e objectiva, garantir total independência na orientação do conteúdo da revista.

Os jornalistas da «Flama» constituíram um Conselho de Redacção de três elementos, eleitos por sufrágio directo e secreto. Este órgão tem funções de representatividade dos jornalistas e de intervenção e participação na elaboração da revista.

O Conselho da Redacção é constituído pelos nossos camaradas Alexandre Manuel, António Amorim e António Xavier.

EDITOR **ANTÓNIO DOS REIS**. CHEFE DE REDACÇÃO: **EDITE SOEIRO**/SUBCHEFES DE REDACÇÃO: **CARLOS CASCAIS E ANTÓNIO AMORIM**/GRÁFICOS: **MANUEL VIEIRA E VITORINO C. MARTINS**/CHEFE DE PUBLICIDADE: **TINA RODRIGUES**/PROPRIEDADE DA SOCIEDADE EDITORIAL FLAMA, S. A. R. L.

Redacção, Administração e Publicidade: Rua Rodrigues Sampaio, 50, 2., E. — Lisboa 2 — Tels. 563764/5/6/7. Publicidade — 535382. Compõe-se e imprime-se na Sociedade Nacional de Tipografia, S. A. R. L. — R. de "O Seculo", 41 a 63 — Lisboa 2/Distribuição: Distribuidora "O Seculo", — telef. 35152.

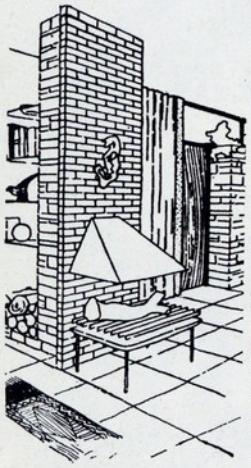
A "FLAMA" declina toda a responsabilidade acerca dos documentos que lhe sejam enviados. Os originais não publicados não serão devolvidos. A colaboração, geralmente, é pedida pela Direcção. Completamente interdita a reprodução, mesmo parcial, de textos e ilustrações.

Preçário (Pagamento adiantado): **Metrópole e ilhas** — Assinatura anual 440$00/Assinatura semestral 225$00/Assinatura trimestral 115$00/Exemplares avulso 10$00 — **Ultramar, Espanha e Brasil** — Assinatura anual 495$00/Assinatura semestral 260$00/Exemplares avulso 12$50 — **Outros países** — Assinatura anual 600$00/Exemplares avulso 15$00 — **Por via aérea:** acresce da respectiva sobretaxa por exemplar conforme segue: Metrópole, Ilhas e Espanha 2$00 — Ultramar 13$20 — Outros países da Europa 4$00 — Restantes países 15$40 — **Nota:** As prestações acertam-se sempre pelo ano civil. Mudanças de endereço 1$00.

Muitas vezes as rugas nada têm a ver com a idade

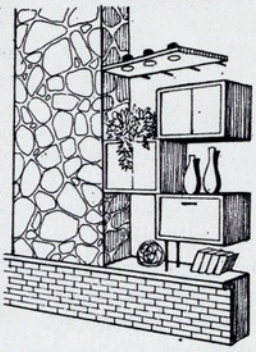
DECORE A SUA CASA E GANHE DINHEIRO ESTUDANDO

DECORAÇÃO



POR CORRESPONDÊNCIA, A UM PREÇO MÓDICO, QUE LHE DARÁ DIREITO A RECEBER CADERNOS DE LIÇÕES E MATERIAL COMPLEMENTAR E A DISPOR DE UMA ASSISTÊNCIA PEDAGÓGICA PERMANENTE E COMPLETA QUE INCLUI CORRECÇÃO DE EXERCÍCIOS E RESPOSTA A TODAS AS DÚVIDAS E CONSULTAS SOBRE A MATÉRIA, APROVEITANDO OS TEMPOS LIVRES, SIGA UM CURSO DE ALTA QUALIDADE QUE O CETOP SE ORGULHA DE OFERECER AO PÚBLICO. APRENDA A DOMINAR ESTA ARTE DE PLENA ACTUALIDADE.

Você pode seguir este excepcional **CURSO DE DECORAÇÃO** na sua própria casa, beneficiando das múltiplas vantagens que o seu estudo lhe proporcionará. *Decorará a sua casa* e, assim, além de a embelezar, estará também a adquirir prática. Provará desse modo o seu bom gosto e aplicará os conhecimentos aprendidos no curso. *Poderá ganhar dinheiro logo enquanto estuda*, pois durante o curso estará já em condições de fazer projectos e arranjos de decoração, e bastar-lhe-á o que recebe por um projecto para pagar totalmente o curso. Tendo o curso completo, *possuirá um arquivo profissional* constituído por uma colecção de mais de 600 gravuras *e uma autêntica enciclopédia* de 1800 páginas.
Quando for decorador — ou decoradora — terá as maiores facilidades em conseguir bons rendimentos, pois *são inúmeras as oportunidades que esperam por si*. Poderá, por exemplo, *colaborar com arquitectos*, encarregando-se da parte decorativa dos projectos e instalações. Se preferir, poderá empregar-se em *lugares com alto ordenado* e de trabalho agradável e interessante em empresas de decoração e mobiliário ou em outras actividades. Mas poderá também *estabelecer-se por conta própria*, dedicando-se a decorar interiores de habitações, estabelecimentos comerciais, salas de espectáculos, lugares públicos, etc.



Que estudará? O curso dá-lhe uma completa formação técnica, de natureza muito prática, sobre todas as matérias de decoração.
Ficará preparado para todos os trabalhos que um decorador deve saber realizar, estudando, em termos práticos, «Teoria de Decoração» e outras disciplinas, como «Complementos Decorativos», «Conjuntos e Projectos», «Esboços e Desenhos», «Técnica do Móvel», «Estilos Artísticos».

... preencha com letra clara o cupão junto e envie-o, por favor, a
CETOP — Centro de Ensino Técnico e Orientação Profissional
Apartado 7 — Mira-Sintra — Mem Martins — Portugal

a escola em sua casa

Queiram enviar-me, sem compromisso, o folheto do curso de

_____

Nome: _____

Morada: _____

Localidade: _____

Ref.ª _____

CETOP Membro do Conselho Europeu de Ensino por Correspondência

FLAMA

Cartas ao Director

CIRURGIA PLÁSTICA AO ALCANCE DE TODOS

"Achei bastante interessante a entrevista concedida pelo sr. dr. António Gentil Martins à "Flama" no número 1363. Diz ele que a cirurgia plástica e reconstrutiva não é vaidade. Também estou de pleno acordo que não seja. Através da cirurgia plástica e reconstrutiva podem-se na verdade corrigir muitos defeitos na fisionomia, ao mesmo tempo eliminar um tal complexo de inferioridade perante outras pessoas, principalmente quando existem reuniões de festas. Mas, para lá de tudo isto, é na cirurgia plástica e reconstrutiva que se conseguem autênticos milagres. Porque é nela que conseguem os cirurgiões, e neste caso os portugueses, transfigurar as deformidades em realidades, a ponto de se afirmar que eles, os cirurgiões, são autênticos escultores de barro humano.

Dizia o sr. dr. Gentil Martins em certo ponto que o público em geral não conhece muito bem e que se passa por cá na matéria referida. Também estou de pleno acordo que assim seja. Isso quanto a mim só se deve, de facto, à tal informação ainda não programada mais amiúde. Porque nós, regra geral, somos sempre uns pessimistas em não acreditar no que existe de positivo no nosso país. Digo positivo e começo por mim.

Sofri um brutal acidente em Luanda que me deixou a cara desfigurada. Hoje, com algumas operações de cirurgia plástica e reconstrutiva efectuadas no Hospital do Ultramar, começo de novo a ver transfiguradas as deformidades em realidades e a desaparecer uma invalidez que certamente duraria para toda a minha vida. Tudo isto efectuado no nosso país, por cirurgiões portugueses, no Hospital do Ultramar.

Sentindo o mesmo à-vontade na minha recuperação como se estivesse em Inglaterra, Brasil ou noutro país qualquer. Foram dezenas de pessoas que afirmaram que a minha recuperação em Portugal não era possível. Hoje, algumas dessas pessoas já me dizem que em Portugal se fazem grandes coisas na cirurgia plástica e reconstrutiva. Isto confirma na verdade que existe uma grande parte do público que desconhece totalmente o que há de positivo na matéria.

Sr. Director, peço imensa desculpa pelo tempo que lhe possa ter ocupado e, ao mesmo tempo, agradeço a informação na matéria. Existem na verdade muitos pacientes que desconhecem totalmente as possibilidades nas suas recuperações, através da cirurgia plástica e reconstrutiva no nosso país. Principalmente no tocante à província, já que é Lisboa que reúne em geral a maior quantidade de cirurgiões — JOSÉ VENTURA — Cruz de João Mendes.

AVISO AO PÚBLICO A PROPÓSITO DA EXECUÇÃO GRÁFICA DESTE NOSSO NÚMERO

Em virtude de problemas de relações de trabalho existentes na Sociedade Nacional de Tipografia, que compõe, imprime e distribui a «FLAMA», a saída deste nosso número — executado nas oficinas da Lisgráfica — regista-se mais tardiamente do que é habitual. Do facto, a que somos totalmente alheios, pedimos desculpa aos nossos agentes e leitores.

CARCASSONE

Malhas de qualidade

JOVENS 72

Que pensavam os jovens em 1972? Curiosa pergunta para fazer em 1974 ou estranho país foi este que só agora a podemos formular! Coartada a liberdade, a nossa, de jornalistas e cidadãos na altura própria pelos Serviços de Censura, exprimimos hoje livremente aquilo que os jovens pensavam então, na certeza de que muitas das suas reivindicações continuam por satisfazer.

QUANDO, em 1969, o professor da Universidade de Teerão Ehsan Naragki escreveu, no "The Unesco Courier", sobre "as exigências radicais da juventude, a sua ansiedade perante o futuro e o facto de os jovens não estarem ainda integrados no esquema social" estava a pôr em relevo situações sócio-culturais que apontavam, de modo bastante grave, as contradições do nosso tempo. "A atitude crítica da juventude — prosseguia aquele sociólogo persa — pode parecer abstracta, violenta, irracional, imatura, ou mesmo negativa e falha de perspectivas, mas força os adultos a reverem os seus hábitos e meios de acção, o que, de outro modo, talvez nunca chegassem a fazer."

Com efeito, cada vez mais a juventude é chamada a transformar-se em causa da história e ela própria sente impaciência por entrar nessa mesma história. "Estou convencido — afirmou, há algum tempo, o director-geral da Unesco — de que os jovens esperam dos adultos os gestos decisivos que os iniciem tanto no seu próprio mundo como no universo em geral." E na sua comunicação à Conferência Internacional sobre a Juventude comentou, mais adiante, René Maheu: "Cada geração espera que os seus maiores lhe abram a porta de uma história que não constitua para ela uma prisão. E chamo prisão a um destino limitado; chamo prisão a um mundo sem amor. Se a herança que pretendemos legar aos

nossos filhos não vai além da implacável rede dos padrões ancestrais, das muralhas sombrias e impenetráveis da ignorância, então é muito compreensível, sem dúvida até muito saudável, que eles a rejeitem com horror."

Por outro lado, não resta dúvida alguma de que, sobretudo a partir da Segunda Guerra Mundial, se têm multiplicado os sinais de envelhecimento de padrões culturais que satisfaziam (mais ou menos) as gerações dos primeiros decénios deste século. O progresso técnico, a democratização progressiva e o recente desenvolvimento das ciências humanas projectaram o homem numa visão do indivíduo e da comunidade que, até há pouco, era vedada aos seus antepassados. Pertence, assim, à sociedade actual (ainda demasiado dominada pelos adultos) aceitar a evolução como um facto e, em atitude essencialmente prospectiva, esforçar-se por antever o futuro para se catalogar por ele. Isto, aliás, será apenas confiar no poder criador do homem e ajudar as novas gerações a constituírem, pelas suas próprias mãos, o mundo que terá de ser necessariamente o seu. Não se poderá, pois, obrigar os jovens a assumirem exclusivamente o passado, até porque o futuro, contrariando de certo modo esquemas semiancestrais, terá de esquecer, em parte, os programas e os métodos, para escolher decididamente os objectivos.

"Observa-se actualmente uma tendência inversa da tradicional: dantes o pai educava os filhos, o professor o aluno, o Estado disciplinava e orientava os súbditos. Exagerando um pouco, dir-se-á que presentemente os filhos estão em vias de educar os pais, os alunos os professores, a sociedade o Estado, os fiéis a hierarquia eclesiástica." E no curso de dirigentes escutas, em Setembro do ano findo, prosseguia Miller Guerra, deputado da ala liberal: "Que quer dizer isto? Quer dizer que há determinados valores nas camadas sociais outrora sem voz nem expressão, que sobem à superfície, impondo-se como novas realidades.

Os detentores da autoridade não podem ficar indiferentes perante isto e, de facto, não ficam. Conhecem-se bem as inquietações e os receios das autoridades tradicionais, mas não há dúvida de que mais ou menos depressa, com maiores ou menores oposições, os valores trazidos pela juventude serão incluídos na nova cultura que está fermentando, felizmente. Porque é que a juventude se sente atraída pelas novidades, pelo inédito, pelo que muda e se transforma? Em primeiro lugar, porque constitui uma camada social pouco integrada na comunidade — vive hoje largamente separada dos adultos, formando uma subcultura, no seio da qual os modelos usuais se tornaram caducos. Em segundo lugar, porque os jovens são pouco cépticos; confiam nas ideias e nos ideais porque tiveram ainda poucas desilusões, porque — diz-se — têm pequena experiência da vida. A experiência da vida, diga-se de passagem, é bem enganadora; consiste as mais das vezes num sistema ordenado de lugares-comuns, preconceitos, ideias feitas, transmitidas de geração em geração, sem nunca serem testadas pela vida positiva e real. Em terceiro lugar, os jovens apreendem com facilidade 'o espírito do tempo', ou seja, os depreciados ventos da história — o que ainda mal se percebe, mas é a matéria do futuro. Em quarto lugar, é próprio da adolescência a bipolaridade das tendências, as reacções ambíguas de adesão pronta, confiante e, ao mesmo tempo, de hostilidade e rejeição."

Sabendo que, nos países em vias de desenvolvimento, a juventude, com a tarefa de estruturas a dirigir, representa mais de metade da população activa, a "Flama" percorreu as cidades universitárias do País e falou com alguns jovens. A situação sócio-económica, o ensino, a droga, as artes, a literatura e a música foram tema dum inquérito que se deseja significativo.

JOVENS 72

Carlos Melon tem 23 anos. Natural da ilha do Pico, Açores, frequenta actualmente o 5o. ano da Faculdade de Direito de Lisboa.

● Na Faculdade de Direito, o ensino tem características semelhantes às dos restantes países, enquanto tem como finalidade a preparação de homens que serão os vinculadores da ordem jurídica vigente e que farão parte do aparelho repressivo. Formará, assim, mentalidades estáticas. Os seus professores (e alunos), geralmente recrutados nas camadas sociais que detêm o poder económico e político, têm como constante uma mentalidade reaccionária. No nosso caso, haverá ainda uma acuidade maior devido a uma situação vigente dominada por professores ex-ministros do Governo de Salazar e que, actualmente, estão ligados a poderosas empresas económicas (sobretudo nas possessões ultramarinas de Portugal). Assim, os jovens que frequentam a Faculdade de Direito estão como metidos dentro duma prisão ideológica. E se não procuramos qualquer coisa fora do que nos é ministrado vemo-nos necessariamente quase a ser orientados para a manutenção dum estado de coisas que não favorece nada um progresso económico e social que torne possível aos habitantes deste país (sobretudo aos que dão origem à formação do produto nacional) viverem em condições económicas suficientes para gostarem de viver aqui e não se sentirem inferiorizados em relação aos outros povos da Europa democrática (que nos começam a visitar). Com efeito, o ensino, como está, não pode servir a necessária evolução sócio-económica do País no sentido de fazer que as classes trabalhadoras aproveitem completamente o produto do seu trabalho.

Os jovens que não concordam com este género de ensino devem reagir saudavelmente e procurar modificar, mediante estudos e intervenções nas aulas, o conteúdo ministrado pelos professores de modo a fazerem reflectir os seus colegas mais habituados a aceitarem desde o liceu, sem espírito crítico, o que os mestres dizem. Normalmente, nota-se uma falta de maleabilidade por parte de determinados professores quando são colocados perante modos de ver diferentes do que eles ministram. Em vez de tentarem o diálogo cortam qualquer iniciativa.

● Agora que estou no fim do curso posso afirmar que a Faculdade nem me ensinou a investigar nem a estudar. Foi nas associações e cooperativas culturais estudantis que formei o meu espírito e adquiri uma mentalidade avessa a interesses burgueses. Profissionalmente vou ter de começar do nada, fazendo um grande esforço para me inserir na realidade sócio-económica sem me diluir nela e mantendo, ao mesmo tempo, uma coerência crítica.

● Sobre a droga, o meu depoimento será um pouco condicionado por não ter experiência própria. Por outro lado, não gosto de formular juízos de condenação sem ter uma visão do problema que me satisfaça. No entanto, segundo os peritos na matéria, estou muito reticente à sua utilização devido aos problemas sociais e individuais que levanta. Tive notícias através dos jornais, da prisão e da apreensão de droga e tenho notado vários cartazes pela cidade que devem fazer parte duma campanha antidroga.

Mas há um pormenor que me desagrada: os cartazes, tais como são, perdem todo o carácter de profilaxia para que devem ter sido concebidos e tomam um carácter político contra o movimento pacifista de desarmamento nuclear. Julgo incrível a associação destes factos e, por isso, as autoridades deviam substituí-los por outros que apenas dissessem respeito à droga.

Júlio Patrício Marques tem 21 anos. Estudante, frequenta actualmente o 3o. ano da Faculdade de Economia do Porto.

● Penso que a juventude actual é mais concreta, incisiva, menos idealista do que a anterior, preocupando-se com os problemas práticos, reais. Penso que o lirismo está ultrapassado. Pertence a uma geração mais antiga. Vivo com certo desprendimento. Não me sinto tão agarrado às coisas como as pessoas mais idosas. É cada vez mais importante a participação dos indivíduos nos problemas colectivos e mundiais. Creio que a minha geração será mais dinâmica, menos egoísta e mais exigente. Fui educado em moldes de certo modo liberais. Isso só me tem proporcionado vantagens, pois sinto que estamos a caminhar a passos largos para uma liberalização, ainda não atingida no nosso país mas que, mais tarde ou mais cedo, terá de ser encarada por todos. Cada um tem de valer pelo que efectivamente é e não pelo que foram os seus avós e são os seus pais. E eu tenho de agradecer a meus pais a educação que me proporcionaram.

● Só estudo, portanto não tenho independência económica. Tenho de viver da ajuda e da compreensão familiares. E o problema económico é um dos mais importantes para a juventude.

● Já li bastante sobre a droga. Acho que conduz ao desaparecimento total de todas as qualidades, quer físicas quer mentais do indivíduo. Creio que a maior parte dos que procuram a droga o fazem por cobardia, por se recusarem a enfrentar os problemas actuais. E os problemas agravam-se se não soubermos reagir na altura própria. A droga "adormece" e nunca dinamiza para a solução dos problemas.

António Martins, de 23 anos, é natural de Tomar. Ex-aluno da Escola António Arroio, onde frequentou Pintura Decorativa, dedica-se actualmente ao grafismo.

● Para mim, como para a maioria dos jovens a quem concederam o direito a uma razoável formação, viver aqui e agora é, sobretudo, um acto de resistência. Resistência à tacanhez, à inépcia, à incultura e à irresponsabilidade. E têm sido os jovens quem, numa luta quase sempre incompreendida, tentam eliminar essa

necessidade de resistência. Mas, parece-me, reformar toda uma mentalidade não pode ser obra só de alguns, mas de todos, em bases oficiais devidamente estruturadas.

● As artes, dum modo geral, reflectem o choque entre este estado de coisas e a maior lucidez dos jovens. As inovações que se adivinham no cinema, no teatro, na música (por exemplo) servem para se verificar o que os novos têm procurado fazer e as dificuldades que têm encontrado para se imporem. Dificuldades que começam na falta de oportunidades para se mostrarem e vão até à falta de receptividade por parte de um público mal formado (e informado).

● Profissionalmente, existe choque idêntico. Aos jovens, por carência de uma formação profissional eficiente, restam apenas o espírito de iniciativa e a grande vontade de progredir. O pior é que estas virtudes acabam, muitas vezes, por sucumbir perante o desinteresse e o anacronismo das situações concretas.

José António Alves Ambrósio, de 30 anos de idade, natural da Guarda e aluno do 3o. ano da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

● Penso que a Universidade, mais do que reflexo da Nação, é a própria Nação. Por isso, o dogmatismo e a apatia mental em que vivemos encontram-se na Universidade. Ao nível dos professores — salvo um ou outro caso — porque a sociedade exerce uma influência enormíssima sobre o homem e, claro, por outras razões. Ao nível dos alunos, porque, chegados à Universidade, têm os mais veementes anseios de justiça e de progresso e não estão, no entanto, orientados para a busca destas respostas fundamentais. E porquê? Um aluno de Química ou de Medicina, por exemplo, tem de fazer o seu próprio curso como obrigação prioritária. Portanto, só um número muito exíguo consegue alcandorar-se a uma posição donde pode ver com clareza, digamos, toda esta trama. O ensino dogmático da Universidade continua o ensino dogmático do liceu e da escola primária.

● No caso dos alunos de Letras não há problemas, tanto quanto posso ver. Todos sabemos como por essas escolas técnicas e do ciclo preparatório há quem dê aulas com um número muito exíguo de cadeiras. Daqui resultam as consequências mais graves, pois de professores impreparados só podem vir alunos impreparados. Mas, se o grande capital já chegou à conclusão de que se vendem muitos mais produtos aos que são cultos do que aos analfabetos!... É uma ironia. Para além dos alunos de Letras, que sabemos? Que o País tem uma carência aflitiva de médicos, que os quadros do Ministério da Justiça têm, pelos vistos, muitas vagas e pelo que respeita aos que saem de Faculdades de Ciências — excepto os engenheiros químicos — parece que também há vagas para eles. Em que medida, porém, um licenciado em Matemáticas está disposto a enveredar pelo ensino, se fora dele ganha mais? Por outro lado, há ainda o problema de muitos não se sentirem bem no ensino e de este não oferecer grandes condições. Ensinar na Guarda ou em Beja, por exemplo, seria muito mais atraente se os professores fossem mais cotados socialmente e se existissem as condições devidas a quem tem um trabalho intelectual.

● Se o jovem tenta integrar-se na actual sociedade asfixia, morre. Portanto, há duas soluções: ou integrar-se — a daqui a alguns anos lê jornais desportivos e arranja umas pantufas, é a morte! — ou, então, transformar a sociedade. Como vai transformá-la? Pela sua cultura. E cultura é o conhecimento dos problemas e de soluções a um nível de fundamento. É evidente que é um trabalho ciclópico, porque nos põe perguntas como estas: que é a política, a sociedade, a história imediata e mediata? Etc. Todavia, tem de começar-se. Se um jovem sério quiser a felicidade tem de trabalhar até ao máximo das suas forças.

● Qual evolução? Onde há dogmatismo e apatia só pode haver estatismo. As manifestações estudantis — mesmo que alguns acerca delas venham com muita retórica —, a manifestação, há algum tempo, na Baixa portuense e quejandas dispensam-me de continuar a resposta.

● Estou muito mal informado sobre o assunto. Todavia, direi o seguinte: Portugal é um país tradicionalmente católico. Porém o catolicismo deste país é na generalidade despiciendo. Por tal razão, muitas pessoas abandonaram a Igreja, não só de hoje, mas de há gerações. Faltou-lhes o suporte com que contavam e naturalmente procuraram substitutos. Por outro lado, é sabido que a droga só se encontra em pessoas com dinheiro. Deparamos assim com grupos ociosos, entre a juventude, cuja identidade social conhecemos muito bem. Os decadentes britânicos, segundo julgo, têm uma parte substancial da responsabilidade na questão. Resolver o problema será, por um lado, acabar com esta nociva influência britânica e, também, erradicar esses grupos ociosos. (Em relação à Igreja-instituição creio-me insuspeito, porque sou profundamente católico.)

● Nunca pensei muito nos problemas ligados a literatura pela simples razão de que não gosto de literatura. A meu ver, os literatos fundamentam-se a um nível irrisório. Isto significa, portanto, que não serão pessoas para dar grandes respostas. Mesmo que as dessem, sabe-se o que aconteceria aos livros... Além de a superficialidade dos literatos ser quase geral, acontece que os livros são lidos por escassa minoria.

● Penso ser positiva a actual música portuguesa, se por tal se entende o trabalho de José Afonso, Adriano Correia de Oliveira e José Mário Branco, por exemplo. Incumbe-lhes uma tarefa decisiva e tanto mais quanto mais próximos estiverem do povo. Quer isto dizer que podem ajudar, num grau muito importante, à formação de uma mentalidade, como os aldos na antiga Grécia, com a vantagem de serem pessoas presentes, vivas, junto dos outros.

João Pedro Barrosa Campers tem 21 anos. Natural de Lisboa, frequenta, actualmente, o 4o. ano da Faculdade de Direito de Lisboa.

● Quanto à realidade sócio-económica do Portugal de hoje, o Governo depara, entre outros, com dois grandes problemas, de graves consequências: a guerra no Ultramar e a reduzida capacidade produtiva do País. A primeira provoca de duas formas a falta de mão-de-obra: directamente, através das incorporações, e indirectamente através da emigração. E se as remessas dos emigrantes (juntamente com as receitas do turismo) vão contribuindo cada vez mais insuficientemente para reduzir o "deficit" da balança de pagamentos (provocado, por seu lado, pela falta de capacidade industrial), a verdade é que constituem poderosamente para o aumento da inflação — aumento este que vai dificultar o investimento necessário para reequipar industrialmente o País. Problemas graves que não sei como serão resolvidos.

● Quanto ao ensino, a nível superior, a reforma, de características tecnocratas e destinada a fornecer os quadros de que a nascente burguesia industrial tem necessidade, reflecte o choque entre os liberais (minoria da Assembleia Nacional, S. E. D. E. S., C. E. P. A. E., etc.) e os conservadores da velha guarda, solidamente instalados nos conselhos escolares de algumas faculdades. Ignoro o que dela vai restar em algumas faculdades como a de Direito (talvez pouco mais do que a mudança de nome de algumas cadeiras...).

● Sobre a literatura actual, apenas referirei a "inundacão" do mercado livreiro pelo livro de bolso, descoberto por certos interesses como o melhor meio (melhor que a televisão porque mais "digno" e mais "intelectual") de levar a cultura (certa cultura...) a todos. Desperto nos Portugueses o amor pelo livro, agora é que é aproveitar (mais barato que um bilhete de cinema).

De música não sou apreciador e de droga pouco mais saberei dizer do que alinhar lugares-comuns. Por isso, prefiro não me pronunciar sobre estas questões.

Maria de **Fátima Ribeiro tem 22 anos. Natural do Porto, frequenta o 1o. ano da Faculdade de Filosofia de Braga.**

● No ensino, para além da desejável correspondência com a vida prática, torna-se necessário que o professor abandone o seu ar de superioridade e se aproxime mais do aluno, em verdadeiro espírito de diálogo. Como jovens, temos muitas aspirações e desejamos frequentemente caminhos que nos estão completamente vedados. Gostaríamos, muitas vezes, de tirar uma especialidade, mas faltam as condições económicas e as bolsas de estudo sabemos bem a quem são concedidas. Ficamos frequentemente muito distantes dos nossos objectivos.

JOVENS 72

● Num meio pequeno como este, a integração social do estudante ainda se torna mais difícil. Por outro lado, rareiam os verdadeiros motivos de interesse. A evolução social do País é demasiado lenta. Vigoram muitas mentalidades tradicionalistas a fecharem portas que impossibitam a valorização humana das pessoas. Por outro lado, a pequena evolução que se vai notando não é correcta, enquanto está demasiado dependente de grupos de pressão. Com efeito, parece que a classe média começou a ser esquecida.

● Existem certas obras de escritores com valor. Mas encontram enormes dificuldades pela falta de preparação dum público que nunca esteve habituado à leitura. Temos de começar urgentemente pela valorização cultural das pessoas para que elas possam caminhar de encontro à necessária e urgente promoção humana.

Vitor Gomes, de 22 anos de idade, natural de Arcos de Valdevez e aluno do 4o. ano da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

● Creio ser difícil, contando com tantos condicionalismos, expressar o que penso dos actuais métodos de ensino, necessariamente pré-ordenados à finalidade que com eles se pretende. Todavia, julgo que o ensino na Universidade é orientado no sentido de criar no estudante posições passivas e uma receptividade acrítica perante o que lhe dizem de modo a nunca pôr em causa nem o conteúdo do ensino nem os interesses que serve. Há para isso os "ciclópicos trabalhos" de memorização para despejar em exames que são um jugo, há um sistema de faltas que obriga à figura de corpo presente em aulas, na maioria das vezes sem interesse, e há a escolha de matérias feita autoritariamente pelos professores.

● Creio que podemos falar em engarrafamento das possibilidades de emprego, quando pensamos em perspectivas de soluções profissionais. Porquê? Precisamente pelo desajuste existente entre o que se ensina na Universidade e as exigências de estrutura económica que cada vez reclama, com mais intensidade, técnicos bem preparados. O modo mais eficaz de arranjar trabalho acaba por ser o jogo das influências pessoais. E já nem falamos nos sectores onde há mais pessoas formadas do que exigem as necessidades...

Mais difícil ainda é o caso dos indivíduos sem o serviço militar cumprido, porque, nesses casos, as empresas não estão dispostas a admitir pessoas que terão de abandonar o emprego exactamente quando começavam a dar rendimento.

● Creio que os jovens mais conscientes adoptam, hoje, a posição de recusa perante uma hipótética integração na sociedade portuguesa. Mas isso envolve uma opção fundamental que já não permite pôr assim o problema, mas colocá-lo entre um destes minados tipos de sociedade, seja portuguesa ou qualquer outra do género e uma sociedade de tipo diferente, assente noutras bases materiais. Por exemplo, a sociedade portuguesa é na moral sexual mais puritana que a francesa. Os jovens recusam esse puritanismo, não porque o modelo para eles seja a sociedade francesa (pelo menos aqueles a que me refiro).

Resumidamente direi que a actual evolução sócio-económica portuguesa se caracteriza por uma necessidade de abandono de formas tradicionais, sem proveito dum maior liberalismo europeizante, sem que isso se traduza numa verdadeira alteração de posição entre as classes.

● Creio que o "problema droga" não tem a importância que se lhe atribui. Nem só o haxixe ou a marijuana são drogas e nem só o uso destas serve para adormecer as pessoas. A relevância que se dá a este problema é já em si uma droga, ao lado das notícias sensacionalistas de crimes ou de reportagens repletas de coscuvilhice sobre a vida dos artistas de cinema, para distrair as pessoas dos verdadeiros problemas sociais. É bem certo que enquanto se pensa nisso não se dá atenção ao custo de vida, nem às suas causas, ao problema habitacional, ou ao da insuficiência de salários. E também me não parece que se resolva aumentando a rigorosidade das penas ou com maior

PENTA-TAB-2-74

PLAZA
INTERNACIONAL

para quem conhece o mundo
e o sabor das melhores
coisas do mundo

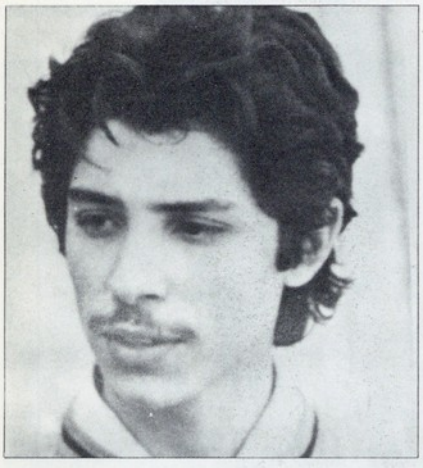
Um novo cigarro. PLAZA Internacional. O novo sabor Plaza.
Um cigarro de nível internacional.
Um acto de escolha e de afirmação própria.
O seu Plaza. Em qualquer circunstância. Sempre.
Extra Longo. ®Filtro Triplo Ventilado.
Duas vèzes mais eficaz!

PLAZA a sua afirmação pessoal

JOVENS 72

severidade da forças policiais. Seria necessário atacar-lhes as causas e aí é que talvez nem toda a gente esteja de acordo.

● Há um tipo de música portuguesa empenhado na modificação do actual estado de coisas, como, por exemplo, a de José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, José Mário Branco, Carlos Paredes ou Francisco Fanhais. Em contrapartida, existe a imensa fila de cançonetistas fazendo música para ganhar dinheiro e entreter os ouvintes com questões, de touros, amor e ciúmes ou, ainda, a música dos festivaleiros que, sob outras formas, pretendem a mesma coisa.



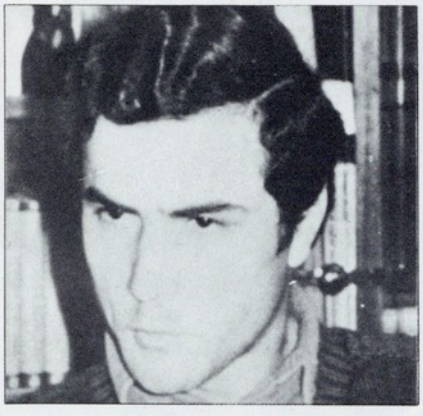
António Castanheira, aluno do 4o. ano da Faculdade de Filosofia de Braga. Natural de Lisboa, onde nasceu há 22 anos.

● Há que ter perspectivas nos métodos de ensino. E creio que a imaginação deve entrar em todo o estudo. Este terá de ser uma inventiva e, como tal, é necessário que o sistema de ensinar se coadune ao sistema de educar. Por outro lado, convém que se tenha bem clara a noção de cultura. Esta deve ser entendida como alguma coisa sempre a constituir. Por isso, cada nova geração de estudantes tem se constituir uma nova cultura. Urge, portanto, sobretudo no ensino superior, acabar com o ensino monolítico e a enveredar pela Universidade multifacetada. Numa sociedade com múltiplas correntes de pensamento e modos de viver, o ensino livre será fundamental. Isto implica que o ensino em Portugal, regido quase totalmente pelo Estado, deveria tentar novas formas.

● É fácil verificarmos que, hoje, o indivíduo tira um curso para conseguir uma colocação. Existe, na verdade, um enorme fosso entre a formação do estudante e a actividade a exercer. Esta descontinuidade entre a escola e actividade é fruto da imperiosa sujeição ou aceitação a colocações que nada têm a ver com a realização pessoal. No caso da Faculdade de Filosofia de Braga, a regulamentação ao nível de ensino oficial ainda não está feita. Mas, pergunto, ainda: Para que serve um filósofo? Se não for um dos raros privilegiados, serei um indivíduo que se verá obrigado a fazer qualquer coisa na vida.

● A sociedade portuguesa encontra-se no ponto de passagem de rural para o urbano, com a futura possibilidade de enveredar pelo tipo industrial. Pôr-se-ão, então, problemas de certo descrédito, fruto de fenómenos de insatisfação e desenraizamento. No momento actual deve-se assinalar, também, um certo "sugar" por parte de algumas regiões do País, o que cria inevitáveis diferenças económicas e culturais.

● A meu ver a actual literatura portuguesa caracteriza-se por preocupações críticas e teóricas que, naturalmente, a afastam do seu objectivo principal. A sociedade em que vivemos, por outro lado, não sente necessidade de ler. Pessoalmente prefiro a poesia de Ramos Rosa, Eugénio de Andrade, Gomes Ferreira e Fernando Pessoa.



Adriano Silva Santos, de 23 anos, natural da Vila da Feira e aluno do 4o. ano da Faculdade de Filosofia de Braga.

● São de pôr em dúvida todos os métodos em que se é obrigado a **impingir** livros e sebentas. E creio que, infelizmente, assim está o nosso ensino. Não são os livros que estão ao serviço do aluno, mas este ao serviço daqueles. Além, disso, ainda estamos longe do encontro entre o professor e o aluno. O mestre continua a situar-se muito acima do discípulo.

● Creio que, quando se é posto perante o problema das soluções profissionais, a maioria das vezes, o valor da cultura pessoal de cada um não é reconhecida. Consequentemente tem de se recorrer a outros meios.

● O estudante, em Portugal, é normalmente olhado quase como um peso morto. Não é considerado um elemento construtor da sociedade. Esta situação de dependência de modo algum pode beneficiar o trabalho do estudante.

● Julgo que a evolução social do País está ainda muito longe de ser o que sytorna necessário. Estamos longe dos processos que levariam a atenuar as desigualdades existentes pois os monopólios continuam a sustentar minorias privilegiadas.

Júlio Marques tem 18 anos. Natural do Porto, prepara-se para completar o 7o. ano do curso liceal. Depois, a Medicina será hipótese.

● Penso, sobretudo, no meu futuro profissional. É o meu maior problema. Da maneira que a vida está a evoluir, pergunto qual será o meu papel na futura sociedade. Embora pense tirar o curso de Medicina, já sei que vou deparar imensas dificuldades. A concorrência cada vez é maior.

● Para mim, no amor não conta a aparência física. Acho que há amor quando uma pessoa gosta de outra, desprezando todos os interesses marginais. É belo quando tudo é sincero. E não deve ser confundido com o sexo. Acho que neste aspecto se avançou de mais. As relações entre jovens foram muito facilitadas, excessivamente mesmo. Sou rapaz e gosto muito de contactar raparigas, mas creio que estamos a ir demasiado longe. Sou livre nas relações com as pessoas. Gosto muito de andar só, de passear. De pensar nos meus problemas. E quando estou isolado vejo e raciocino mais claramente.

PORTUGAL É UM JOVEM COM 830 ANOS

Apoiamo-lo há 89.
Conhecemo-lo no século passado.
Queremo-lo cada vez mais novo.
Estamos com ele no Comércio. Na Indústria.
Acompanhamo-lo no Estrangeiro.
Na Exportação e na Importação.
Investimos nele quando investimos em si.
Cremos na sua vitalidade. No seu desenvolvimento.
Contamos com a sua juventude de país jovem.
É a nossa força.
Acreditamos no futuro.

Banco Borges & Irmão

Texto de **PINTO GARCIA**
Fotos de **HENRIQUE MOREIRA**

Óscar Lopes é um nome grande da literatura portuguesa. E também um nome da política. Democrata íntegro, Óscar Lopes sempre soube defender, arrostando todas as incompreensões e perseguições, os seus princípios. No ensino, ele fez também uma carreira intocável, cortada no entanto, a cada passo, pelo poder do regime que dominou Portugal no último meio século. Ora o 25 de Abril veio transformar totalmente a vida de Óscar Lopes.

ÓSCAR LOPES: UNIR ESFORÇOS POR UMA FACULDADE NOVA

Com efeito, os estudantes da Faculdade de Letras do Porto, no decorrer de uma reunião magna, decidiram que Óscar Lopes devia ser o seu novo director. E ele, emocionado quando soube da notícia, quis corresponder ao apelo que lhe fizeram, à confiança que nele depositaram. Indiferente a horários de trabalho, esgotado por tantas canseiras e solicitações, Óscar Lopes é um homem feliz. Não o esconde.

– Nunca me senti a viver tão intensamente como agora. Estou, de facto, a viver um dos momentos mais apaixonantes da minha vida.

Indiferente a fadigas, procurando acima de tudo o êxito de uma tarefa que se propôs realizar com a ajuda de todos, Óscar Lopes não disfarça problemas nem se encolhe diante das naturais dificuldades.

– Do ponto de vista profissional, acontece que transitei de uma situação muito particular em que estava no ensino liceal, dando aulas numa turma do 1.º ano, fazendo uma experiência no ensino do Português ao utilizar na parte que diz respeito à gramática dados recentes da linguística e indicações das Matemáticas Modernas. Era um recurso, dado que estava impedido de ensinar as disciplinas, Filosofia e Literatura Portuguesa, que marcaram o início da minha carreira de professor. Mas, mesmo assim, a experiência que estava a realizar apaixonava-me. Ora passei do ensino liceal, de âmbito muito restrito, de ensinar a crianças de 12/13 anos, para director da Faculdade de Letras, cargo que nunca ambicionei e que julgo estar acima da minha experiência actual, mas que, por um conjunto de circunstâncias, me vi forçado a aceitar. De facto, a situação na Faculdade de Letras do Porto era extremamente difícil, ao contrário do que sucede na de Lisboa, onde figuras como o prof. Lindley Cintra e a prof.ª Maria de Lurdes Belchior, pelas suas posições nitidamente democráticas, estavam muito prestigiadas ante os alunos e, por isso, tiveram possibilidade de tomar a iniciativa de uma renovação partida dos quadros do professorado. Aqui, não. Na Faculdade do Porto, toda a movimentação partiu da base estudantil, de uma assembleia geral que não encontrou outra solução imediata se não a de pretender que eu fosse chamado à direcção da Faculdade. Para mim, foi um salto brusco. Por isso, vejo-me a braços, neste momento, com problemas imprevistos e extremamente delicados. No entanto, no fundo das preocupações, do imenso trabalho e do peso das responsabilidades que sinto nos meus ombros, confesso que me sinto alegre, não a título pessoal mas

Transmitindo toda a sua enorme soma de conhecimentos aos alunos, Óscar Lopes confessa, com humildade, que está a aprender com eles, em alguns aspectos, pois que são jovens na alvorada da democracia. EM BAIXO – A entrada de Óscar Lopes para dirigir a Faculdade de Letras iniciou todo um processo de renovação naquele estabelecimento de ensino universitário, que envolve alunos, professores e empregados.

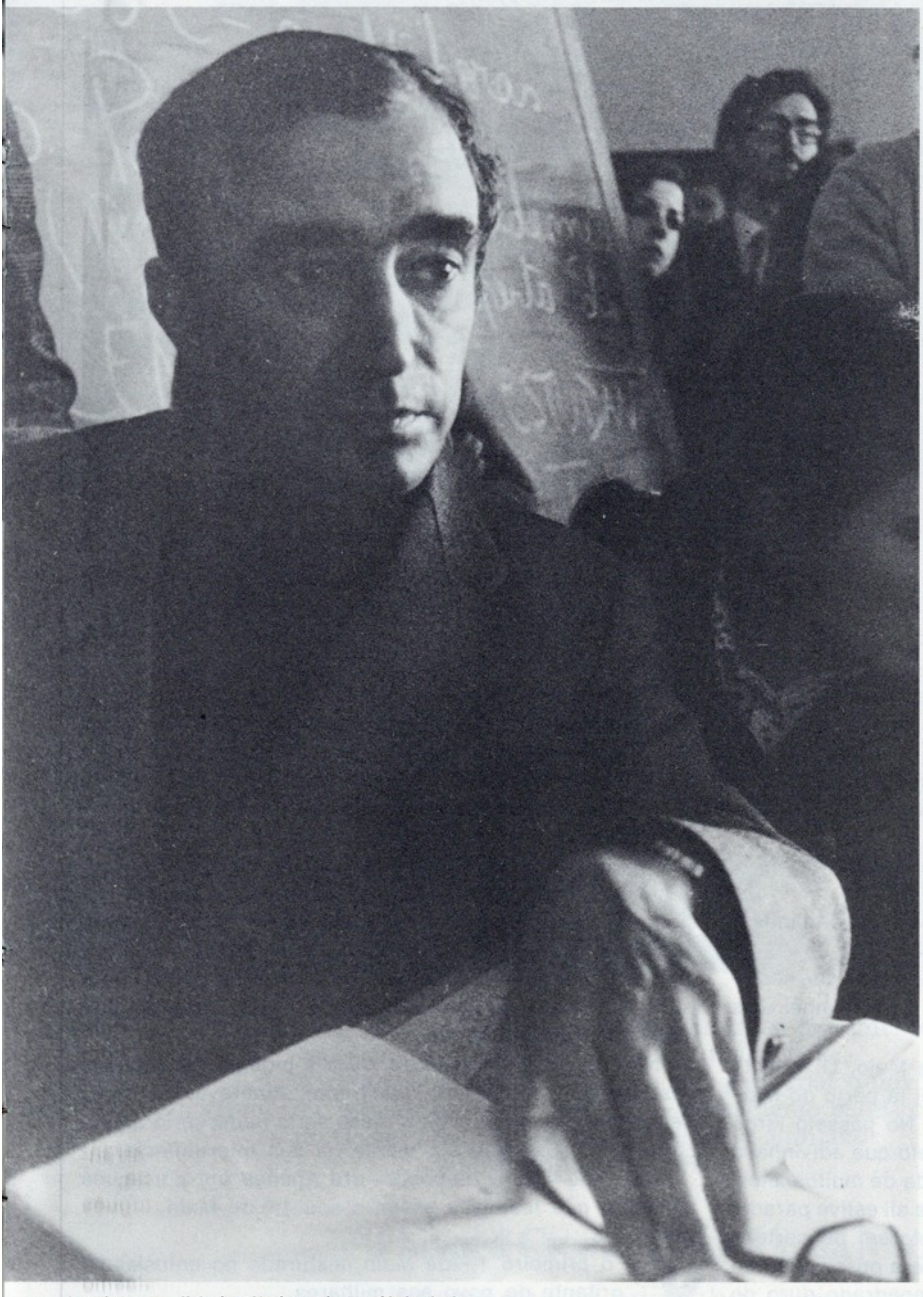
Óscar Lopes vive uma experiência nova aos 56 anos. Director da Faculdade de Letras do Porto, por imposição dos estudantes, ele consagra todas as suas energias ao êxito da tarefa que contempla milhares de alunos: «Acho admirável que os estudantes chamem a si responsabilidades pesadas, discutam vivamente, com entusiasmo transbordante, com generosidade mas também com senso da realidade e do possível, combinando esforços no sentido de fazerem, pelas suas próprias mãos, uma Faculdade nova...»

por que vejo uma dinamização nova nas relações entre estudantes, entre professores. Vejo uma criatividade nova, para além dos erros, das colisões, dos conflitos, empenhada numa renovação de todas as estruturas da Faculdade.

Óscar Lopes não disfarça o seu entusiasmo, não esconde a colaboração que está a receber da parte dos professores e, sobretudo, dos alunos, que em total liberdade não fogem às responsabilidades que assumiram.

– Acho admirável que os estudantes, raparigas e rapazes, chamem a si responsabilidades pesadas, discutam vivamente, com entusiasmo transbordante, com generosidade mas também com senso da realidade e do possível, combinando esforços no sentido de fazerem por si, pelas suas próprias mãos, uma Faculdade nova. Assim, as estruturas democráticas da nova Faculdade de Letras vão-se criando pouco a pouco. Em poucas horas foi convocada uma aula magna com concepção diferente das tradicionais. Mais exactamente uma assembleia geral da Faculdade, integrando todos os alunos, os professores e todo o pessoal auxiliar. Essa instituição auto-organiza-se, está em fase de definir a sua constituição, os seus trâmites, as suas regras de funcionamento. Por outro lado, surgiu uma assembleia de professores que elaborou um regimento interno, e apareceu também uma assembleia de empregados, como nunca sucedera antes. E surgiram infra-estruturas, como assembleias de secção, assembleias

ÓSCAR LOPES: "NUNCA ME SENTI A VIVER TÃO INTENSAMENTE COMO AGORA"



Licenciado em Filologia Clássica pela Faculdade de Letras de Lisboa, tendo cursado o Conservatório de Música do Porto e vários institutos de cultura estrangeira, crítico literário e ensaista de renome internacional, Óscar Lopes, durante muitos anos professor liceal, ensaia agora, à frente da Faculdade de Letras, a mais bela experiência da sua vida de lutador.

de anos, e debatem-se os problemas específicos, como os dos alunos voluntários, dos que prestam serviço militar, etc. E há todo um fervilhar de iniciativas, congregação de esforços, aflorando mesmo, por vezes, conflitos de interesses. Mas tudo isto é criador, é experiência. E eu sinto que, aos 56 anos, sobre certos aspectos, se dá em mim um regresso à adolescência, aquela juventude que não tive, e pela qual me sinto agora a passar na companhia e por contágio destes jovens. Estou a aprender com eles. Em alguns aspectos importantes, estão mais amadurecidos do que eu, pois tiveram uma oportunidade que não tive na altura deles. Eu era um jovem no decénio de 30, eles são jovens na alvorada da democracia. E a democracia permite uma maturação muito rápida, que acarreta inevitavelmente conflitos, erros, mas que é saudável por ser vida, realização colectiva, encontro de linguagem, encontro de formas novas de interdependência.

A Faculdade de Letras do Porto tem para cima de 3000 alunos e instalações que não os comporta, devidamente. A Faculdade está repartida por três edifícios, dois distanciados entre si umas centenas de metros, e um terceiro que fica a mais de dois quilómetros. A aula magna não comporta mais que umas centenas de estudantes, o que torna muito difícil a realização de reuniões, dado o interesse que estas despertam e a quantidade de pessoas que querem estar presentes e participar nos debates. Mas, miraculosamente, como numa colmeia, tudo funciona sem atropelos.

– Tudo funciona, de facto, apaixonadamente. Por isso eu vivo um dos maiores momentos da minha vida, por ver tantas centenas de pessoas a convergir, por vias diferentes, para um alvo que se define de dia para dia. E tudo isto modificou a minha vida. Como político, antes do 1.º de Maio, o meu esforço principal estava concentrado em problemas de ordem de organização dentro do Movimento Democrático, a cuja comissão executiva pertenço no Porto. Trabalhava até às quatro horas da madrugada, nunca imaginando que tivesse energias para esforços e debates aturados até tão tarde. Subitamente, no 1.º de Maio, quando regressava daquela admirável manifestação que ele foi, ao chegar a casa tinha a notícia de que estava feito director da Faculdade de Letras do Porto. A partir disso, os problemas da Faculdade, que são também políticos, embora de política escolar mas que se entrosa com a outra, obrigam-me a consagrar-lhe o máximo das minhas energias. E vou encontrar problemas novos, localmente novos, pois no fundo o problema geral é o da experiência da democracia, dessa experiência de que estávamos completamente afastados há quase meio século e que hoje se processa com uma exigência de atenção, com uma precisão de dados, com uma consciência de meios, de fins, de táctica e estratégia como nunca existiu no nosso país. Não se pode comparar a complexidade, as exigências de uma democracia em Portugal, aqui e agora, com as, por exemplo, de 1910, no tempo da proclamação da República, ou com as da Revolução Liberal. A ordem de grandeza e de complexidade dos problemas actuais é imensamente maior, mas por isso mesmo mais interessante, mais potencializadora das minhas energias. Eu sinto uma grande alegria de estar a viver este momento. Nunca me senti a viver tão intensamente como agora. ■

CRÔNICA DOS NOSSOS DIAS

Por CARLOS CASCAIS

1.º DE MAIO

Vivi o 1.º de Maio!

Mas também senti o 1.º de Maio!

Vivi o 1.º de Maio no entusiasmo gritante do povo aos milhares.

Senti o 1.º de Maio no «viva!» saído a medo duma garganta apertada ainda na surpresa de poder livremente expandir-se.

Vivi o 1.º de Maio nos «slongans» cantados, nos cartazes, nos automóveis enfeitados de cravos, no buzinar estridente.

Senti o 1.º de Maio nas colchas às janelas nas ruas sem movimento.

Vivi o 1.º de Maio nos pontos em que o povo manifestou, unido, a liberdade alcançada.

Senti o 1.º de Maio na alegria isolada dos que festejavam para si um dia que era de todos. Testemunhei dois destes casos.

Descia a avenida Fontes Pereira de Melo. O trânsito intenso fez-me parar o automóvel já perto do Marquês de Pombal. Olho à direita. No passeio largo uma velhinha, toda vestida de preto (preto que adivinhava luto), saia e blusa do povo, cara enrugada de muitos anos, pulava e batia as palmas. Alguns minutos ali estive parado. Quantos? Não sei precisamente. Mas foram de certeza muitos para que me interrogasse como era possível àquelas pernas idosas pularem tanto no empedrado duro do passeio, alheada de tudo. O entusiasmo e o barulho vinham de todos os lados, mas para ela a festa eram as suas palmas e os seus pulos.

Segundo caso considero-o ainda mais insólito.

A necessidade de indagar o horário de um comboio fez-me deslocar a Santa Apolónia. Ao passar em frente do Campo das Cebolas, encontro no meio da rua, separando o movimento ascendente e descendente, um homem dos seus quarenta anos, de braço erguido e dedos em V de vitória. Nada de especial o caso tinha, de momento. Para mim era apenas um transeunte que ao atravessar a rua tivera de parar e fazia alegremente aquele gesto para os carros que pssavam.

Ao voltar alguns minutos depois pelo mesmo caminho, lá estava ainda o homem no mesmo local e na mesma posição. E quando, três horas mais tarde, voltei a Santa Apolónia à chegada do comboio, encontrei ainda o homem de braço estendido fazendo V com os dedos. Pelo retrovisor pude ver que alternava o braço erguido, num descanso compreensível.

Não resisti à tentação de parar e indagar de algumas pessoas que no passeio em frente admiravam a cena. Se fossem alguns copitos a mais, seria necessário arrancá-lo dali, não fosse ser vítima da sua imprudência.

Que não – foi a resposta – era apenas um português satisfeito que festejava assim o seu 1.º de Maio.

Vivi o primeiro 1.º de Maio misturado no entusiasmo gritante do povo aos milhares.

Senti o primeiro 1.º de Maio na alegria isolada dos que festejavam para si um dia que era de todos.

ESPIRAL-adap

Whipped Creme Make-Up da Max Factor
O tom delicioso da beleza hidratante

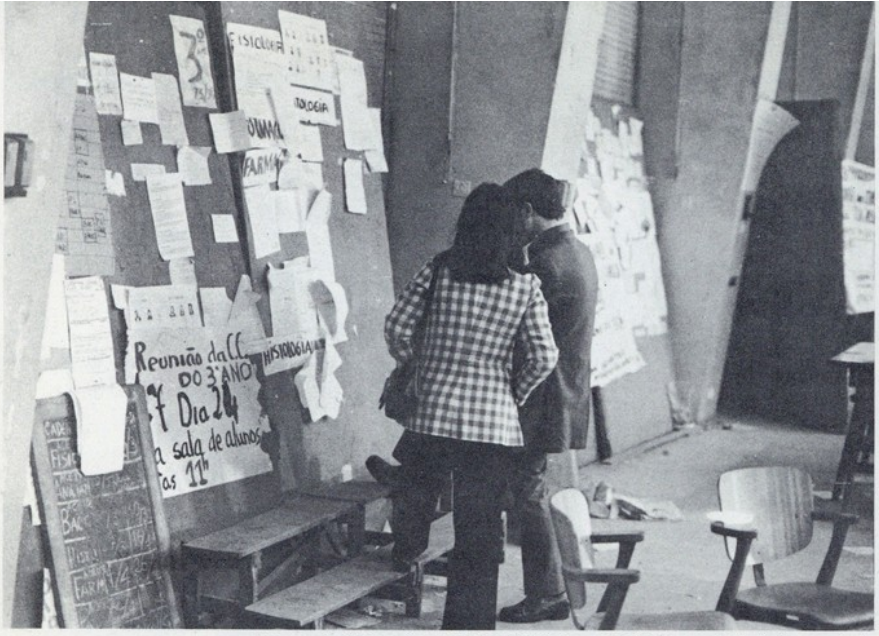
Imagine o que acontece a um batido de natas: lentamente vai ficando mais leve, mais fofo, mais macio...
Foi nisso que se inspirou a Max Factor, para criar o novo Whipped Creme Make Up, uma base – lentamente batida com preciosos agentes hidratantes, que dão alimento e juventude à sua pele.

Whipped Creme Make-Up da Max Factor

a beleza que se adivinha

MAX FACTOR & CO. ALL RIGHTS RESERVED UNDER INTERNATIONAL COPYRIGHT CONVENTIONS

Do mundo maravilhoso da MAX FACTOR. Naturalmente



Recusa da integração de Veiga Simão no novo Governo; destruição completa de organizações fascistas, na Universidade, gestão autónoma dos serviços pelos próprios utentes constituem, entre outras, reivindicações estudantis.

Logo que a Junta de Salvação Nacional permitiu a reabertura das Associações Académicas, todos os estudantes de Lisboa se reuniram, nas respectivas faculdades, para analisar a conjuntura actual do País e as suas incidências no ensino. Cerca de 8000 estudantes universitários e liceais participaram num plenário realizado no Instituto Superior Técnico, durante o qual foram aprovadas propostas tendentes à reorganização do ensino.

EMBORA sensivelmente divididos por razões de carácter ideológico, os estudantes afirmam unanimemente que a tomada do Poder pelas Forças Armadas não foi uma revolução popular. Porém, consideram que se conseguiram algumas conquistas. A este propósito, a Fernanda Pedroso, estudante universitária, opinou:

Creio que a população portuguesa obteve algumas conquistas, tais como a extinção da

Oito mil estudantes de todas as faculdades e liceus de Lisboa reuniram-se em plenário no Instituto Superior Técnico, onde deixaram bem vincadas as suas exigências

ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS RECLAMAM A GESTÃO ESCOLAR

Texto de
DIONÍSIO DOMINGOS
Fotos de
ANTÓNIO XAVIER

ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS RECLAMAM A GESTÃO ESCOLAR

P. I. D. E./D. G. S., Legião Portuguesa e outras instituições, que eram fortes baluartes do regime derrubado. Por outro lado, parece-me importante proceder-se à modificação das estruturas escolares, de maneira a permitir o acesso de toda a população ao ensino e melhorar os programas.

ASSOCIAÇÕES ESTUDANTIS: NOVOS HORIZONTES

Durante a ditadura de Salazar, seguida pela de Marcelo Caetano, os estudantes do ensino superior foram muito perseguidos pelas forças policiais. O movimento associativo desenvolvia uma actividade mais política do que académica, a qual se traduzia na efectivação de greves, manifestações, destruição de instalações escolares. A fim de evitar a acção dos estudantes, o Governo de Marcelo Caetano, por intermédio da P. S. P., D. G. S. e, mais tarde, com a integração dos chamados "gorilas" nas faculdades de Letras e de Direito, já que não o conseguiu nas outras, em virtude da oposição estudantil, respondia com a repressão.

A mudança de regime permitiu aos estudantes, em reuniões diárias, a discussão dos seus problemas.

Cerca de 8000 estudantes de todas as faculdades e liceus de Lisboa reuniram-se em plenário no Instituto Superior Técnico, o qual se realizou ao ar livre, pois que o pavilhão não podia albergar toda aquela multidão. Enquanto o megafone não aparecia, os estudantes empoleiravam-se, frenéticos, nas árvores, paredes, postos. Entretanto, estudantes representantes das faculdades e liceus tomavam lugar na mesa. Através do megafone eram transmitidos comunicados sobre a situação política espanhola e informações sobre todas as faculdades de Lisboa.

Entre os numerosos jovens encontravam-se alguns operários. Um deles subiu à tribuna, improvisada, e arrebatando o megafone a um estudante que entretanto falava disse:

O povo português nunca dispôs dos seus próprios destinos. E mais à frente:

Não é o povo que está no Poder e o povo sabe-o.

REESTRUTURAR O ENSINO

Todas as associações estudantis estavam impedidas de desenvolver qualquer actividade. De há dois anos a esta parte que as aulas decorriam acidentalmente, com greves constantes, manifestações, prisões. Apesar disso, os estudantes da Faculdade de Economia conseguiram, podemos dizer, gerir a Faculdade, a tal ponto que seleccionaram grupos de estudo que traduziram capítulos de "O Capital" de Karl Marx, debatido nas aulas. No Instituto Superior Técnico a situação era mais grave. No início deste ano, o director Sales Luís suspendeu e recusou a matrícula a numerosos alunos.

Nos últimos oito anos, as associações, especialmente a do Técnico, têm estado mais tempo encerradas do que em funcionamento.

Tomado o Poder, a Junta de Salvação Nacional permitiu a sua imediata reabertura. Neste momento, estudantes e professores procuram a reestruturação do ensino universitário e sua gestão.

ESTUDANTES QUEREM DECIDIR

Em reuniões já efectuadas, os estudantes aprovaram propostas em que exigem a eliminação de decretos sobre incorporações, reprovações consecutivas, expulsões e suspensões. Exigem a expulsão de contínuos e professores ligados à ex-P. I. D. E./D. G. S. Recusam a integração de Veiga Simão no novo Governo. Pedem a destruição completa de organizações fascistas na Universidade, tais como a C. I. T. U., Serviços Sociais, Procuradorias e Frente Universitária, e a gestão autónoma dos serviços pelos próprios utentes.

Enquanto os representantes directivos apelam para o fim da guerra colonial e consequente entrega dos territórios aos movimentos de libertação, um outro operário faz questão de ler um comunicado. A mesa não deixa. Mas a massa de estudantes, em uníssono, exige a presença do operário que, assaz emocionado, lê:

Temos de lutar no sentido de libertar as massas trabalhadoras.

Substituir o Estado fascista por um Estado proletário.

Queremos Paz, Liberdade, Democracia!

Quando o operário acabou, a multidão vibrava e exteriorizava palavras de ordem.

O plenário chegara ao fim. Mais reuniões se têm seguido. Os estudantes querem participar activamente na gestão da escola.

A confirmar isto, o estudante António Diogo sugeriu:

Acho que devemos aproveitar esta abertura para democratizar o ensino. Promover a ligação entre alunos e professores na gestão escolar.

Por outro lado, temos de agir no sentido de consciencializar política e ideologicamente todos os estudantes, a fim de solidificar a sua união.

Close-up

segura de si... mesmo de muito perto!

E de muito perto se descobre se o hálito é puro, fresco,
e, se os dentes estão realmente brancos.
Close-up possui um purificador de hálito e dois agentes de limpeza.
Close-up, o único dentífrico translúcido!
Agora nas variedades vermelho e verde – duas cores, dois sabores.

JOSÉ MÁRIO BRANCO: OS TEMPOS MUDARAM A LUTA CONTINUA

Texto de ANTÓNIO AMORIM/Fotos de CARLOS GIL

José Mário Branco, finalmente entre nós. Não apenas a voz que os Portugueses conheciam através das suas canções (nem todas). Exilado em Paris, as portas do seu país abriram-se-lhe, agora, como para muitos outros a quem a ditadura impusera o abandono do seu povo. "Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontades" e "Margem de Certa Maneira" foram dois dos seus principais trabalhos realizados em terras de França. Ao fim de onze anos na situação de desertor do Exército português José Mário Branco, com 31 anos, casado e pai de dois filhos, continua a luta de reivindicações das massas populares, na metrópole e no seio da emigração, com novas perspectivas de actuação que a instauração das liberdades democráticas no País permite e exige.

NA manhã do dia 25 de Abril José Mário Branco deixou a sua casa para se embrenhar no movimento frenético das ruas de Paris. Poderia ter sido um dia como tantos outros. Não foi. A milhares de quilómetros de distância, uma das últimas ditaduras da Europa Ocidental estrebuchava às mãos de soldados e povo, unidos na mesma ânsia da conquista da Liberdade. A notícia chega-lhe por um camarada. Agora em Lisboa, e ainda com a alegria brotando das palavras, ele conta como aconteceu:

Quando saía de casa, às oito e meia da manhã do dia 25, um camarada informou-me que estava a decorrer um golpe militar, que seria um movimento mais ou menos inspirado nas teses já expostas do general Spínola. A minha primeira reacção foi, sem dúvida, de grande alegria pela queda do Governo de Marcelo Caetano. Mas, confesso, pus certas reservas quanto aos resultados do golpe, como certamente fariam todos os portugueses nas minhas circunstâncias que não estivessem bem ao corrente do que se estava a passar. Desejei, sobretudo, ter informações mais precisasxxxxxxx dos acontecimentos. De repente, senti uma enorme vontade de estar aqui, de vir imediatamente, que tentei refrear pesando todas as coisas.

José Mário Branco saiu de Portugal motivado essencialmente por uma recusa ao cumprimento do serviço militar. Em última análise, como ele próprio frisa, foi "uma recusa de participar numa guerra de opressão fascista e colonialista dos povos africanos". Em 1963, com uma experiência de prisão relativamente recente, e depois de ter consultado alguns camaradas, decidiu juntar-se a outros companheiros de exílio. Aproveitou o passaporte anterior à sua prisão, ainda válido por quinze dias, e passou despercebido na fronteira juntamente com familiares que, no dia 10 de Junho, se dirigiam para Vigo. Tomou imediatamente o rumo de Paris, onde residiu até hoje. Anos mais tarde, iniciou a actividade musical de luta no seio da emigração. O valor do trabalho do artista popular veio a ser reconhecido em Portugal através da atribuição do Prémio da Imprensa. Um período de actividade artística que decorreu, portanto, sob determinados condicionalismos.

Como artista popular, a minha actividade foi condicionada, durante o tempo de exílio, por uma tomada de consciência política quanto ao papel que pessoas como eu poderiam representar na luta política ao nível cultural e, ao mesmo tempo, informado por uma grande modéstia quanto à competência e possibilidades de fazer qualquer coisa nesse plano. Modéstia que é o congregar de duas ideias: um certo número de certezas ao nível ideológico e político, certezas que não são nossas apenas, mas de muita gente; e incerteza quanto à minha possibilidade de traduzir, a todo o momento, dentro da melhor forma possível, essas coisas ao nível da música popular. Verifiquei que existia um grande vazio ao nível popular e que homens como o Zeca Afonso, por exemplo, a um nível ou o Fernando Lopes Graça e Michel Giacometti a outro nível, se encontravam muito sozinhos, embora fossem desde há muito tempo pioneiros. Era tempo, portanto, de que gente como nós fosse na esteira deles. Tentando alarmar e tornar mais actuantes, talvez, todas as suas propostas. A partir daí, comecei a compor com uma série de hesitações normais, pois as pessoas vão evoluindo e aprendendo tanto ao nível da fabricação dos produtos culturais como ao nível ideológico e de uma prática política. Tentei, sobretudo, integrar-me directamente naquilo a que poderemos chamar movimento associativo democrático e popular no seio da emigração portuguesa, muito numerosa, pois que só em França há 800 mil trabalhadores portugueses. É nesse plano e a esse nível que, desde há cinco anos, tenho tentado funcionar de uma forma prioritária.

O trabalho de discos, especialmente os que passaram a ser conhecidos em Portugal, foi importante, na medida em que constituiu uma experiência que me pôde ajudar e também a outros camaradas a compreender um certo número de coisas, a utilizar meios que, doutra

Onze anos depois o regresso a casa, o fim de um exílio imposto e a serena alegria da mãe.

JOSÉ MÁRIO BRANCO: UMA RESPONSABILIDADE A VIVER JUNTO DOS NOSSOS EMIGRANTES

forma, não seriam aproveitados e a fazer passar, ao nível de um sistema de imprensa, de rádio, televisão, etc., que, como se sabe, estava aferrolhado por uma censura e repressão totais, um certo número de ideias.

AO SERVIÇO DO POVO TRABALHADOR

Entretanto, novas perspectivas se abrem ao trabalho de José Mário Branco, bem como a outros camaradas que sofreram a perseguição das forças do fascismo. A queda da máquina censória, a liberdade de expressão, a necessidade de reconstrução de um país em bases verdadeiramente democráticas exigem e permitem uma actuação musical em novos moldes. José Mário Branco explica:

Será um trabalho completamente diferente. Não na sua essência. Já há muito tempo que tento defender, através do que faço, os interesses da classe trabalhadora. Continuo, tal como outros camaradas, a defender inabalavelmente essa perspectiva. Simplesmente, temos, agora, meios e possibilidades de o manifestar de uma forma totalmente diferente e muito mais avançada. Além disso, temos todos, não só os que cá estavam mas também os exilados, como o Sérgio Godinho, o Luís Cília, o Francisco Fanhais e outros, a possibilidade de realizar esse trabalho aqui em Portugal, no seio do povo em luta. É, na verdade, uma oportunidade que seria criminoso não aproveitar para, mais que nunca, pôr o nosso trabalho até à última gota de energia ao serviço das lutas do povo trabalhador. Assim, teremos de reflectir no sentido de, por um lado, colocarmos a nossa prática de artistas ao serviço dessas lutas, sem abandonar todos aqueles que ainda estão emigrados — porque pode já haver um Portugal de onde não seja necessário exilar-se, mas ainda não há um Portugal de onde não seja preciso emigrar — e encontrar, por outro lado, ao nível do povo, aquilo que melhor pode traduzir os seus anseios e as suas aspirações.

Logo que chegou a Portugal, José Mário Branco anulou o contrato com a etiqueta para a qual gravava. Poucos dias depois, um comunicado tornado público dava a conhecer a constituição de um Colectivo de Acção Cultural. Nele se integram, entre outros, José Letria, José Mário Branco, Franscisco Fanhais, Zeca Afonso, Adriano Correia de Oliveira e Luís Cília.

Resumindo as ideias mestras deste comunicado conclui-se que a criação deste Colectivo surge com base em três pontos: primeiro, que se coloque ao serviço dos interesses das classes trabalhadoras e da defesa das reivindicações que são, duma forma abreviada, a luta pela paz, pelo pão, pela terra, pela independência e pela liberdade; segundo, formula-se uma saudação à grande vitória do 25 de Abril e ao Movimento das Forças Armadas Portuguesas, colocando-se os artistas populares na posição de apoiar as conquistas assim realizadas pelo povo português e prontos a lutar com todos pela confirmação, reforço e alargamento dessas conquistas; terceiro, declara-se que a sua acção será desenvolvida, pelo menos inicialmente, no campo da música e da canção popular, dada a composição actual desse Colectivo, mas que não exclui o alargamento a outras formas de expressão. Finalmente faz um apelo a todos os artistas populares que queiram aderir a esta nossa posição para que se lhes juntem.

Há, portanto, um assumir de responsabilidade da parte dos artistas populares antifascistas, anticolonialistas e anti-imperialistas e uma adesão profunda da nossa parte às necessidades actuais de desenvolvimento do movimento democrático e popular em Portugal. Para além destes põem-se outros problemas que estão em discussão entre nós e que se irão confirmar numa prática quotidiana ao serviço das lutas como seja, por exemplo, a necessidade de darmos atenção ao grande recrudescimento que vai verificar-se, no seio do povo, de artistas verdadeiramente populares e de aprendermos com eles a traduzir esses anseios e essas aspirações do povo. Estudar-se-ão, além disso, formas estruturais de organização, problemas materiais, formas de participação em espectá-

No próprio dia da chegada, dedilhando a viola em casa de amigos. Ao lado está Francisco Fanhais. À DIREITA: O reencontro com companheiros da luta pela liberdade, Zeca Afonso, Fanhais, Adriano C. Oliveira e outros. EM BAIXO — Com o pai à sua chegada a Lisboa.

culo, de edição de discos, de recolha de fundos, de material sonoro para espectáculos de sala ou de rua, etc.

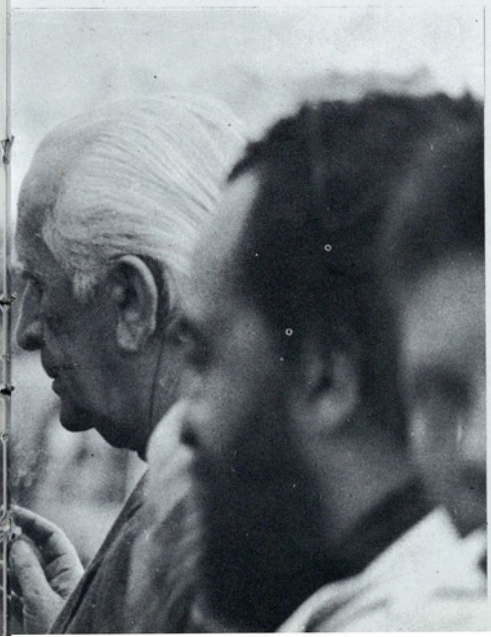
DESERTORES POR ENQUANTO...

Quando falámos com José Mário Branco ainda a Junta de Salvação Nacional não se tinha pronunciado sobre o problema dos desertores e refractários, o que veio a acontecer no dia seguinte. Assim, a todos os desertores e refractários foi dada a possibilidade de regressarem ao País. Mas estará definitivamente resolvido o seu problema? Diz José Mário Branco:

A minha posição, que é, de resto, a de vários camaradas com os quais já tive ocasião de conversar, é a seguinte: nós desertámos do exército colonial fascista. No meu caso há onze anos. Sabemos que há, hoje, na Europa, 107 000 desertores e refractários, o que representa, mais ou menos, cerca de dez por cento do contingente total chamado às armas durante o período da guerra contra os povos africanos. Estamos conscientes que muitas dessas recusas não foram feitas por camaradas conscientes da significação política do seu acto. Muitos jovens talvez tenham recusado a guerra pelo simples facto de uma tomada de consciência a um nível social ou económico que se aproxima bastante da tomada de consciência que leva o trabalhador agrícola ou o operário a emigrar para o estrangeiro. De qualquer forma, o nosso trabalho no seio da emigração tem sido, em relação aos desertores, de lhes dar cada vez mais consciência da significação política profunda do seu acto de deserção, que vai muito além da deserção económica ou social, na medida em que significa uma tomada de posição de solidariedade objectiva com a luta justa dos povos africanos das nossas colónias pela sua independência nacional.

Ora, se nós desertámos por tais motivos não deixaremos de ser desertores enquanto essas causas não desaparecerem. No entanto, acontece que estão (ou vão ser) criadas, actualmente, condições em Portugal para que essa campanha de explicação ao povo trabalhador seja feita com liberdade de expressão. Penso que o nosso papel de desertores politicamente conscientes deve ser o de fazermos, no País e no seio da emigração, uma grande campanha com a ajuda de todos os militantes do movimento democrático e popular para explicar ao nosso povo as razões por que uma grande parte da juventude portuguesa, chamada ao Exército, recusou essa chamada. Para explicar que os interesses profundos de classe do povo português são, exactamente, os mesmos dos povos africanos que os diferentes regimes portugueses ao longo dos séculos têm dominado, explorado e aniquilado e que têm transformado em alvo dum genocídio sistemático ao nível cívico, cultural e civilizacional.

A nossa solidariedade com a vanguarda desses povos, que são a Frelimo, o M. P. L. A. e o P. A. I. G. C., deve ser, mais do que nunca, manifestada duma maneira total. Portanto, nós não deixaremos de ser desertores enquanto pelo menos uma parte do Exército português mantiver essa ambiguidade de em Portugal defender as liberdades, a democracia, os interesses das classes trabalhadoras e nas colónias portuguesas de Angola, Moçambique e Guiné defender os interesses do capitalismo monopolista português e internacional face aos interesses dos povos das colónias. Não podemos aceitar esse estado de coisas. Temos de aproveitar o momento actual para defender, mais do que nunca, o direito dos povos das nossas colónias à independência imediata e completa e ao reconhecimento do estado soberano da Guiné-Bissau, pronunciado pela primeira grande assembleia nacional dos deputados do povo da Guiné no Verão do ano passado.



NÃO PODEMOS ABANDONAR OS EMIGRANTES

Lutador no seio da emigração e conhecedor dos problemas que afectam milhares de portugueses que trocaram a sua terra em demanda de novas condições de vida, José Mário Branco pensa que existem aspectos que devem ser encarados frontalmente, para além dos de ordem fundamental cuja resolução não se vê para breve:

Uma reivindicação actual de todos os exilados, e dos desertores que considero como exilados políticos, é a liberdade de poderem entrar e sair do País com os seus passaportes concedidos como a todo o cidadão português. E porquê? Penso que pessoas como eu, que há muitos anos estão no seio da emigração a tentar, por um lado, compreender quais os interesses profundos dos trabalhadores emigrados, que, como se sabe, são constituídos na sua maioria por camponeses do Centro e do Norte do País, devem ter um grande cuidado para, apesar de todo o entusiasmo que nos leva a desejar estar presentes, aqui, na grande luta que se está a desenvolver, não esquecer que não podem deixar os 800 mil portugueses da França, dos quais 80 mil são desertores, os dois milhões de portugueses emigrados, 107 mil dos quais são desertores e refractários do Exército português, entregues a todas as possibilidades de manobras de elementos fascistas que podem ainda encontrar-se no seu seio.

Não devemos querer que os militantes associativos, sindicais, políticos que ainda estão entre os emigrantes abandonem o seu posto e as suas tarefas para virem para Portugal. Penso no entanto que os militantes desertores mais conscientes da situação devem vir a Portugal para pesar o mais possível nas decisões que serão tomadas quanto à sua situação, e, sobretudo, quanto à atitude a tomar em face do problema do ultramar.

O problema fundamental da emigração está muito longe de ser resolvido. Mas temos de conseguir, o mais depressa possível, e através dum desenvolvimento de lutas e do movimento de massas, um Portugal, na minha opinião, socialista, donde não precisemos de emigrar para subsistir. Isso põe em causa, parece-me, bases fundamentais do que tem sido o regime capitalista e fascista português até hoje.

PARIS DOS PORTUGUESES EM DIA DE LIBERTAÇÃO

Texto e fotos de MARTA DO CARMO VASCONCELLOS (Correspondente de «Flama» em Paris)

«Lisboa perto e longe
...
Lisboa tem um cravo em cada mão
tem camisas que Abril desabotoa
mas em Maio Lisboa é uma canção
onde há versos que são cravos vermelhos
Lisboa que ninguém verá de joelhos.»
...

(Manuel Alegre)

ESTAR em Paris neste momento em que Portugal muda de pele dá uma nova dimensão da distância para uns, do exílio para outros. Quando as notícias chegam limitadas ou contraditórias ou simplesmente não confirmadas, passadas por várias mãos em alguns minutos, a excitação propaga-se, as reacções multiplicam-se, as opiniões dividem-se.

Nas primeiras horas foi a dúvida quase geral. Rapidamente foi a correria, os projectos já possíveis de futuro, as atitudes a tomar, as perguntas a pôr(-se). A cada comunicado da Junta, a cada acontecimento de rua, a cada eco, recomeça a discussão dos porquês, dos prós e dos contras. Há os eufóricos, os tímidos, os que desconfiam. E depois há o espanto de todos: enquanto se mede, se pesa, enquanto se está a «decidir» se a notícia é «boa» ou «má», enquanto se hesita entre a dúvida e a grande alegria, chegam mais notícias, outras mudanças. O espanto de muito rapidamente se verem cumpridas as promessas de que se duvidou. Os acontecimentos ultrapassam-nos, a distância baralha-nos.

AS reticências das primeiras horas foram por alguns rapidamente esquecidas, tão rapidamente quanto postas em prática as liberdades propostas. Muitos sentiram que ou aderiam imediatamente (mesmo com reticências e reservas) e partiam saco às costas na hora, ou continuavam a ser ultrapassados pelos acontecimentos e

«tudo» se passaria sem eles. A ideia da grande festa, o «ambiente da libertação de Paris em 45» como anunciava a rádio francesa, soprepôs-se às perguntas e às dúvidas.

Entretanto, o medo de anos ia-se dissipando em horas nos «cafés dos portugueses» de Paris. Não se fala mais por monossílabos ou metáforas ou entre dentes; não se deitam mais olhares desconfiados para as mesas do lado. «E os pides de cá? Onde é que eles se meteram? Agora não se mostram!» Agora, grita-se, discute-se. Cinquenta anos de silêncio, de prudência, explodiram em poucas horas. Cadê os brandos costumes dos Portugueses?!

NO dia 26 de Abril à noite houve um encontro para decidir, ou não, de uma entrada em massa dos exilados, dos refractários, dos desertores. A essa reunião compareceram alguns membros de outros grupos, representantes mais politizados de uma classe trabalhadora emigrada, outra face da realidade portuguesa em França. Tomaram-se partidos, exaltaram-se os ânimos, o problema era a entrada em Portugal, para outros o problema era a sobrevivência em Portugal. Dessa reunião pouco festiva resultaram essencialmente duas atitudes distintas: a partida duns e a manifestação do dia 2 de Maio frente à Embaixada de Portugal para outros.

A grande leva partiu nas últimas 48 horas antes do dia 1.º de Maio; autocarros alugados, carros postos à disposição, listas dos que iam, dos que já podiam ir, dos que já não suportavam a ideia de ficar! Ir para ver, ver para acreditar, para estar, para rir, chorar, cantar, participar. Na livraria portuguesa da Rue Gay Lussac reinava a confusão total, animada pelo apoio e o olhar enternecido dum «há muito exilado» que repetia: «Isto agora é lá! Cá está visto! Lá é que é agora a festa, o trabalho, a vida! Cá é só conversa!». Nessa tarde a confusão era grande e a excitação maior! A divergência, os que não admitem «plataformas», a reacção, os problemas pessoais, o medo (ainda) de não ser verdade. O internacionalista que não vai porque «cá ou lá é o mesmo combate, Mário Soares ou Mitterrand ou Willy Brandt, enquanto o poder não for dos trabalhadores há que bater-se e não que transigir!»; o estudante, o intelectual que vai «para ver e para voltar, sem esque-

Passagem dos manifestantes por um destacamento da C. R. S. (polícia de choque) sem incidentes.

No 1.º de Maio, cerca de 100 mil pessoas compareceram no anorme parque da Courneuve. Aí, Georges Séguy, secretário-geral da C. G. T. saudou «a explosão de entusiasmo, de democracia e de liberdade em Portugal».
EM BAIXO – A caminho da Embaixada de Portugal.

cer os que cá ficam e o que será possível fazer por eles»; o baralhado, o político; o revolucionário teórico, e até, «hélas»! a corrida ao tacho! Passou por lá de tudo o que gritava. Só não constava a maioria silenciosa (silenciada) que ainda não recuperou a fala.

Nessas primeiras horas o consulado de Portugal em Paris, de cravo encarnado e sorriso na boca, distribuiu passaportes a uma velocidade nunca vista. Para os que se encontravam de repente, ao fim de cinco ou dez anos, com um passaporte verdadeiro e em ordem na mão era a euforia e o espanto. Contavam as páginas, viravam-no e reviravam-no, tiravam fotocópias!

NO dia 1 de Maio, dia da festa para uns, da luta para outros, houve duas manifestações:

Às 10 da manhã alguns grupos de portugueses de extrema esquerda (de cógula vermelha) e os da Liga Comunista Internacionalista aderiram à manifestação dos seus camaradas franceses do Front Communiste Revolutionaire e de outros grupos revolucionários como Lutte Ouvrière o F. H. A. R., o M. L. A. C., os anarquistas, etc., desfilando com bandeiras vermelhas e pretas entre a Praça da República e a Nation. Apoiados por demonstrações de solidariedade dos outros trabalhadores, franceses e imigrados, (especialmente pelos espanhóis!) os portugueses reivindicavam em cartazes e «tracts»:

– Liberdade para todos os presos políticos das colónias;

– Independência imediata e incondicional das colónias;

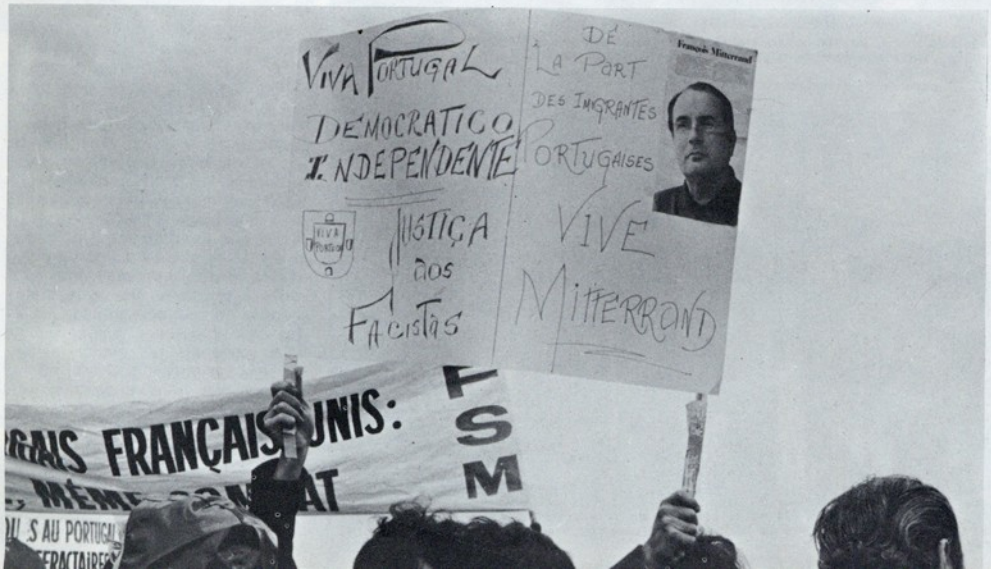
– Amnistia total para os desertores, os refractários e os exilados;

No mesmo dia à tarde, ao apelo dos sindicatos C. G. T., C. F. D. T. e F. E. N. cerca de 100 000 pessoas compareceram no enorme parque da Courneuve, numa manifestação de apoio à candidatura de François Mitterrand. Grande número de trabalhadores estrangeiros sindicalizados participaram nesta manifestação. Aí o 1.º de Maio foi dia de festa. Por todo o lado a rosa vermelha dos socialistas, os «badges» com palavras de apoio à luta do povo chileno, ou à união das esquerdas, havia o «muguet» tradicional e até quem vendesse «os amendoins da União»! **(les cacahuetes de l' UNIté)!**

Georges Séguy, secretário-geral da C. G. T., saudou «a explosão de entusiasmo, de democracia e de liberdade em Portugal» e transmitiu uma mensagem de solidariedade acabada de chegar do Estádio de Lisboa «onde os camaradas portugueses festejavam o 1.º de Maio na maior calma e alegria ao fim de 48 anos de ditadura» depois do que declarou Portugal ser actualmente «uma esperança para os povos oprimidos do Chile, da Grécia, etc. e uma alegria para todos nós», no meio dos aplausos da multidão e dos grupos de portugueses que ali se encontravam com cartazes de «Viva Portugal» e «Viva os povos independentes da Guiné, Angola e Moçambique», lágrimas nos olhos e sorriso emocionado.

«Naquele dia chorei de alegria! Nem trabalhei! Fui dizer ao patrão: você desculpe mas isto é o dia da liberdade da minha terra», dizia um trabalhador duns trinta anos, «uma linda lição de civismo e de 'humanidade' para o mundo e para o que estavam lá antes», dizia um velho comunista!

PARIS DOS PORTUGUESES EM DIA DE LIBERTAÇÃO



Apoiados por demonstrações de solidariedade dos outros trabalhadores – franceses e emigrados – os «portugueses de Paris» sairam à rua, reivindicando em cartazes e «tracts».

NO dia 2 de Maio, às 7 da noite, algumas centenas desfilaram entre a Place de la Muette e a Embaixada de Portugal, onde uma comissão entregou as reivindicações dos manifestantes: amnistia para desertores, refractários e exilados e a independência imediata e incondicional das colónias. A Polícia, devidamente prevenida por comunicado na imprensa da véspera, lá estava! Duas barreiras de C. R. S. uma no trajecto, outra barrando a entrada da Embaixada. Desfilaram com a calma suficiente para evitar a intervenção de tais forças, apesar de ter sido gritado bem forte – mas em grande ordem – «Morte à P. I. D. E.! Morte ao fascismo!» à passagem pelo primeiro destacamento de polícia.

Distribuiram-se «tract» da Liga Comunista Internacionalista, dum «grupo autónomo de trabalhadores nascidos em Portugal, explorados em França» denunciando o «capitalismo e o virar da casaca e o salve-se quem puder», e havia, além de uma massa anónima, grupos de africanos com cartazes da Unita. Pelas ruas mais ricas e burguesas de Paris, no 16º «arrondissement», soava «o poder aos trabalhadores», «o povo unido jamais será vencido», **pas un sou, pas une arme pour la guerre coloniale,** misturado com os «slogans» lançados por alguns franceses anarquistas que se juntaram e que cantavam para os automobilistas engarrafados **Nous, on s'amuse! Eux ils s'emer-dent!»** como nas manifestações contra a poluição! e o «Grândola, Vila Morena» e a «Internacional»!

O Comité National de Soutien aux Luttes dans les Colonies Portugaises promove para dia 8 um **meeting** de «apoio total» ao M. P. L. A., ao P. A. I. G. C. e à Frelimo, exigindo basicamente o retirar imediato do apoio dado pelo Governo Francês à guerra colonial. Membros deste «comité» manifestaram-se com os portugueses no dia 2, bem como elementos do Front Communiste Revolutionaire.

DEPOIS das saídas dos que sentiram a necessidade de estar fisicamente em cena, e dos que partiram quase só pela alegria de chegar, ficou a massa. Os que se manifestaram durante esta semana, os desertores ainda não amnistiados (hoje, dia 3, muitos já a caminho) mas, sobretudo, uma enorme e anónima massa de trabalhadores, que na sua maioria não tinham já problema militar e que menos directamente se sentem atingidos por tudo «isto». Se não «têm a ver com isto» têm a ver com outras coisas: têm que não podem largar a fábrica ou a obra para «ir ver», têm que na carta de residência e na carta de trabalho não está marcado «estudante» ou «sociólogo» mas «o. s.» ou «manoeuvre»; têm que desconfia das palavras ao fim de 50 anos de conversa; têm que está cá instalado com a família e que – apesar de explorado em França – encontrou cá um nível de vida que não viu na sua terra. Para estes não é muito nítido ainda, nem muito claro, que o mesmo Governo e a mesma política que alimentou esta guerra colonial durante treze anos, os levou a eles às angústias, às amarguras e à dureza do ter de emigrar. Há neles, no entanto, uma enorme vontade de voltar à terra e só esperam, ou esperavam, poder pôr de lado o suficiente para «um bocadinho de terra e uma casita». Não foi por razões conscientemente políticas que estes milhares de homens vieram ser explorados para França, mas porque a exploração aqui era mais bem paga.

Estes trabalhadores na sua maioria, não são sequer sindicalizados, mesmo os que trabalham cá há muito tempo. Uns porque nunca ninguém lhes falou nisso, outros porque não querem «nada com a política». O grande problema dos trabalhadores portugueses em França é que poucos trabalham em fábricas (a maior parte sendo originariamente camponeses ou artesão e não operários), onde seriam enquadrados por sistemas organizados de defesa dos seus direitos, e muitos trabalham de maneira «independente» – independentes uns dos outros mas não do patronato. A grande percentagem dos homens depende de empresas que os «colocam», i. e. que tratam de entregar a mão-de-obra onde ela falta, fazendo-se mudar de patrão todas as semanas ou todos os dois dias, o que os dispersa tornando-os dificilmente atingíveis e permeáveis a movimentos de massa. As mulheres são quase todas empregadas domésticas, o que leva ao mesmo resultado, à mesma solidão. De qualquer maneira, os anos passados no estrangeiro, se não deram à maior parte uma real consciência política da sua situação, deram pelo menos uma exigência diferente no que respeita às suas liberdades e segurança, e há neles uma espécie de intuição, quase certeza natural, daquilo que querem e do que recusam. Estes, calculo que não voltem imediatamente. A mudança que Portugal viveu na última semana só se tornará uma realidade com o cheiro da própria terra. Penso que voltam aos poucos, chamados e animados pelas cartas, «pedaços do meu país», e pelas notícias que lhes chegarem dos primos e dos vizinhos. Alguns ficarão quando forem em «vacances», que este ano tomarão de certeza mais cedo!

É de esperar com muita força que a euforia da mudança e da libertação, a possibilidade quase esquecida de falar, a alegria da vivência do que até aqui era teoria para muitos, não faça esquecer as grandes ideias abnegadas de quantos no estrangeiro têm vindo a tomar posições de defesa do trabalhador emigrado. Porque há em todos uma enorme saudade de Portugal!

É a grande esperança de não mais ver a «pátria derramada na gare de Austerlitz... Braços e mãos para alugar meu Portugal nas ruas de Paris».

Cinquenta anos é muito! Duas gerações, pelo menos, nasceram já no escuro. Quando liguei a Emissora Nacional na noite de 28 de Abril de 1974 apanhei um choque: a sensação de ouvir, pela primeira vez na minha vida, um verdadeiro noticiário em português. ■

No dia 2 de Maio, às 7 da noite, centenas de portugueses desfilaram entre a Place de la Muette e a Embaixada de Portugal, onde uma comissão entregou as reivindicações dos manifestantes.

CROCODILO

DECLARAÇÃO

JOAQUIM JANUÁRIO (O NAIFAS) PRESENTEMENTE E AINDA DURANTE MUITOS ANOS A CUMPRIR PENA POR DIVERSOS ASSALTOS À MÃO ARMADA, PELO ASSASSÍNIO A SANGUE FRIO DE DUAS VELHINHAS RICAS E AINDA POR VARIADÍSSIMAS AGRESSÕES DE QUE SE CONSIDEROU CULPADO INCLUINDO DUAS TENTATIVAS DE EVASÃO SEM A COLABORAÇÃO DOS GUARDAS QUE JÁ NÃO EXISTEM E QUE PODERÍAM TESTEMUNHAR A SEU FAVOR, VEM POR ESTE MEIO DECLARAR PARA OS DEVIDOS EFEITOS E PARA DESFAZER BOATOS MALEVOLAMENTE POSTOS A CIRCULAR QUE NÃO É NEM NUNCA FOI DA PIDE.

TEXTOS QUE A CENSURA NÃO "CORTOU"

AGORA que já é possível escrever o que se pensa, há que fazer o elogio da Censura. Nada melhor do que transcrever fragmentos de textos que não foram «cortados» ao longo de vários anos e que servirão para desmentir o que se anda para aí a propalar acerca dos malefícios do excelente departamento do ex-Governo.

- «Escutado sempre com a maior atenção e muitas vezes interrompido pela entusiástica assistência, o senhor Presidente fez o elogio do humilde povo do laborioso concelho. No final, um grupo de alunas da escola primária fez-lhe entrega de um vistoso ramo de flores.»

- «Quando o senhor ministro chegou aos Paços do Concelho a banda de música tocou o hino nacional. Milhares de pessoas, que espontaneamente se concentraram no largo fronteiro, gritaram vivas e saudaram, especialmente, a esposa do senhor ministro que, como se sabe, é grande amiga dos pobrezinhos.»

- «O Secretário de Estado cumprimentou, um a um, os artistas presentes, retirando-se para o camarote que lhe era destinado. Logo que a assistência soube da presença do ilustre membro do Governo irrompeu numa ovação.»

- «Lisboa acordou vistosamente engalanada. Milhares e milhares de portugueses que se deslocaram da província utilizando todos os meios de transporte, começaram cedo a dirigir-se ao Terreiro do Paço. Foi uma manifestação espontânea das mais vibrantes a que a cidade tem assistido nos últimos anos.»

- «O espantoso equilíbrio financeiro do país, pese embora as três guerras que nos são impostas do exterior, são o testemunho do muito que devemos ao Governo.»

- «Mais uma vez o tivemos perante o país, através das câmaras da televisão e novamente a sua palavra nos incutiu esperança no futuro da Nação e fé nos destinos do nosso Ultramar.»

- «Na sua rara beleza, sobretudo em dias de sol como o de ontem, o Tejo e algumas velas brancas, que nele por momentos se imobilizavam, fizeram guarda de honra ao cidadão maior, glória dos tempos portugueses mais recentes.»

- «Foi mais uma visita de surpresa neste fim de semana primaveril. E, mais uma vez, ele verificou com os seus próprios olhos quanto o povo o ama. Conversando aqui e além com gente humilde e anónima, recebeu flores e pequenas recordações.»

A partir de 11.410$00* a Pan Am mostra-lhe aqueles lugares que Você só conhece do cinema.

Nova Iorque.
As Grandes Cidades.
A Virginia Colonial.
O Glorioso Oeste.
O Velho Sul.
Os Parques Nacionais.
Hawai.
As Caraíbas.

Venha connosco visitar esses lugares. Com a Pan Am pode passar férias nos Estados Unidos desde 11.410$00. Não lhe mostraremos só as grandes cidades. Verá também a América calma dos espaços rurais. Pode organizar a sua própria viagem por avião, de carro ou fazendo campismo através dos Estados Unidos. Diga como quer e realize-a por preço não superior ao de quaisquer férias na Europa. Todas as viagens Pan Am para além de Nova Iorque são acompanhadas, utilizando-se luxuosos autocarros com todas as comodidades. Vem tudo explicado na nossa nova brochura a cores com 64 páginas.

Peça-a já ao seu Agente de Viagens ou envie-nos o cupão.

** Preços para grupos de 15 pessoas e para estadias de 11, 15 e 23 dias. Validade: 1 de Maio a 30 de Outubro de 1974. O seu Agente de Viagens formará os grupos.*

Folheto grátis! Receba um exemplar a cores da nova brochura maravilhosa da Pan Am, com 64 páginas, enviando este cupão para a Pan Am, Praça dos Restauradores, 46 — Lisboa 2

Nome _____

Morada _____

_____ Telef. _____

O meu Agente de Viagens é _____

_____

A linha aérea de maior experiência do mundo

PAN AM.

SINDICALISMO LIVRE: REINVINDICAÇÃO PARA TODOS

Que sindicalismo era o nosso? Que direitos tinham os trabalhadores portugueses? A quem servia, de facto, a Previdência? Sem direitos, sem condições de vida e dominado por um corporativismo anacrónico, o povo viveu longos anos de amargura e de quase-desespero. Com o 25 de Abril, nova era despontou. Mas do facismo apenas foi, por enquanto, derrubado o Governo. É, pois, a hora da reconstrução e da fraternidade, à volta do mesmo ideal de libertação. A reportagem que adiante se publica não pretende ser mais do que um testemunho ténue e um apontamento denunciador de sistemas inqualificáveis. Porque a história, a verdadeira, ainda não começou a ser feita. Entretanto, saudemos o princípio de uma era que, assim se deseja, enterre definitivamente as dolorosas amarguras do passado.

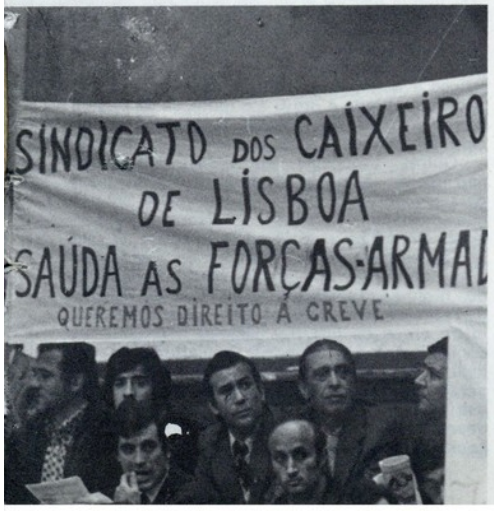
Texto de ALEXANDRE MANUEL

POUCAS horas depois da queda do Governo que, durante tantos anos, amordaçou os trabalhadores e paralisou as estruturas legais da resistência à exploração do patronato, quinze sindicatos tornaram público um documento, no qual se apontava que o «regime de opressão fascista, que sempre se identificou com o poder económico», impôs níveis de vida verdadeiramente miseráveis ao País.

Depois de recordarem que «a efectiva libertação económica e política da classe trabalhadora, face a toda e qualquer reacção, só pode concretizar-se com a consciente e imediata participação de todos os trabalhadores no processo ora iniciado», os signatários consideravam como reivindicações imediatas, fundamentais e intransigentes de todos os trabalhadores a total liberdade sindical, com a ratificação da Convenção n.º 87 da O. I. T.; a reposição das liberdades individuais; o fim à carestia da vida; o aumento imediato de salários e a instituição do salário mínimo nacional; a redução do horário de trabalho semanal para quarenta horas, em cinco dias; a reintegração nos locais de trabalho de todos os trabalhadores despedidos abusivamente pela sua actividade sindical; a liberdade de reunião e de associação; a existência de uma imprensa completamente livre, com a responsabilidade das redacções na orientação das publicações; a administração da Previdência por parte dos trabalhadores; a federação em Organismos Internacionais Sindicais; o direito à greve; a imediata libertação de todos os presos políticos e, finalmente, a extinção da P. I. D. E. / D. G. S. e o julgamento público dos seus membros.

Paralelamente, assistia-se à reunião da primeira intersindical livre. Dezasseis sindicatos discutiram, então, as formas de comemorar o 1.º de Maio e decidiram contactar grupos organizadores de rurais e de pescadores, em ordem a uma associação aos restantes trabalhadores.

A secção regional da Ordem dos Médicos, encerrada arbitraria e ditatorialmente pela anterior Governo (que também havia processado os seus dirigentes), foi o primeiro sindicato a ser ocupado pelos trabalhadores. A posição da classe, face aos acontecimentos, ficou bem expressa em comunicado onde se manifesta o «vivo regozijo» pelo derrube da ditadura fascista, se apoiam os pontos fundamentais do



Caixeiros de Lisboa reivindicam a semana de quarenta horas. À ESQUERDA – Um aspecto da assembleia do pessoal dos C. T. T. EM BAIXO – Reunidos em assembleia magna, os profissionais do Sindicato dos Jornalistas decidiram sobre pontos importantes do exercício da sua profissão.

programa do Movimento das Forças Armadas e se considera que «um verdadeiro sindicato médico será o ponto de partida para a participação dos médicos na organização de uma política de saúde ao serviço do povo português».

Em relação à Ordem dos Engenheiros, merece referência especial a reunião geral da classe, levada a efeito no Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Os muitos profissionais aí presentes apontaram, como pontos principais, a necessidade de uma nova orientação do organismo (incluindo a anulação de alguns dos pontos estatuais que haviam sido anteriormente impostos, de modo arbitrário); a readmissão imediata de quase duas dezenas de colegas expulsos por motivos políticos e a aceitação dos licenciados que ainda não tenham feito o estágio.

Na Ordem dos Advogados, reunida em plenário no passado sábado, foi apresentado um documento, em que, depois de se manifestar a total adesão «aos princípios enunciados no programa do Movimento das Forças Armadas», se propõe a adopção das conclusões do I Congresso Nacional de Advogados (realizado em Novembro de 1972), «em relação a aspectos deontológicos e profissionais e quanto à sua própria estrutura».

Referiremos, no primeiro ponto, a institucionalização de sociedades civis de advogados; a especialização de advogados por ramos de direito; a fixação de tabelas médias de honorários; o efectivo direito a um tratamento urbano por parte de todas as entidades com que os advogados contactam, nomeadamente os tribunais, e a contribuição para anular o autoritarismo verificado em certos sectores da magistratura, em relação com arguidos, testemunhas e os próprios advogados.

Quanto à estrutura da Ordem, merece referência especial a proibição de reeleição dos bastonários e a reforma do estágio, bem como a redução da antiguidade mínima para o exercício de cargos.

O documento propõe também a urgente revisão da Concordata com a Santa Sé, «quanto aos efeitos civis dos casamentos canónicos» e a consequente reforma do Código Civil e pede «o castigo dos culpados pela prática de crimes, nomeadamente violências e arbitrariedades sobre os presos, abusos de autoridade, infidelidade dos funcionários, dissipação de dinheiros públicos, corrupção, violação de correspondência e outros já denunciados». Ordena que se faça publicar um *Livro Branco* sobre todas as violências cometidas em relação a presos (políticos ou de direito comum), aproveitando o testemunho dos advogados e dos seus patrocinados e revelando todas as exigências, exposições, reclamações, requerimentos ou protestos apresentados pela Ordem ou pelos advogados ao longo da vigência do regime deposto.

Nos pontos finais, requere-se ainda a urgente reestruturação da Previdência dos Advogados, «tendo em atenção que a mesma vive sobretudo da procuradoria auferida dos tribunais e que é a única entidade que se move no âmbito do departamento da Justiça»; a imediata separação da Magistratura Judicial da Magistratura do Ministério Público e a promoção de alterações imediatas ao Estatuto Judiciário, «no que se refere à organização de magistrados, advogados, solicitadores e funcionários judiciais, contemplando a situação dos próprios empregados forenses».

SINDICATOS LIVRES: UMA IMPOSIÇÃO POPULAR

Esta salutar ocupação, que na maior parte dos casos conduziu também à demissão das

SINDICALISMO LIVRE: REINVINDICAÇÃO PARA TODOS

O sindicalismo português parece começar a despontar finalmente. Duzentos e cinquenta mil funcionários públicos discutem já a legítima constituição do seu Sindicato. Também a Ordem dos Médicos (em baixo) não perdeu tempo a tomar posições.

direcções anteriormente impostas, estendeu-se a quase todos os sindicatos do País.

De referir, por exemplo, a do Sindicato Nacional dos Motoristas do Distrito de Lisboa, em que os sócios foram recebidos a tiro (o pior fascismo é aquele que continua instalado no interior de cada pessoa...) por um dos funcionários. Posteriormente, os trabalhadores descobriram, no interior da sede, documentos comprovativos de tenebrosas ligações havidas entre a P. I. D. E. / D. G. S. e elementos directivos. De acordo com documentos tornados públicos, esses directores, impostos «pelo governo fascista» e saídos de anterior comissão administrativa, para além de disporem, escandalosa e arbitrariamente, dos (contra os) interesses da classe, não sentiam qualquer escrúpulo em denunciar alguns dos profissionais mais activos e conscientes.

Imediatamente, passaram também para o «contrôle» dos trabalhadores os sindicatos de Construção Civil, Metalúrgicos e Armazéns (todos em Almada), dos Profissionais de Artes Gráficas, dos Ferroviários do Centro de Portugal e dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, cuja direcção havia ganho em tribunal as últimas eleições. Atitude semelhante aconteceu também em relação à Federação Regional dos Sindicatos dos Empregados de Escritório do Sul e Ilhas Adjacentes. De acordo com comunicado enviado à Imprensa, a Comissão que dirige, actualmente, os destinos dequele organismo foi eleita em reunião plenária, com o apoio de dirigentes, representantes dos Sindicatos dos Profissionais de Escritório e Caixeiros dos distritos de Leiria e Santarém.

Pelo seu significado, merece também referência especial a reunião realizada no Sindicato dos Profissionais de Cinema, que, imediatamente, decidiram ocupar as instalações da Inspecção-Geral dos Espectáculos (onde funcionava a censura aos filmes, teatro, discos e artes pláticas) e do recém-criado Instituto Português de Cinema.

Entretanto, *O Couraçado Potemkine*, de S. M. Eisenstein; *O Ditador*, de Charles Chaplin, e *Terra de Transe*, do brasileiro Glauber Rocha, até então afastados dos «ecrans» portugueses pela execranda censura, iniciavam o circuito comercial. O mesmo acontecia ao português *O Mal-Amado*, de Fernando Matos Silva, que havia merecido por parte de *zeloso* censor a classificação de «filme iconoclasta, dissolvente e derrotista, quer nos planos político e social, quer nos planos moral e religioso». Os restantes elementos da comissão censória buscaram as suas inapeláveis decisões (recorde-se que foi negado provimento a posterior recurso) nas «motivações que o envolvem» e na «exploração internacional», o que levanta «graves problemas de ordem política».

Paralelamente, os profissionais de teatro, bailado, circo e variedades decidem «terminar o seu alheamento pelo Sindicato Nacional dos Artistas Teatrais, durante mais de trinta anos divorciado da classe e servilmente identificado com os poderes fascistas que arruinam todos os sectores da vida portuguesa». Assim, ocuparam a sede do organismo; destituíram os corpos gerentes e nomearam uma comissão reformadora representativa da classe e que se comprometeu a promover eleições livres que escolham elementos, os quais, «sem carecerem da humilhante homologação oficial», consigam promover o prestígio cívico e os direitos elementares há muito arredados da classe.

No Sindicato Nacional dos Jornalistas (agora justamente apelidado de Sindicato dos Jornalistas), os profissionais, reunidos em assembleia geral, aprovaram a organização imediata de um processo para julgamento de todos os elementos que durante longos anos amordaçaram a imprensa portuguesa, nomeadamente entidades da Secretaria de Estado da Informação e Turismo e da Direcção-Geral de Informação e Turismo. Foi ainda deliberada a criação imediata de conselhos de redacção (com poderes deliberativos e autónomos) perante as direcções dos jornais. O direito à greve e a todas as formas de luta pela defesa do trabalho é uma das principais atribuições desse conselho permanente.

Outras propostas aprovadas declaravam não tolerar «qualquer censura interna, exigindo para o efeito uma declaração formal e pública das diversas empresas»; pediam «o cessar-fogo em África e a abertura imediata de negociações com os movimentos de libertação» e a «liquidação dos fundamentos económicos do regime derrubado», considerando-se que a revolta de 25 de Abril constituía apenas «a primeira etapa da luta das classes trabalhadoras contra todas as formas de exploração capitalista e de classe». Reclamava-se, assim, uma acção sindical «independente de qualquer estrutura partidária ou burocrática de Estado», desejando-se, pois, a «edificação final de uma sociedade sem classes».

livremente, denunciaram também, no passado dia 5, o comprometimento de antigas direcções sindicais com a administração (era este, na generalidade, o sindicalismo português...) e solicitaram, para além da revisão das condições de sobrevivência da maior parte dos 25 mil funcionários da Companhia», a substituição de todos os elementos do conselho de administração («fiéis servidores da política fascista»); a selagem de todos os arquivos, para prova de responsabilidade pela gestão da Companhia nos últimos anos; a demissão de todos os agentes comprometidos com o antigo regime e a ex-

DO FUNCIONALISMO PÚBLICO À INTERSINDICAL

Para além da homologação de todos os contratos colectivos pendentes no ex-Ministério das Corporações, merece ainda referência especial o caso da comissão directiva do Sindicato dos Motoristas do Distrito de Braga que, em documento enviado à Junta de Salvação Nacional, solicita da Polícia Judiciária a investigação cuidadosa da morte do seu antigo presidente, Manuel Ferreira de Araújo, ocorrida em circunstâncias misteriosas.

Recentemente, a Imprensa diária serviu de eco também a um documento assinado por vinte e três sindicatos nortenhos e no qual se preconiza, «em nome dos interesses dos trabalhadores», a tomada imediata dos órgãos de administração local que ainda se encontram nas mãos de elementos afectos ao anterior regime. Depois de sublinharem que os processos eleitorais seguidos por esses órgãos de administração local eram antidemocráticos, acrescentam os signatários: «Assim, a acção de conquistar essas estruturas (através de reuniões amplas, em que o povo e a classe trabalhadora demitam esses órgãos de administração local e os substituam por outros sob a direcção de pessoas da sua confiança) está legitimada pela necessidade de não deixar terreno nenhum aos fascistas e à reacção, terreno que esta aproveitaria para boicotar a acção de construção de um Portugal livre e democrático.»

Ferroviários, reunidos pela primeira vez

Cartrazes que se viram na grande manifestação do 1.º de Maio.

tinção do Serviço de Inspecção (D. G. S. / P. I. D. E. da CP), atentatório das liberdades dos ferroviários.

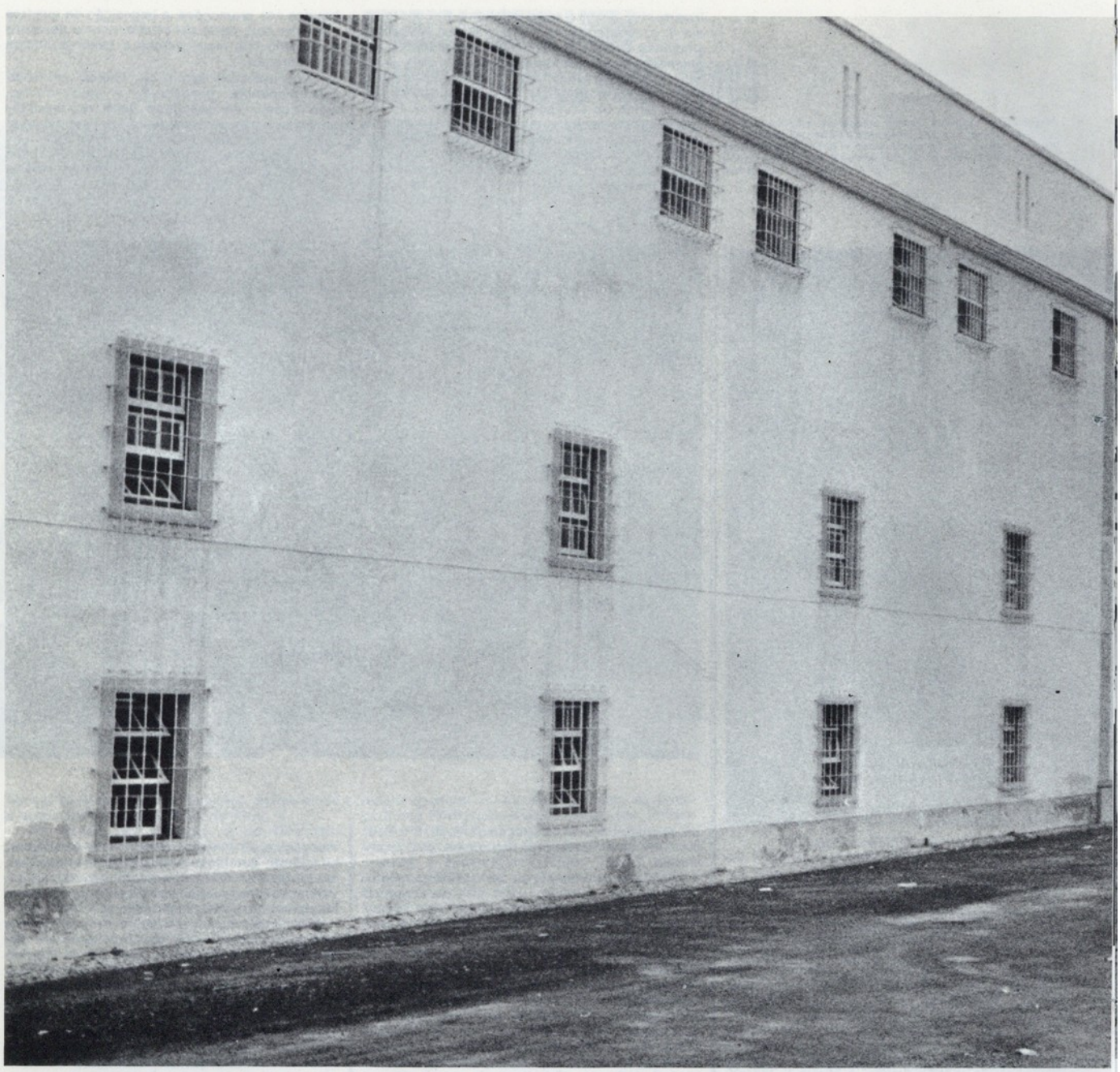
Vale a pena transcrever parte do documento, então tornado público: «Uma vez derrubado o governo ditatorial que há cerca de meio século cortava as liberdades do povo português e que, de uma maneira especial, oprimia as classes trabalhadoras, quando em outras empresas, na sequência da histórica acção do Movimento das Forças Armadas, os trabalhadores tomaram a iniciativa de destituir — *eles mesmos* — as administrações comprometidas com o regime fascista deposto, terá por certo causado estranheza que os ferroviários — dos mais mal remunerados, dos mais esquecidos, dos mais humilhados entre os trabalhadores portugueses — não tivessem de pronto, expulso a reaccionária administração que lhes vem sendo imposta. Não é que não sentissem os ferroviários ganas de o fazerem primeiro que ninguém; não é que tivessem esquecido os camaradas despedidos por mero delito de opinião ou por reivindicarem melhores condições de vida; não é que não recordassem os anos infindáveis de permanência na mesma categoria, as transferências compulsivas, as humilhações sem conta infligidas pelos mesmos motivos; não é que olvidassem a espécie de tribunal privativo e o famigerado Serviço de Inspecção (réplicas fiéis dos tribunais plenários e da P. I. D. E), onde os trabalhadores eram submetidos a odiosos interrogatórios e vítimas de cruéis e injustas condenações que lhes roubavam o pão dos filhos; não é que esquecessem os nepotismos, as fraudes nas promoções, a imposição de quadros entrados pela *porta do cavalo*, com o desprezo e atropelo dos mais antigos e bons servidores da empresa.»

Esta aparente apatia foi apenas motivada pela prudência, ponderação e pelo «deliberado desejo de assegurar uma representatividade que não pudesse deixar a mínima dúvida quanto à legitimidade das suas posições».

E enquanto os 250 mil funcionários públicos discutem a legítima constituição do seu sindicato (único, ou vários unidos a nível de Ministérios?), a Intersindical, embora reconheça a reorganização sindical como muito importante, considera que esta «não deve, de qualquer modo, desviar a luta dos trabalhadores na consolidação das conquistas alcançadas desde o Movimento das Forças Armadas».

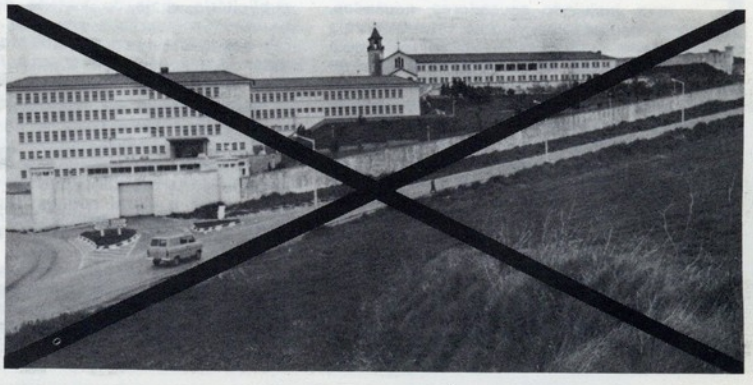
Em documento recente, reafirma-se que a estrutura sindical, imposta pelo governo fascista, «não corresponde, nem nunca correspondeu à necessidade de defesa dos trabalhadores em face da exploração capitalista» e que «qualquer organização sindical de nível superior é dependente da força das organizações de base, pelo que se deve prioritariamente proceder às eleições, nas empresas, de delegados sindicais e consequentes comissões de delegados». Posteriormente, considera-se necessário que sejam os trabalhadores a ter a iniciativa na definição dos princípios que deverão nortear a futura organização sindical.

O sindicalismo português parece começar a despontar finalmente. Mas para que o seja de facto, impõe-se, no entanto (estas palavras foram pronunciadas na gloriosa jornada do 1.º de Maio), «que conquistemos todos os sindicatos ainda nas mãos dos lacaios do facismo e que, unidos, reivindiquemos: o fim do corporativismo; sindicatos livres; direito à greve; salário mínimo nacional e aumento imediato dos salários; fim da carestia de vida; trabalho igual, salário igual; horário de trabalho — direito a férias; reintegração de todos os trabalhadores, vítimas da repressão fascista, nos seus locais de trabalho e alteração radical ao sistema de impostos.» ■



FORTE DE CAXIAS: QUARTEL-GENERAL DA TORTURA

As coisas não são fáceis na feitura de uma publicação, mesmo quando o acontecimento «obedece» a uma rotina, quanto mais quando ele se precipita em catadupa. E, às vezes, acontece o lapso. Como se verificou no nosso último número, o 1366 de 10 de Maio, onde as páginas 44/45 se incluia, sob este mesmo título, uma peça sobre o forte de Caxias. Lamentavelmente, a foto que ilustrou o artigo nada tinha a ver com aquele local de tortura pois, muito pelo contrário, se trata do Hospital onde a missão é a de cuidar e velar pela saúde e não a de torturar. Do facto nos penitenciamos, na certeza de que não nos moveu qualquer intenção de negar uma informação correcta. Agora sim: aqui, acima, o local da tortura. À direita, o hospital, a foto que saiu errada.



"TRÊS MARIAS": O FIM DE UM ESCÂNDALO

No dia 7 de Maio, o tribunal declarava que o livro «Novas Cartas Portuguesas» não é imoral nem pornográfico, como o acusador público se esforçara por fazer reconhecer, mas sim uma obra de arte. As suas autoras, Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, que antes tinham sido tratadas como prostitutas, passaram a ser três formidáveis escritoras, de cujo talento muito há ainda a esperar. Assim terminou o escândalo de um processo que ficou conhecido em todo o mundo como «O caso das três Marias».

Texto de REGINA LOURO / Fotos de ANTÓNIO XAVIER e ARQUIVO

PARA que tal fosse reconhecido, lutou-se durante dois anos. Toda a gente ignorava, incluindo acusadores, acusados, defensores e julgadores, que os valores morais da sociedade portuguesa, «ofendidos» pelo «livro maldito» pudessem vir a alterar-se de um dia para o outro.

No Tribunal da Boa Hora, travou-se, por isso, longo e duro combate. Mas cedo se mostrou que os mais fortes em razão eram os que defendiam a inocência das «Três Marias». E assim, ainda sem vislumbrres de 25 de Abril, já se admitia que a sentença final fosse de absolvição. A opinião pública internacional – à nacional tinham cortado a voz – exigia-a há muito tempo. O próprio Ministério Público, num gesto pouco vulgar, a tinha pedido numa das últimas sessões. E o Governo – acreditava-se – começava a sentir necessidade de «limpar-se», de qualquer maneira.

Tudo começou na Primavera de 72. Uma edição de 2 mil exemplares de «Novas Cartas Portuguesas» foi distribuída pelas livrarias no princípio de Abril. Sem grande espalhafato publicitário, mais de metade dos exemplares venderam-se durante um mês. Os restantes não chegariam a ser vendidos tão cedo. Apreendidos pela polícia, passariam a fazer parte das suas bibliotecas.

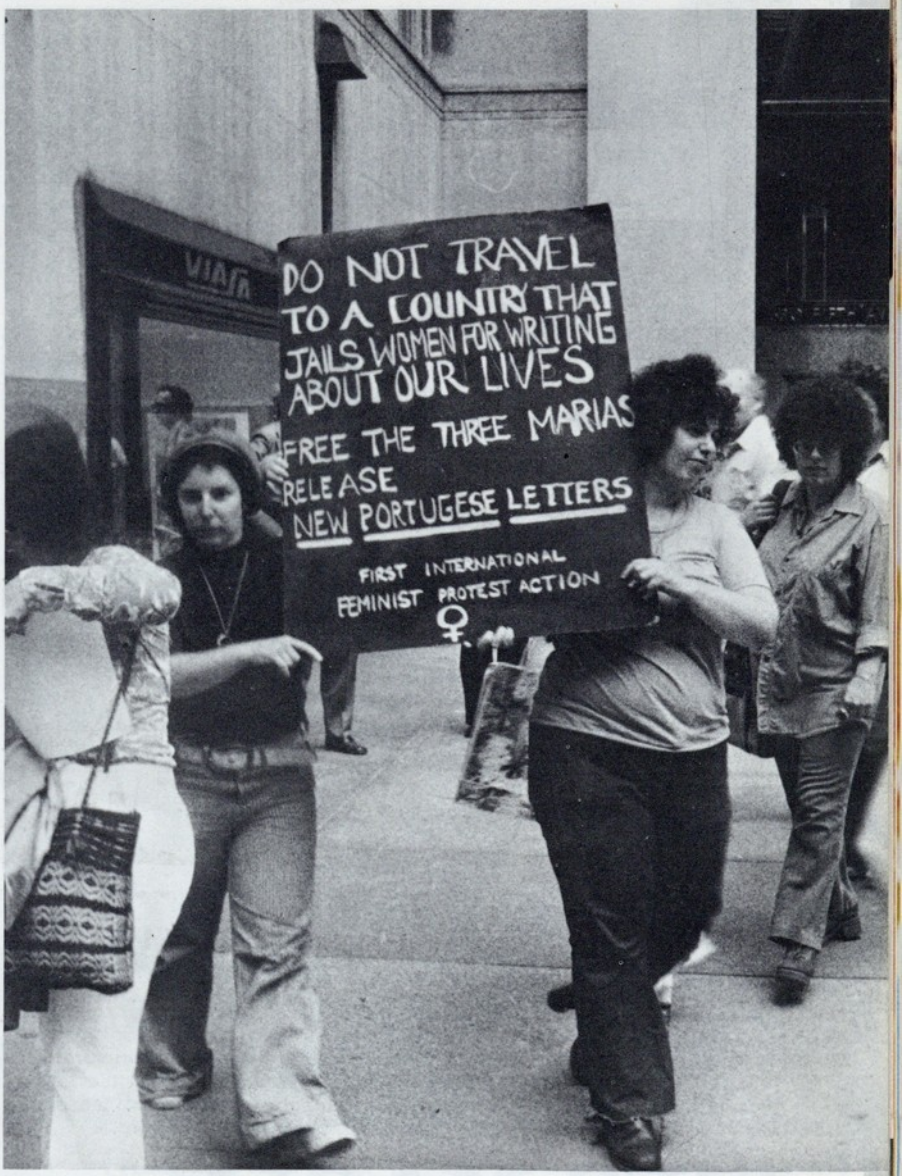
Imediatamente é instaurado processo criminal contra as autoras e contra o editor, Romeu de Melo, da Estúdios Cor. Motivo: certas passagens do livro são manifestamente pornográficas. As escritoras são acusadas de atentado contra a moral pública. Sobre cada uma delas fica a pesar uma ameaça de seis meses a dois anos de prisão.

Em Junho, são convocadas para prestar declarações à Polícia Judiciária. É o mesmo agente que as interroga separadamente, na presença de advogados. Mais tarde, vêm a saber que ele é especializado em processos de prostituição. Tentando ser amável, o agente pede a cada uma que individualize os escritos com que contribuiu para o livro. *Não há escritores individuais; o livro é de nós três*, é a resposta. O agente insiste, procurando saber quem escreveu as «partes pornográficas». Chega mesmo a prometer que nada lhes acontecerá se o disserem. E, persuasivo, afirma a certa altura: *Eu sei que foi apenas uma das senhoras quem escreveu essas partes. E até sei qual foi. Mas, uma vez que ela se recusa a confessar, fica com a sua consciência. Irão as três a tribunal.* O tribunal exigiu a sua prisão preventiva, que podia ser substituída por caução. Para ficarem em liberdade, deviam pagar 20 contos cada uma e 25 o editor. Tendo considerado que eram excessivas estas importâncias, o tribunal fez o favor de abater 5 contos no que cada um dos acusados devia pagar. A Teresa e a Fátima (Velho da Costa) arranjaram dinheiro emprestado. A Isabel, depois de provar que não tinha meios para pagar, ficou em regime de «liberdade vigiada».

PROSTITUTAS OU LÉSBICAS

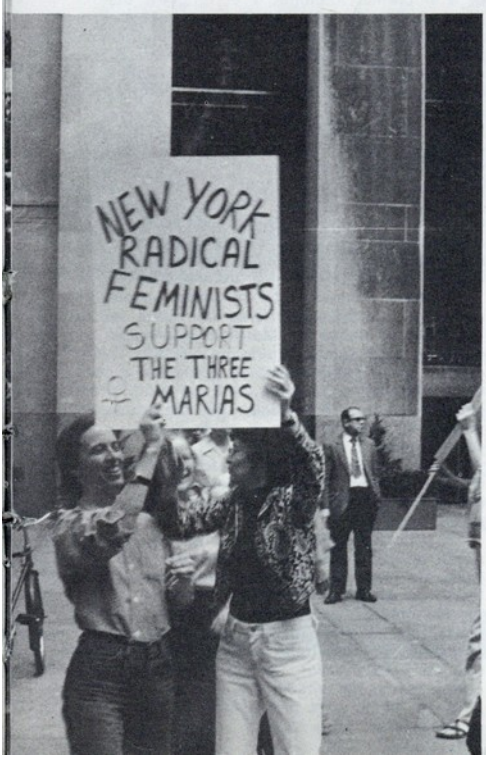
Enquanto o processo decorria, a sociedade começava a impor sobre as três pecadoras as suas pressões de toda a ordem. No Instituto Nacional de Investigação Industrial, onde trabalhavam Isabel e Fátima, um subdirector procurou informar-se junto do chefe da secretaria, quais as máximas medidas repressivas que seria possível tomar logo que elas fossem condenadas. Não se duvidava ainda da sua condenação... Elas, medidas, poderiam ir até à rescisão do contrato com Maria Velho da Costa e instauração de processo disciplinar, que ter-

As imagens que nestas páginas se arquivam, referentes às manifestações «pró-Três Marias» foram colhidas por um repórter da «Flama» que, no dia 3 de Julho do ano passado, descia tranquilamente (mas em serviço) a Quinta Avenida, em Nova Iorque. Frente ao consulado português dessa gigantesca metrópole, acontecia uma manifestação de americanos (sobretudo americanas) a favor da célebre causa das «Três Marias». Os jornais novaiorquinos estiveram presentes e publicaram notas de reportagem sobre a manifestação. Diziam, por exemplo, que uma delegação do grupo de manifestantes pedira para ser recebida pelo cônsul português. O pedido foi recusado. Entretanto, a manifestação prolongou-se, ordeiramente, durante duas horas (entre as 11 e as 13), fazendo concentrar centenas de pessoas. Muitas pediam aos manifestantes que lhes explicassem o que se passava. A resposta era imediata, com uma pequena explicação da situação repressiva que dominava Portugal. De posse de todos estes elementos, o repórter da «Flama» regressaria um mês depois a Lisboa e meteria estes documentos semelhantes a muitos outros que, sobre as Marias portuguesas ocorreram em diversas cidades do Mundo) na gaveta. A censura não permitia que o repórter dissesse à opinião pública o que tinha presenciado (e as fotos eram a prova flagrante da realidade). Só hoje, e já encerrado o caso «Três Marias», é que o repórter pode tirar as fotos da gaveta. Aí fica a verdade que nos foi ocultada até ao dia 25 de Abril. — F. C.



minaria provavelmente em demissão, relativamente a Isabel Barreno.

No caso de Maria Teresa Horta, foi-se de imediato mais longe. Se o então secretário de Estado da Informação e Turismo, que «mandava» na moral pública, pudesse, o nome de Teresa Horta não seria mais pronunciado. Na impossibilidade, contentou-se a secretaria em que ele não aparecesse escrito no jornal «A Capital», onde Teresa Horta era (é) jornalista efectiva. Que ela continuasse a escrever não



tinha importância, pois que todos os escritotos eram submetidos à censura instalada na mesma secretaria, e a outras censuras. Mas era preciso que o seu indigno nome fosse banido dum jornal de grande circulação. E assim aconteceu.

Mas não se reduziam aos sectores profissional e político as pressões sobre as três mulheres. Se na rua ninguém teve coragem para as atacar cara a cara, nas suas casas choviam cartas e telefonemas anónimos.

Vocês não passam de umas reles prostitutas, diziam-lhes frequentemente, com toda a segurança, vozes que desapareciam imediatamente, sem se identificarem. Outros preferiam chamar-lhes lésbicas num tom carregado de desprezo.

Eram sempre homens que telefonavam ou assinavam as cartas. Só há pouco tempo, não tanto por ter escrito o livro como por se afirmar feminista, Teresa Horta, foi insultada por uma mulher embriagada, no «Metro e Meio».

As feministas não passam de umas prostitutas, foi a sentença. Tal como pensou, mas não teve coragem para dizer, o funcionário superior da Judiciária que destacou para interrogar as três mulheres um agente especializado em casos de rusgas...

UM CONVITE DO SR. MINISTRO

Discretos mas insistentes convites para encontros, almoços e jantares chegavam, entretanto, às três mulheres. Eram feitos por intermediários de ministros e secretários de Estado que, muito amavelmente, tinham o cuidado de prevenir que era melhor aceitar. Desejariam as altas individualidades políticas conversar sobre Literatura, para amenizar a dureza dos seus cargos governativos? As escritoras sentiram-se, naturalmente, muito penhoradas, mas recusaram com delicada firmeza. Numa altura em que o caso judicial começava a tornar-se, lá fora, mais um dos escândalos ligados ao nome de Portugal, não era fácil adivinhar o que pretendia o Governo. Era muito cómodo que as acusadas confessassem as suas culpas e pedissem humildemente perdão, para o que o processo terminasse depressa e fosse rapidamente esquecido.

"TRÊS MARIAS": O FIM DE UM ESCÂNDALO

SILÊNCIO NO PAÍS

O processo seguia, entretanto, os seus trâmites. Depois de interrogadas à porta fechada, o juiz foi substituído e as audiências passaram a ser públicas. Das fases de alegação dos advogados e de audição de testemunhas davam os jornais relatos curtos e cheios de hiatos. Tudo quanto se referisse à defesa dos acusados era apagado pela borracha dos censores. Mais tarde, nem a data das audiências foi permitido dizer. Só se podia noticiar no dia seguinte, sem qualquer citação do que se dissera no tribunal.

Entretanto, no estrangeiro falava-se cada vez mais do «Caso das Três Marias Portuguesas». Movimentos feministas organizavam manifestações de apoio às escritoras, enquanto em Portugal raras foram as que lhes exprimiram uma palavra de estímulo. Em Paris, chegou a realizar-se um espectáculo teatral baseado nas «Novas Cartas Portuguesas». Pouco antes da data marcada para o julgamento, trezentas mulheres do M. L. F. de França, vestidas de negro, de archote na mão, desfilaram pelo centro de Paris, cantando «Ai daqueles que condenaram as três Marias».

Publicadas em França, Inglaterra, Estados Unidos, Itália e Brasil (em breve o vão ser em muitos outros países e línguas) nenhuma voz se levantava aí para chamar de imoral ou pornográfico o livro pelo qual respondiam as três escritoras. O processo das «Três Marias» era considerado no estrangeiro desde injusto e sexista a simplesmente ridículo...

Grande era a azáfama no tribunal da Boa Hora. Para ouvir testemunhas das escritoras e do editor (recrutadas nos meios intelectual e editorial) foi preciso multiplicar as sessões. Entretanto, verificavam-se substituições de acusadores e de juiz, os acusados é que não mudavam.

A sentença foi finalmente marcada para Abril. Grande expectativa e nervosismo. Já então se falava de possível absolvição, mas ninguém excluía a hipótese de serem condenadas. Elas admitiam que a pena de prisão ficasse suspensa, para não provocar escândalo. Mas, quando chegaram à porta do tribunal, depararam-se-lhes duas carrinhas da Polícia.

Há algum julgamento político?, perguntaram?

Há o julgamento das três Marias, respondeu um dos polícias.

Mas, surpreendentemente, não havia. A leitura da sentença tinha sido, inesperadamente, adiada para o dia 7 de Maio.

O PRINCÍPIO DO FEMINISMO

O que se passou a seguir já os jornais puderam noticiar livremente. A própria sala de audiência (quem diria?) se tornou no palco de uma festa. «Mulheres unidas jamais serão vencidas», foi o grito que um funcionário do tribunal, zelosamente, ainda tentou calar, avisando que, «manifestações só na rua». Mas foi inútil. Embora embrionário estava ali o Movimento de Libertação da Mulher de Portugal.

No dia seguinte, foi lançada no mercado a segunda edição das «Novas Cartas Portuguesas». Menos de uma semana depois, o livro ameaça esgotar.

Entretanto, as escritoras não têm mãos a medir para atender as encomendas que chegam do estrangeiro. A Espanha, Alemanha, o Japão, a Bélgica, os Países Baixos querem conhecer as «Novas Cartas Portuguesas». A França quer uma tradução mais perfeita do que a anterior. A Inglaterra quer, por motivos publicitários, alterar o nome da obra para «Livro das Três Marias». É preciso bater o pé para recusar.

Às casas de Maria Teresa Horta, de Maria Isabel Barreno e de Maria de Fátima Velho da Costa chovem cartas e telefonemas, agora identificados e exprimindo felicitações. A televisão e, a Imprensa nacional e estrangeira batem-lhes insistentemente à porta. A quem lhes pergunta por projectos, a Teressa e a Isabel afirmam-se interessadas em não mais deixar de colocar a literatura ao serviço da luta pela libertação da mulher. O combate ainda agora começa...

Das «Novas Cartas Portuguesas», alguém disse já tratar-se do primeiro livro feminista escrito em Portugal. O que é o livro? Um conjunto de textos sem ligação – entre os quais poemas, cartas, relatos, meditações – que denunciam a situação da mulher portuguesa, enquanto filha, esposa ou mãe. Não é uma situação branda ou alegre; logo, não peçam que a descrevam com brandura ou alegria.

Quando ouviram falar-se deste «exercício colectivo» de três escritoras de nome, tendo por base as cartas de Mariana Alcoforado, os editores foram tomados pela curiosidade. Quando, ao fim de nove meses de gestação, a obra ficou completa e puderam lê-la, um a um foram recusando a sua publicação. Era literariamente admirável, mas perigoso. E quem queria arranjar problemas?

Só a Estúdios Cor, e por força de Natália Correia, aceitou o risco. Mesmo assim, depois de serem suprimidas uma palavra e uma frase do livro.

A primeira denúncia surgiu quando o livro ainda se encontrava na composição. Um bom tipógrafo sentiu-se «escandalizado» com o conteúdo de algumas passagens. Alertado, o editor fez pressão para novos cortes. As autoras recusaram. Só o facto de o livro já estar meio composto fez com que fosse acabado. Assim, não se perdia tudo... Se não fosse esta pequena motivação económica, era provável que ninguém ainda hoje conhecesse o que muitos já consideram obra de arte...

ESPIRAL - adap.

Whipped Creme Lipsticks da Max Factor
Um delicioso toque de beleza hidratante

Imagine o conteúdo de um boião de maravilhosa
côr para os lábios, lentamente batido com
preciosos agentes hidratantes.
Eis a receita da Max Factor para o mais sedutor dos
batons até hoje inventados.
Whipped Creme Lipsticks – com elementos hidratantes
que protegem e embelezam os seus lábios
durante todo o dia.

Whipped Creme – o batôn da sedução!.

Do mundo maravilhoso da **MAX FACTOR**...Naturalmente

1º ENCONTRO DA CANÇÃO LIVRE:

O REGRESSO DOS CANTORES PROIBIDOS

Estavam lá todos. Reunidos pela primeira vez.
Num espectáculo
como ninguém entre nós se lembra de outro igual,
dentro do seu género. Eles vieram como andorinhas,
em alvoroço, para se reunirem num dia de Primavera.
Alguns vieram desde Paris. E estavam lá todos:
o Zeca Afonso, o José Mário Branco,
Manuel Freire, Luís Cília,
Francisco Fanhais, Adriano Correia de Oliveira,
Fausto, Vitorino, Samuel, José Jorge Letria...
Eles foram os nomes dominantes
do I Encontro Livre da Canção Popular.
Que encheu, numa tarde e numa noite,
o Pavilhão dos Desportos do Porto.

Texto de PINTO GARCIA Fotos de HENRIQUE MOREIRA

ENCONTRO de autores-intérpretes que foram até há pouco apodados de contestários. Encontro de nomes com um público que, em muitos casos, os viu pela primeira vez. Encontro informal, tanto no improvisado palco como na plateia. No palco, não havia orquestra, como é costume, nem gravatas, nem casacos; em resposta, na plateia, quase não havia cadeiras e o público, em maioria jovem, sentou-se no chão, de pernas cruzadas, vivendo intensamente as três horas do Encontro, um encontro inédito, programado à última hora, mas realizado com um êxito tão grande como poucos sonhariam dias antes.

A ESQUERDA — Lá estão no palco, numa reunião impossível antes de 25 de Abril, todos os cantores proibidos. José Mário Branco, que trocou o seu exílio de Paris por uns dias em Portugal, actuou pela primeira vez em público em palcos nacionais, justamente na sua terra. AO ALTO — Zeca Afonso, esteve desta vez no palco sem limitações de reportório. E chorou. EM BAIXO — o público assistiu sentado no chão a mais de três horas de espectáculo. Um público que descobriu pela primeira vez a verdadeira face dos cantores que ouvia clandestinamente, em muitos casos.

Este I Encontro Livre da Canção Popular foi organizado pelo Círculo de Cultura Teatral do Porto, mais conhecido por Teatro Experimental do Porto (TEP). *Para o TEP* — segundo nos disse o poeta Egito Gonçalves — *este Encontro representou o último número das comemorações do centésimo espectáculo. Uma centena de espectáculos em 20 anos de actividade teatral, numa cidade que toda a gente diz ter pouca expressão cultural, é um acontecimento de assinalar. Ora este Encontro da canção veio encerrar o programa da melhor maneira. É que, embora estivesse programado um festival, nunca sonhávamos que viesse a ter esta expressão, só possível pelo 25 de Abril, uma data que marcou a possibilidade de re-*

1º ENCONTRO DA CANÇÃO LIVRE ..."NÃO CANTÁVAMOS EM VÃO"

Manel Freire teve oportunidade de dar no Porto, no palco do Pavilhão dos Desportos, o abraço aos amigos que só podia dar em Paris, até 25 de Abril.

construir o país, de eliminar o fascismo. Não creio que antes dessa data tivéssemos possibilidade de dispor do Pavilhão dos Desportos, muito menos de conseguir reunir uma série de nomes que se mantinham exilados do país. Este espectáculo foi, portanto, um passo muito importante para o TEP.

Para a canção de texto, a reunião singular do Porto, numa jornada dupla, foi também muito importante. Uma festa de confraternização. Um desfile sem restrições, em que cada um cantou aquilo que achou mais oportuno, para um público que vibrou canção a canção, que não aplaudiu apenas mas que também participou acompanhando, em coro, muitos dos trechos apresentados, alguns deles pela primeira vez abertamente, pois eram apenas escutados na clandestinidade até ao 25 de Abril.

José Mário Branco, que há anos se refugiara em Paris, teve no Porto a sua estreia num palco português: *Nunca tinha vivido até hoje um experiência destas, na minha terra e diante de um público tão numeroso. Isto, para mim, representou um teste, para avaliar se o que estava a cantar era representativo ou não. E foi uma experiência extraordinária. Sou um desertor, como muitos que há em França (107 mil em toda a Europa), por isso e por ter a minha vida em Paris, os meus filhos, volto imediatamente para lá. Tenho esperanças, entretanto, de regressar o mais breve possível definitivamente a Portugal.*

Foi José Mário Branco que leu um comunicado de um grupo de trabalhadores culturais, que decidiram criar um "Colectivo de Acção Cultural", após uma reunião efectuada na madrugada do Primeiro de Maio. Esse colectivo, que se propõe lutar pelas "justas reivindicações do povo trabalhador português e do Movimento Democrático e Popular", como o pão (direito à justiça social), a paz (fim das guerras em Angola, Moçambique e Guiné), a terra (realização de uma reforma agrária), independência (luta contra os monopólios) e liberdade (garantia de expressão livre), decidiu orientar a sua actividade para o campo da música e da canção popular, "fazendo um apelo a todos os trabalhadores culturais antifascistas, anticolonialistas e anti-imperialistas consequentes, que estejam interessados em pôr a sua actividade musical e não só ao serviço dos objectivos atrás definidos". Assinam: Adriano Correia de Oliveira, Carlos Albino, Carlos Augusto Gil, Eduarda Ferreira, Fausto, Francisco Fanhais, Francisco Gago da Silva, Isabel Branco, José Afonso, José Jorge Letria, José Mário Branco, José Maria Correia, Júlio Pereira, Luís Cortesão, Manuel Alegre, Vitorino e Manuel Freire.

Freire era um dos presentes. Um dos que mais cantou. E estava encantado: *Foi uma extraordinária possibilidade de rever amigos que só podia encontrar em Paris, e também de poder cantar e conviver com o público, sem condicionalismos de qualquer espécie. Só tenho pena que a minha produção musical tenha estagnado, por uma série de condicionalismos que vão desde um horário de trabalho bastante violento até uma vida familiar que me ocupa muito tempo.*

Sem tempo para viver a canção totalmente aparece também Adriano Correia de Oliveira: *A minha carreira vai ser praticamente a mesma que foi até aqui, em que a canção funcionou como uma segunda actividade. Tenho 30 anos e nunca vi a possibilidade de ser profissional da canção; fazer uma viragem nesta idade, parece-me quase impossível. Mas vou fazer tudo para dedicar uns momentos mais à canção, sobretudo a partir de 25 de Abril, em que muitas coisas não mudaram ainda, mas já se abriu a possibilidade de cantarmos sem problemas.*

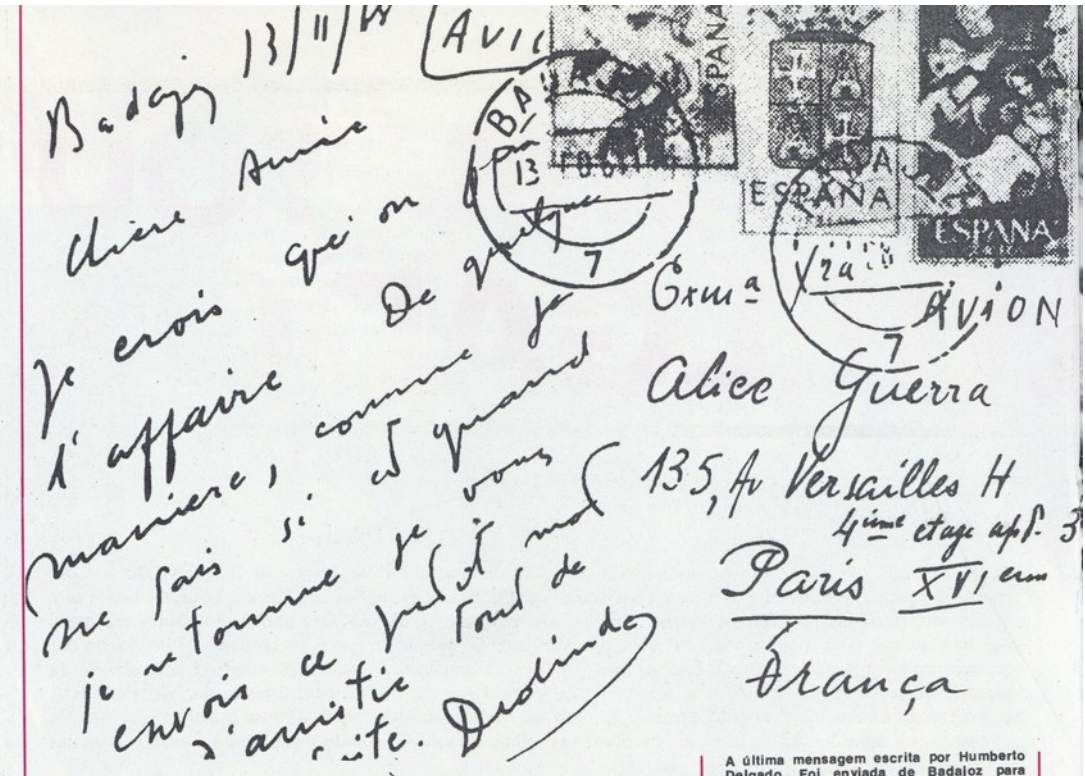
Imensos problemas levanta a "nova canção" para José Afonso. Ele não tem dúvidas em os confessar: *Tenho agora problemas não apenas de reportório como, para mim próprio, de saber qual será a minha função a partir de agora. É evidente que o Movimento das Forças Armadas não modificou, não o podia fazer de um momento para o outro, os fundamentos económicos, sociais e até políticos em que o sistema anterior assentava. O país continua serventuário do capitalismo internacional. Julgo que vai incentivar-se um processo de luta popular. Ora é dentro dessas perspectivas diferentes que a "nova canção" terá que surgir. Que tipo de canção? Quem a vai cantar? Vão surgir novos cantores com outra visão dos acontecimentos? Será melhor aguardar os acontecimentos.*

Os acontecimentos que o 25 de Abril provocou fizeram Francisco Fanhais correr para Portugal, onde não vinha há mais de três anos. Para encher os pulmões do nosso ar, para se embriagar de alegria nas ruas de Lisboa, no Primeiro de Maio, para poder cantar de novo nos palcos portugueses: *O facto de estarem aqui mais de 6000 pessoas no Pavilhão dos Desportos do Porto, vem dizer-nos que não cantávamos em vão. Todos vieram aqui espontaneamente, e pagaram o seu bilhete. Mas se o 25 de Abril foi uma vitória, uma grande alegria, também nos trouxe enormes responsabilidade. Não nos devemos esquecer, como diz Manuel Alegre, que "cantar não é talvez suficiente". Não é com cantigas que se reconstrói o mundo. Mas certa cantiga, as nossas cantigas, foram uma peça da máquina, sensibilizando as pessoas para uma viragem, aparecendo como um factor de estímulo, uma expressão de anseios colectivos. As nossas cantigas vão continuar a ter a sua expressão.*

As canções de José Letria vão ter que mudar. Ele mesmo fez balanço: *As canções que fazíamos até 25 de Abril não podem ser as mesmas a partir daquela data. Tudo o que se passou em Portugal foi demasiado surpreendente, demasiado inesperado, de modo que nos apanhou desprevenidos. Os nossos objectivos são agora diferentes. Antes estávamos voltados, através da ironia, da violência da palavra, para a denúncia do fascismo; agora temos que pôr a canção ao serviço das classes trabalhadoras.*

O I Encontro da Canção Livre foi, também, um congresso de autores-intérpretes, que tiveram oportunidade, pela primeira vez, de fazer um teste diante de um público em número recorde. E foi um êxito para ambos.

ELNETT SATIN a melhor maneira de manter o seu penteado!
Graças à Microdifusão, ELNETT projecta no seu cabelo uma finíssima nuvem de laca que segura o seu penteado, cabelo por cabelo, o que faz com que ele se mantenha durante todo o dia... mas em perfeita liberdade.
...e ELNETT elimina-se com uma simples passagem da escova.



A última mensagem escrita por Humberto Delgado. Foi enviada de Badajoz para Paris e a assinatura («Deolinda») indicava que tudo corria bem. O que não era verdade... À DIREITA – Um dos muitos disfarces de Delgado. Assim entrou ele em Portugal em 1962, para tentar uma revolta que falhou.

NO final de 1961, adeptos de Delgado desviaram um avião em Casablanca e dirigiram-se a Lisboa, sobre a qual lançaram milhares de panfletos pró-Delgado. Quase ao mesmo tempo, no dia de Ano Novo de 1962, adeptos de Delgado, em Portugal, lançaram uma acção contra instalações militares em Beja.

Disfarçado de velho e viajando com papéis falsos, Delgado chegara a Portugal, durante o dia, num autocarro público. Em Lisboa, ele e a sua secretária, uma fiel companheira das suas viagens, a brasileira Arajarir Campos, instalaram-se na Pensão São Jorge, aguardando a mensagem que diria que a revolta estava em andamento. Os planos eram grandiosos, mas a montanha pariu um rato. O ataque a Beja falhou estrondosamente e Delgado teve de fugir do País.

Depois destes acontecimentos, Delgado transformara-se no "inimigo número um" de Salazar e passou a ser o alvo de todas as organizações que apoiavam o regime.

Após o golpe de Beja, Humberto Delgado regressou ao Brasil sem dinheiro nem amigos. Escreveu a Figueiredo, o seu homem em Londres, e gracejou dizendo que "agora vivia num pequeno quarto só de tenente". Mesmo durante a revolução, Delgado mantinha-se fiel ao nobre passado.

Em 1963, elementos da clandestina Frente de Acção Popular enviaram uma mensagem a Delgado pedindo-lhe que viesse para o Norte de África e dali comandasse novo golpe. Henrique Cerqueira, o chefe do gabinete militar do general, seguiu para Marrocos para se certificar das possibilidades de apoio.

"O apoio prometido não correspondia à realidade", disse Cerqueira. "Tive de me desviar para Gibraltar, pois soube que a polícia política portuguesa se infiltrara na organização. Tinham conseguido apanhar três importantes membros da conspiração e numa só noite prenderam mais de 600 opositores ao regime em Portugal."

Humberto Delgado mudou-se para a Argélia, tornando-se amigo do presidente Ben Bella. Em Dezembro de 1963, esteve presente numa conferência revolucionária em Praga, onde foi nomeado presidente do Comité Revolucionário Português. Alguns meses mais tarde, afastou-se do grupo e escreveu a António de Figueiredo: *Sou constantemente atacado pelos comunistas. Além disso, os comunistas têm maiores e mais remotos alvos.*

No princípio de 1964, Delgado deslocou-se a Roma, em mais uma digressão pelos grupos de exilados portugueses na Europa. Numa conferência aí realizada, um comunicado afirmava que as condições para uma revolução estavam criadas e apelava para todos os portugueses expectantes no sentido de se prepararem para esse dia. Cerqueira explica deste modo o dilema com que os adeptos de Delgado se debateram após a ruptura com os comunistas: "Alguns tinham dúvidas quanto aos propósitos dos comunistas, mas o partido tinha o dinheiro e a influência de que nós precisávamos."

Doente, Humberto Delgado voltou a Praga para se sujeitar a uma intervenção cirúrgica abdominal. Assim, desapareceu durante alguns meses, mas quando começaram a surgir boatos de que teria sido liquidado pelos comunistas, o general enviou a António de Figueiredo uma mensagem: *Ao contrário do que se diz por aí, não fui raptado. Eles (os checos) têm sido muito simpáticos.*

Após três intervenções cirúrgicas, Delgado regressou à Argélia, onde Ben Bella o instalou num pequeno palácio, pôs o seu avião privativo à sua disposição e lhe ofereceu armas para 600 homens e barcos para os conduzir a Portugal. Delgado começou a tentar reunir homens e dinheiro para a empresa. Porém, a ruptura com o Comité Revolucionário alienara-o dos comunistas, a única fonte de força. Iniciou uma digressão por países amigos dizendo que o tempo para a revolução chegara em Portugal. Todavia, pouco sucesso obteve, pois a administração conservadora britânica proibiu a sua entrada no país em virtude das declarações provocadoras que vinha fazendo.

A saúde continuava a criar problemas a Humberto Delgado. O seu representante em Roma, Mário de Carvalho, outro português exilado, e um médico italiano, Ernesto Bisogno, asseguraram-lhe os serviços de um cirurgião famoso. Teve êxito uma difícil intervenção cirúrgica ao estômago, mas quando Delgado regressou à Argélia descobriu que, devido a perturbações políticas internas, tinha perdido a maioria dos seus amigos argelinos.

O destino de Delgado ficou decidido no que mais tarde ficaria conhecido como "o encontro de 27 de Dezembro", em Paris.

ERNESTO CASTRO E SOUSA FIGURA TENEBROSA

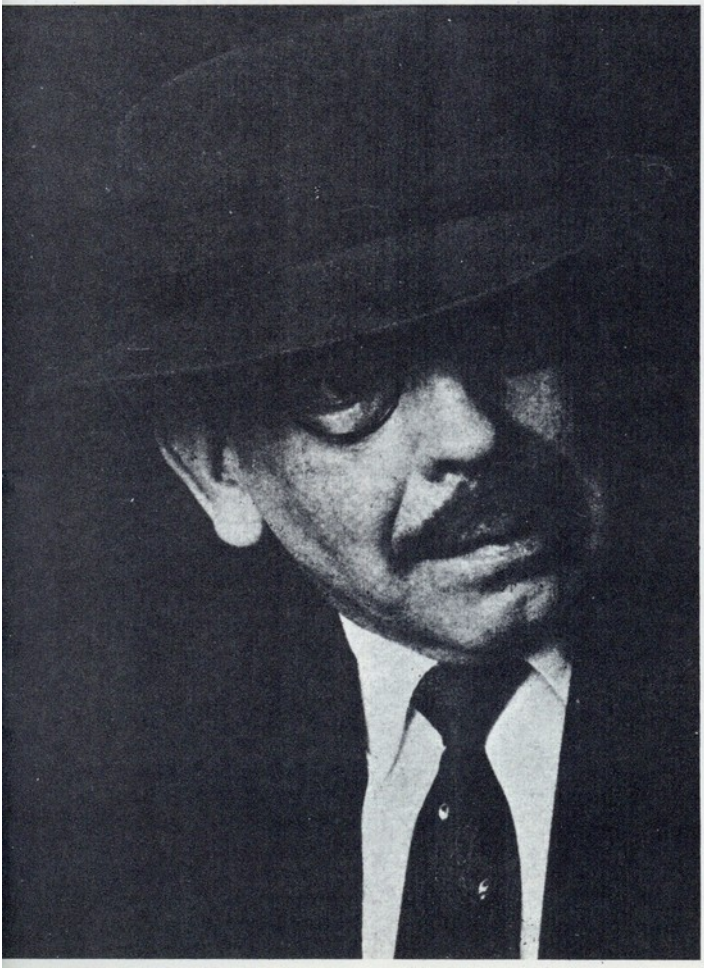
Que terá levado a esta reunião crucial? Durante 1964, Delgado tinha vindo a receber relatórios do seu representante em Roma, Mário de Carvalho, sobre a futura revolta. Em Junho de 1964, Carvalho escreveu: "O grupo que está pronto a ajudar-nos quer garantias, pelo menos escritas... A operação deverá ser simultaneamente apoiada por algumas unidades do Exército, da Marinha e da polícia política (P. I. D. E.)"

Carvalho estava convencido de que as pessoas que adiantavam dinheiro para o golpe desejariam desde logo garantias de reembolso. "Há quem esteja disposto a colaborar em troca de um pedaço de papel e de uma moeda de ouro." Mas, alguns dias mais tarde, Mário de Carvalho estava em condições de escrever que tinha encontrado certos apoios. Todavia, nunca contribuiriam com somas largas desde que não tivessem um prévio acordo com o próprio Delgado. "Eles dizem, com certa razão, que a nossa prometida unidade não existe. O que existe é, de um

QUEM MATOU DELGADO?

Por PETER DEELEY e JUDITH BULL

Concluímos neste número a surpreendente narrativa do assassínio de Humberto Delgado feita por um repórter britânico que investigou o caso e o considera um dos mais estranhos dos últimos anos. Os factos são, na verdade, significativos. As provas que existem são reveladoras. A verdade, porém, foi (uma vez mais) impedida de sair para a luz do dia. Mas os dias são outros, agora. Por isso, e atendendo à gravidade dos acontecimentos a seguir relatados, a luz deve brilhar. Já deu entrada na Polícia Judiciária o pedido de abertura do processo pelo homicídio, em 1965, do general Humberto Delgado. Entretanto, esta diligência, que partiu do dr. Joaquim Pires de Lima, já fez pôr na rua três brigadas da P. J., que investigam este crime político agora considerado prioritário. Embora nove anos depois — e sendo espinhosa a tarefa — a justiça parece vir a caminho...



Arajarir Campos, secretária brasileira e amiga íntima de Humberto Delgado, que com ele viajava e também foi assassinada em Espanha com o general.

lado, um grupo de idiotas e do outro um grupo de especialistas."

Carvalho disse como deviam comportar-se os adeptos de Delgado em Portugal enquanto aguardavam o prometido regresso do general. "Devem ouvir e não falar... Em todas as ocasiões possíveis devem falar bem do governo de Salazar... Evitar lutas inúteis ou demonstrações sem êxito. Cada homem é um valor e as células devem manter-se ligadas... É preferível esperar cá fora e ser útil no momento preciso do que aguardar impacientemente numa prisão."

Com as informações fornecidas por Ernesto Castro e Sousa, um português que iria ser figura dominante nos acontecimentos posteriores, Carvalho fez uma lista de adeptos nas cidades principais: no total, 4600 pessoas, com possibilidades de serem chamadas mais 500. Em Setembro, montavam-se os planos para um encontro entre Humberto Delgado e a oposição interna. Delgado queria a reunião na Argélia, mas depois de discutir com Mário de Carvalho foi Paris o local escolhido.

Delgado mostrava-se claramente excitado com a perspectiva de ir executar o seu tão longamente esperado sonho revolucionário. Acreditava possuir 5000 homens presos das suas palavras e até estava tranquilo quanto ao lado financeiro da questão. Escreveu entusiasticamente a Ben Bella sobre um barão italiano que oferecia dinheiro para a sua causa.

Para os seus colaboradores, o encontro de Paris era o primeiro passo seguro da operação. Delgado chegou a França na véspera de Natal de 1964 e jantou no apartamento da rua Versailles do prof. Emílio Guerreiro, um anti-salazarista e antigo combatente da resistência francesa. Guerreiro suspeitava de alguns simpatizantes de Delgado e tentou convencê-lo de que o plano era demasiado arriscado. Embora fosse um velho amigo do general, Emílio Guerreiro não apoiava inteiramente o seu grupo revolucionário.

No dia de Natal chegaram a Paris outros delegados, incluindo alguns que tinham viajado, no maior segredo, desde Portugal. Mário de Carvalho e o dr. Bisogno vieram de Roma, com Ernesto Castro e Sousa. Neste encontro de "cúpula" foi decidido que Humberto Delgado se devia avistar com os seus simpatizantes em Portugal na cidade fronteiriça de Badajoz, que fora escolhida para que os portugueses pudessem cruzar a fronteira sem levantar suspeitas, misturados com o movimento diário.

Duas facções deviam reunir-se ali com Delgado: o "grupo do Porto", assim denominado por ser composto por gente do Norte do País, e o "grupo de Roma", formado por exilados. Castro e Sousa era o elo de ligação entre

QUEM MATOU DELGADO?

os dois grupos e, na realidade, era o mensageiro pessoal do general — podia viajar por todo o lado sem causar suspeitas à P. I. D. E. Castro e Sousa concordou em enviar relatórios regulares sobre o grupo do Porto, mensagens essas transmitidas via Mário de Carvalho.

Para esta operação, Castro e Sousa tinha o nome de código "Silvano" e transportava as mensagens de Delgado num código curioso e ingénuo, substituindo letras por números. O livro usado para a descodificação era uma certa edição do dicionário Larousse.

Segundo um testemunho mais tarde feito diante da comissão espanhola que investigou a morte de Delgado, nesta altura Castro e Sousa começou a levantar suspeitas, entre os adeptos do general, de ser um agente duplo. Durante algum tempo, houve dúvidas quanto à autenticidade da lista de 5000 aderentes que dera a Carvalho para este a transmitir ao general. Quase de certeza que a lista era falsa, pois incluía adeptos muito seguros numa terra que era o berço natal de Salazar: Santa Comba Dão. Certos nomes indicados por Castro e Sousa também se descobriu que estavam errados, ou simplesmente tinham sido inventados. Segundo um testemunho sobre o encontro de Paris, Delgado perguntou a Castro e Sousa: *Mas que é que você realmente deseja?*

Apesar de todos os conselhos em contrário, Delgado decidiu levar por diante o encontro de Badajoz. O seu estado de espírito é porventura melhor ilustrado através de uma carta escrita ao Movimento de Libertação Português da Venezuela antes de partir para Espanha: *Primeiro devo ir a um determinado local, onde terei de me bater com alguns touros. Se for colhido, devem vir a sabê-lo por qualquer forma. Os toureiros, tanto dentro como fora do país, são contra as minhas acções, mas eu tenho de os ensinar. Se não andar entre os touros, como poderei um dia fazer uma boa corrida?*

A DERRADEIRA VIAGEM

A data para a conferência de Badajoz foi marcada para 13 de Fevereiro de 1965. Para não atrair as atenções das autoridades espanholas, Delgado estabeleceu que veria o grupo de Roma no primeiro dia e os representantes do Porto no dia 14 de Fevereiro. Para acabar os seus receios pessoais sobre Castro e Sousa garantiu que este também estaria presente em Badajoz. Através de Bisogno, em Roma, Castro e Sousa assegurou um passaporte diplomático argelino para o general. Passado em nome de Gonzalves Ibanez, com o número 387!!A/65.

Parece ter então surgido uma epidemia de gripe entre os adeptos de Delgado. Recebeu mensagens dos delegados informando de que não poderiam estar presentes. Delgado queixou-se telegraficamente a Carvalho: *Estou a tentar telefonar-lhes, mas não obtenho resposta. Os portugueses do Norte não vêm à festa.*

Humberto Delgado é frequentemente visto como um herói de uma ópera cómica, muito embora tenho corrido, muitas vezes, riscos desnecessários, por julgar que a sua coragem seria um estímulo para os outros. Não é em vão que lhe chamavam "o sem medo".

Já no dia 7 de Fevereiro, Carvalho sugeria que o encontro devia ser adiado. Telegrafou, usando a cuidadosa fraseologia dos militantes de Delgado quando em comunicação aberta: "Mau tempo por aqui. Acordou-se em que a festa deve ser adiada para o fim do mês." Também Castro e Sousa dissera que não podia comparecer. Delgado telefonou-lhe de Roma: *Você é um bera. Irei sozinho.*

Delgado estava convencido de que os delegados acabariam por aparecer. No dia 9 de Fevereiro pôs-se a caminho para a sua derradeira viagem, na companhia da sua secretária, de 30 anos de idade. Ela viajava tranquilamente com o seu passaporte brasileiro. Por isso, Delgado parecia não ter razões para temer pela sua segurança.

Todavia, consciente de que tudo aquilo poderia ser um ratoeira, Delgado ia armado de um revólver, colocado debaixo do braço, embora tivesse muito mais confiança no seu próprio nome. Manteve muitos contactos com personalidades espanholas e Figueiredo disse: "Ele estava convencido de que tinha tomado todas as precauções para a sua protecção em Espanha, acontecesse o que acontecesse."

Delgado disse a Cerqueira que não pensava que os espanhóis o entregassem aos portugueses se por acaso o apanhassem. O máximo que lhe poderia acontecer era passar alguns meses numa prisão espanhola. Cerqueira afirmou que o general também usava um "anel de suicida", com veneno para o caso de ser capturado.

A primeira paragem para o general e para a sua secretária a caminho de Badajoz foi o hotel Lausanne, em Casablanca. Ali encontraram Cerqueira, que tratara de toda a viagem. No dia seguinte, chegaram a Tetuão, no Norte de Marrocos, onde Delgado tentou trocar uma "enorme quantia de dinheiro" (nunca foi revelado quanto), mas o pedido era de tal modo grande que o banco não tinha fundos bastantes. Em vez disso o general trocou uma série de "cheques de viagem".

Antes de partir para solo espanhol, Delgado arranjou tudo para se manter em contacto com os amigos. Mandaria postais ilustrados: se trouxessem o nome "Deolinda", os amigos saberiam que se encontrava bem. Se a assinatura fosse a sua, ficariam cientes de que estava em perigo ou já fora detido.

Delgado disse a Cerqueira que estaria de novo em Marrocos a 16 de Fevereiro. *Não me procurem antes do dia 21. Mas se não estiver de volta nessa altura, alertem os meus amigos e, se não aparecer a 23, alertem a Imprensa.*

Os receios que se ocultavam nestas precauções eram bem fundados. A P. I. D. E. já conhecia os planos de Delgado para uma revolta armada e os seus agentes perseguiam-no por toda a Europa e Norte de África desde há um ano. O dr. Robles Romero-Robledo, um advogado espanhol que trabalhou para a família de Delgado durante a investigação, afirmou: "Delgado foi seguido por toda a Europa. A P. I. D. E. já o conhecia bem, melhor até do que os seus próprios amigos."

Além da polícia política portuguesa, a congénere espanhola também estava ao corrente da presença do general em Espanha. Fotografias do general tinham sido distribuídas por todas as fronteiras e quando Humberto Delgado e a senhora Campos desembarcaram em Algeciras, vindos de Ceuta, foram imediatamente detectados pela polícia de Franco, que o seguiu até Sevilha e aí, incompreensivelmente lhe perdeu o rasto.

O casal permaneceu uma noite em Sevilha e chegou a Badajoz no dia 12 de Fevereiro, de autocarro, instalando-se no hotel Simancas. Nessa mesma noite chegaram ao hotel dois africanos do Norte e Delgado foi visto em conversa de tipo confidencial com eles. Porém, o seu verdadeiro papel no caso não está esclarecido. Pareciam simpatizantes de Delgado, mas há certas provas de que seriam agentes da polícia, marroquinos ou argelinos, vigiando Delgado para a sua organização ou para a P. I. D. E.

As primeiras suspeitas de armadilha devem ter atingido Delgado na manhã seguinte. Tinha marcado três locais de encontro para contactar Castro e Sousa, que o levaria até ao grupo de Roma. Um era à porta de uma catedral de Badajoz, do século XIII; outro, frente à porta principal dos Correios; e o último junto à estação dos caminhos de ferro. Todos eles eram locais públicos, precaução tomada por Delgado contra o perigo de ataque da P. I. D. E.

Delgado foi de local para local, procurando Castro e Sousa, mas o mensageiro não apareceu. Dos Correios, Delgado enviou uma série de postais assinados com o nome de "Deolinda". Quatro postais — um para a mulher, em Lisboa, — foram enviados pela estação, com a hora inscrita: 1 e 30 da tarde. Um dizia: *Até agora tudo bem. Até sempre, Deolinda:* outro *Talvez vá ser traído, mas a minha decisão é irrevogável.*

O SILÊNCIO QUE É PRECISO QUEBRAR

Depois disso... silêncio completo. Delgado, a sua secretária e os dois africanos desapareceram da face da terra. Cerqueira esperou o tempo aprazado e depois contactou a clandestinidade espanhola para saber notícias. Disseram-lhe que eventualmente

Bela,
segura,
confiante
com
Triumph.
pony H
Triumph
INTERNATIONAL

QUEM MATOU DELGADO?

um certo número de portugueses tinham sido presos em Badajoz na tarde do dia 13 de Fevereiro, mas desconheciam o paradeiro de Delgado.

Os exilados portugueses começaram a pedir satisfação para as suas dúvidas ao Governo espanhol. Uma comissão da Liga Internacional dos Direitos Humanos, composta de três advogados — Ian MacDonald, um inglês, um francês e um italiano —, principiaram a investigar o montão de rumores. A Espanha assegurou-lhes nada saber do assunto — um testemunho que mais tarde se provou não ser verdadeiro.

A comissão também obteve os nomes das pessoas que devia ter comparecido ao encontro de Badajoz. Alguns eram fictícios, outros desconhecidos da oposição portuguesa e outros, finalmente, estavam milhares de quilómetros afastados, nessa altura.

No dia 25 de Abril de 1965, um rapaz que passeava um cão pastor através de um campo de eucaliptos numa região entre as povoações de Olivença e Villanueva del Fresno, junto da fronteira com Portugal, descobriu dois corpos parcialmente tapados com terra e pedras na margem do rio Guadiana, num local em que o solo tinha sido levantado por fortes chuvadas.

O corpo de Humberto Delgado foi provisoriamente identificado pelas iniciais HD num anel. O outro cadáver era o da senhora Campos. Ambos estavam em estado de decomposição. O general fora vitimado por várias feridas na cabeça; a sua secretária tinha golpes na cabeça, mas fora estrangulada. Parte do corpo de Delgado era visível, a outra estava coberta por pedras e terra. Um terceiro corpo foi descoberto durante as buscas à região. Estava igualmente junto à margem do rio, algumas centenas de metros mais adiante. Tratava-se de Castro e Sousa, embora só muito mais tarde tivesse sido identificado.

A Espanha ordenou um inquérito judicial dirigido pelo juiz Don José Maria Crespo Marques. Mais tarde, as suas descobertas foram postas em causa por alguns exilados portugueses e pelo Governo português que, segundo o dr. Romero-Robledo, se recusou a colaborar (uma alegação que foi negada em Lisboa).

Os espanhóis ficaram muito embaraçados por se encontrarem a braços com a investigação de um escândalo internacional que implicava, intimamente, os seus vizinhos políticos. Mas parece não restarem dúvidas de que os tribunais espanhóis, dentro dos seus limites, se esforçaram por descobrir a verdade, e tudo quanto foi revelado sugere traição.

O inquérito aclarou que, depois de se ter dirigido ao pontos de encontro, Delgado regressou ao hotel e almoçou com a secretária tendo Castro e Sousa aparecido durante a refeição. Depois de comer, Delgado mandou sair a secretária com uma mensagem para os africanos que, entretanto, se tinham mudado para a pensão Las Vegas e ele próprio também saiu com Castro e Sousa. Deixou no hotel a sua bagagem e alguns documentos pessoais.

Os dois homens dirigiram-se a uma casa de campo deserta, chamada Los Almerines, na povoação de Olivença, a trinta quilómetros de distância. De acordo com as provas mais tarde divulgadas em Madrid, quando Delgado, que caminhava atrás de Castro e Sousa, entrou na quinta deserta, viu-se rodeado por três agentes da P. I. D. E., cujos carros se encontravam escondidos nas proximidades.

A armadilha tinha sido cuidadosamente preparada, mas os agentes da P. I. D. E. desprezaram um ponto: o seu agente nas hostes de Delgado dissera que o general iria desarmado. Porém, ele mudara de ideias no último minuto, no Norte de África. Pense-se o que se pensar das "ilusões de grandeza" de Delgado, a sua coragem não pode ser posta em dúvida. Sacou um revólver calibre 7.65 que trazia debaixo do casaco e começou a disparar à queima-roupa. Castro e Sousa, que caminhava à frente do general, recebeu a maioria das balas: talvez pporque Delgado se apercebera de que fora ele o homem que o atraiçoara.

Um dos agentes da P. I. D. E. segurou na alavanca do motor de um carro, que apanhara na cozinha da casa deserta, e agrediu inúmeras vezes Delgado na cabeça. Depois, puseram-no no banco traseiro de um dos carros da P. I. D. E., juntamente com o gravemente ferido Castro e Sousa. Aldeões das redondezas ouviram os tiros e viram os carros dos assassinos.

Um dos advogados afectos ao inquérito julga que o homicídio de Delgado foi acidental. "Creio que não era intenção da polícia portuguesa assassinar, mas apenas prender Delgado e embarcá-lo para Portugal. Porém, ele resistiu violentamente, obrigando os raptores a agir de igual modo. Mas pelos erros que cometeram, os agentes procederam como amadores."

O advogado madrileno Romero-Robledo afirma que, nesse dia, havia um grande contingente de agentes da P. I. D. E. a poucos quilómetros de distância, do lado português da fronteira. Cerca de 20 homens, em "jeeps", foram vistos pelos camponeses, aos quais disseram que andavam a caçar pombos. Todavia, estava-se na época de defeso. Sem dúvida, a sua presença ali era para "receberem" o dirigente da oposição.

A polícia espanhola investigou os crimes dois meses depois de terem sido descobertos e encontrou vários cartuchos utilizados de uma arma de calibre 7.65 no chão da quinta. Também havia uma poça de sangue e um pedaço de um bilhete de lotaria. Esta última descoberta não oferece dúvidas quanto à relação do crime com portugueses: tinha sido emitido no dia do assassínio — 13 de Fevereiro — em Lisboa.

A secretária brasileira de Delgado terá morrido certamente porque com o seu testemunho tornar-se-ia um problema para os assassinos. Há motivos para crer que, depois de ter regressado ao hotel, cumprida a missão de que fora incumbida pelo general, foi atraída para um "Lincoln" negro com uma mensagem falsa. Este carro surgiu mais tarde em circunstâncias inexplicáveis.

O que sucedeu nos 71 dias seguintes — até ao momento da descoberta dos corpos — tem sido terreno para especulações. Há duas possibilidades: foram, nessa mesma noite, enterrados pelos assassinos em solo espanhol; ou foram trazidos para Portugal com algum propósito e, mais tarde, de novo levados a Espanha, secretamente. A secretária e Castro e Sousa são realmente figuras marginais relativamente à importância de Delgado. A resposta possivelmente estará em saber se ele foi morto em Los Almerines quando resistia à prisão, ou se, ali, foi apenas ferido. Vivo, Delgado serviria para Salazar o "exibir" e levar a julgamento; morto, porém, não haveria qualquer vantagem em levá-lo para Portugal.

AS PRECAUÇÕES PIDESCAS DEIXARAM RASTOS

Sabe-se muito mais sobre os movimentos dos homens da P. I. D. E. durante esse período crítico do que sobre a sua precisa identidade. Em Julho de 1965, a polícia espanhola pediu à Interpol o seu auxílio para localizar os quatro homens ligados à morte de Delgado: Castro e Sousa (cujo corpo ainda então não fora identificado), Roberto Vurrita Baral (mais tarde soube-se ser um nome falso), Vashedo Mirpuri e outro português. Quatro homens que apresentaram estas identidades atravessaram a fronteira para Espanha pela estrada de Villanueva del Fresno em dois carros, um "Opel Rekord" cinzento EA-59-55 e "Renault Dauphine" GD-86-23. Os mesmos homens e viaturas regressaram a Portugal às oito horas da manhã seguinte, por Huelva, um porto no golfo de Cádis.

As autoridades portuguesas logo negaram estas provas, declarando que tais matrículas pertenciam a um camião e a um táxi que não tinham saído do País nessa data.

O relatório do juiz espanhol neste ponto é revelador. A sua acusação contra estes homens diz: "Em 13 de Fevereiro, os quatro portugueses entraram em Espanha acompanhados por um oficial da alfândega, que disse aos guardas da fronteira espanhola tratar-se de amigos que iam passar um dia em Sevilha. Os dois carros e os seus ocupantes tomaram a estrada para Sevilha."

Parece que os pides portugueses tomaram precauções para utilizar homens desconhecidos da polícia espanhola. O uso do nome Mirpuri é uma prova formal de que o rapto de Delgado fora longamente planeado pelas

autoridades portuguesas. Vashedo Mirpuri é um negociante indiano, agora vivendo em Jersey, que estivera de visita a parentes em Bombaim no dia 13 de Fevereiro.

Então como terá entrado no caso? Em Fevereiro de 1963, o passaporte britânico de Mirpuri (número 33265) encontrava-se na posse das autoridades da imigração de Lisboa, para que a sua licença de residência fosse prolongada para 60 dias, numa altura em que estava de visita ao pai, em Portugal. Foi dado a Mirpuri um recibo em troca do passaporte, que deveria ir buscar uma semana depois. Quando voltou, os funcionários da imigração disseram-lhe que o seu passaporte fora perdido juntamente com outros. Mirpuri comunicou imediatamente o facto à Embaixada britânica em Lisboa, mas o seu passaporte só apareceu dois anos mais tarde, na fronteira espanhola. A sua inocência está acima de qualquer suspeita.

A estrada entre Badajoz e Villaneuva del Fresno — estrada número C436 — é paralela à fronteira. A meio caminho entre aqueles dois pontos está Olivença (na noite anterior ao seu rapto, Delgado enviara a secretária àquela localidade, de táxi para se avistar com alguém). O relatório do juiz espanhol afirma: "Existem provas suficientes de terem sido encontrados, algures na estrada entre Olivença e Villanueva del Fresno (em 13 de Fevereiro), carros e pessoas com documentos falsos: a mesma gente que cruzou a fronteira de manhã com a intenção de capturar Delgado."

O juiz concluiu que o assassínio de Delgado não foi premeditado. Mas o rapto sim. Delgado fora atraído a Espanha por supostas actividades dos seus correligionários e abatido porque resistiu à captura.

Exactamente um ano depois dos acontecimentos de Badajoz, o juiz espanhol emitiu mandatos de captura contra dez pessoas supostas de estar implicadas no assunto: Castro e Sousa, Baral, Mirpuri, Carvalho (delegado de Humberto Delgado em Roma), o italiano dr. Ernesto Bisogno, Elias Tapeiro (o proprietário do "Lincoln"), um polícia português e três norte-africanos.

A Espanha tentou obter a extradição do dr. Bisogno, que dizem ter estado em Portugal imediatamente antes do encontro de Badajoz, e de Mário de Carvalho, mas os italianos recusaram-na e iniciaram o seu próprio inquérito, que (a data da publicação deste artigo) ainda não produziu resultados. Bisogno, que morreu algum tempo depois, e Carvalho negaram publicamente qualquer culpa no assunto. O nome de Carvalho constava da lista de pessoas supostas de irem encontrar-se em Badajoz com Delgado, Porém, afirmou que não se deslocara ali porque o aeroporto de Roma encerrara em virtude de uma violenta tempestade que eclodiu mesmo antes do dia 13 de Fevereiro. Verificou-se que isto era verdade. O professor Guerreiro também afirma que não esteve em Badajoz: "Estava a trabalhar e não me podia ter deslocado. De qualquer modo, não recebi qualquer convite."

Portugal disse que Castro e Sousa, Baral, Mirpuri e outro português — os quatro homens da P. I. D. E. — também eram procurados pela sua polícia (nunca foi indicado o motivo) e acrescentaram que nenhum dos seus agentes da polícia se encontrava entre os dez pretendidos.

ATEMORIZAR A OPOSIÇÃO

Depois dos acontecimentos de 13 de Fevereiro em Los Almerines, os factos são substituídos pelas conjecturas, muito embora haja alguns "vestígios" de provas que sugerem a verdade. Pouco depois da secretária ter abandonado o hotel no "Lincoln", o quarto de Delgado foi revistado pelos dois agentes norte-africanos que procuravam os nomes dos adeptos do general. Tanto quanto se sabe, nada foi levado, mas um jornalista britânico, que esteve no hotel Simancas alguns dias depois dos acontecimentos, diz que o director do estabelecimento lhe mostrou o conteúdo de uma das pastas de Delgado: uma grande soma de dinheiro e muitos contraceptivos.

Julga-se que a polícia portuguesa pensava organizar um "espectacular" julgamento do general e que uma das armas para o desacreditar perante o seu próprio público seria levar a sua secretária a confessar que tinha um romance com ele.

O "Lincoln" foi visto a poucos quilómetros de Olivença na noite de 13 de Fevereiro. Provavelmente o condutor teria ordens para contactar os raptores de Delgado. Se o general já estava morto — possivelmente abatido "em pânico cego" pela P. I. D. E. (no seu estado de saúde nunca poderia resistir a uma selvagem agressão na cabeça) — a inutilidade da senhora Campos como testemunha principal estava no fim. O facto de haver sangue e cabelos no banco traseiro prova que ela deve ter sido atacada no carro e, quase de certeza, na noite de 13 de Fevereiro.

O passo seguinte era o transporte do casal para Portugal.

Mas para quê o incómodo se o general estava morto? A P. I. D. E. ia ter de provar àqueles que a controlam no Governo português que "o grande revolucionário" já não representava qualquer ameaça. Para isso, o corpo tinha de ser mostrado. Alguém de forte autoridade também teria de decidir o próximo

A cova num campo de eucaliptos de Villanueve del Fresno onde, 71 dias depois do duplo assassínio, foram encontrados os corpos de Humberto Delgado e da sua secretária. O rapaz que se vê na foto é o pastor local que descobriu a macabra sepultura. À ESQUERDA — O célebre "Lincoln" negro onde foram descobertos, no banco traseiro, vestígios de sangue e cabelos da secretária do general. Foi encontrado estranhamente abandonado perto de Badajoz e nunca foi reclamado pelo proprietário.

QUEM MATOU DELGADO?

movimento, uma vez falhada a tentativa de rapto.

Os dois corpos atravessaram a fronteira — não num dos postos de "contrôle", mas nas margens do rio Guadiana — e foram entregues aos agentes "caçadores de pombos" da P. I. D. E. Foram então transportados para o aquartelamento militar de Évora e aí ficaram.

Os quatro pides que actuaram no rapto — incluindo o seriamente ferido Castro e Sousa regressaram a Portugal por Huelva. Castro e Sousa deve ter morrido, em consequência dos ferimentos, já em Portugal, logo as autoridades ficaram a braços com a explicação de três mortes.

Em circunstâncias vulgares, era um caso simples para a P. I. D. E. a supressão de qualquer vestígio da vida de um indivíduo. Mas o regime português *precisava* que o corpo de Delgado fosse descoberto. Isso provaria aos seus adeptos que o seu "mentor" estava morto. Ao mesmo tempo, isso serviria para quebrar o ânimo aos movimentos clandestinos da oposição nas eleições que se aproximavam no ano seguinte.

De certo modo, a morte de Castro e Sousa era um ponto a favor. Muita gente na oposição julgava-o um dos homens de Delgado, por isso a descoberta do seu cadáver, ferido por várias balas, junto ao de Humberto Delgado — em redor do qual foram espalhados alguns cartuchos do mesmo calibre — sugeriria que o general fora morto por um dos seus simpatizantes: talvez no decurso de uma das várias disputas políticas que tanto tinham atingido a oposição.

Agora as autoridades portuguesas tinham de fazer regressar os corpos a Espanha, para se libertarem de qualquer suspeita de envolvimento. Aqui também os factos são escassos, mas duas fontes distintas revelaram-nos um estranho incidente que se registou na fronteira de Villanueva del Fresno por volta de 6 de Abril de 1965. Segundo uma das fontes, três "Land-Rovers" chegaram à fronteira portuguesa com um oficial superior da polícia e foram autorizados a entrar em Espanha depois de dizerem transportar medicamentos urgentes.

Henrique Cerqueira afirma que os "jeeps" chegaram à fronteira com uma ambulância. Pararam no lado português e o polícia mandou os oficiais alfandegários embora. A seguir foram retiradas três macas da ambulância e transportadas através da fronteira, acompanhadas por agentes da P. I. D. E. Imediatamente se afastaram da estrada principal e se dirigiram pelo bosque ao local da sepultura.

Mas se os corpos tinham simplesmente atravessado a fronteira pelo rio Guadiana, em 13 de Fevereiro, não poderiam ter feito o caminho inverso? Num ponto do lado português, as terras que limitam a fronteira pertencem a um fiel salazarista e seria fácil atingir a Espanha desde esse lugar.

Uma terceira e surpreendente hipótese diz respeito ao reaparecimento em cena do "Lincoln". Aqui os factos são claros: mas o papel desempenhado pelo carro não parece ter explicação. No dia imediato ao descobrimento dos corpos, a 25 de Abril, um mecânico de uma garagem de Badajoz apareceu com novas provas. Contou à polícia que recebera uma chamada telefónica de um homem "com forte pronúncia portuguesa" que lhe pedira para ir recolher um carro que empanara na estrada perto de Villanueva del Fresno. Isto era apenas a centenas de metros do local onde os corpos foram descobertos.

A voz pediu ao mecânico para ligar o veículo e repará-lo, acrescentando que telefonaria uns dias mais tarde para tratar do pagamento. Quando o mecânico chegou junto do carro, o condutor tinha desaparecido. Olhando para o interior da viatura reparou em vestígios de sangue num assento e aquilo que mais tarde as análises revelaram ser cabelos da secretária do general. O motorista nunca mais regressou para reaver o carro.

Este carro apurou-se pertencer a um marroquino chamado Elias Tapeiro. Em 1966, foi preso pela polícia de Madrid por estar relacionado com os crimes, mas dez meses mais tarde foi libertado por ordem de um juiz do Supremo Tribunal, que determinou não haver provas para acusação criminal.

Sempre tem sido admitido que o carro de Tapeiro foi utilizado para fazer regressar os três corpos a Espanha, depois de os chefes da P. I. D. E. terem decidido ser esse o movimento final. Na realidade, isto parece insustentável. Porque teriam sido deixados, traços do crime no veículo? Uma resposta poderá ser a de que isso foi deliberado, para chamar a atenção para o carro — e, portanto, para os crimes (Portugal *queria* ter a certeza de que os cadáveres eram descobertos). Mas a ideia é bastante disparatada — um telefonema anónimo para a polícia tinha sido muito mais simples — e o condutor correu sério risco de ser apanhado.

Se esta teoria for posta de lado, então porque terá a P. I. D. E. deixado provas do crime no interior do carro? Parece estar fora de questão que a secretária tenha estado presa e depois a tenham morto na viatura. E se a senhora Campos tivesse morrido na prisão, profissionais como os da P. I. D. E. teriam tomado todas as precauções para não deixarem qualquer rasto.

Os factos são muito mais consistentes com a secretária sendo atacada no carro, em Olivença, ficando inconsciente. Teria então sido transferida para os carros da P. I. D. E. para atravessar a fronteira onde, a dada altura, foi estrangulada. O condutor do "Lincoln" pode ter fugido com os agentes da PP. I. D. E. abandonando o carro. Depois surgiu doze dias mais tarde, após o misterioso telefonema para o mecânico. Só um homem — o condutor — sabe as respostas para esta charada — e ele ainda não apareceu.

O inquérito espanhol não encontrou quaisquer provas de envolvimento do seu país em raptos ou homicídios. Porém, a comissão da Liga Internacional dos Direitos Humanos, admitiu três possibilidades: Delgado foi preso pela polícia espanhola, morto por ela, ou por qualquer outra pessoa, e o seu corpo foi descoberto antes do fim de Fevereiro.

Actualmente parece pouco provável que a Espanha tenha tido conhecimento do rapto *antes* dele ter falhado. Porém, algumas horas depois, as autoridades espanholas devem ter sabido bastante. Em Março de 1965, no hotel Simancas, o director disse que os registos de Fevereiro tinham sido destruídos: mas sabe-se que às 18 e 30 do dia 13 de Fevereiro apareceu no hotel e saiu com alguma bagagem e papéis pessoais de Delgado. É quase certo que os espanhóis começaram a saber o que se estava a passar, segundo as declarações do juiz, quando os portugueses e os seus carros foram encontrados com documentos falsos entre Olivença e Villaneuva del Fresno.

Uma vez que a Espanha ficou consciente do crime, a preocupação das autoridades deve ter sido manter tudo no segredo — o que pode ter significado auxílio aos portugueses para fugirem com os corpos. Mas dificilmente os espanhóis concordariam em deixar que os cadáveres permanecessem no seu território; mais uma razão para que, muito provavelmente, Delgado e os outros tenham saído e depois fossem trazidos de volta "por trás das costas dos espanhóis".

Os corpos do general Delgado e da sua secretária estavam ambos desmembrados quando foram encontrados. A tortura era certamente um dos meios da P. I. D. E., mas a extensão dessas mutilações — a perda de braços e pernas — não é consentânea com práticas de tortura ordinárias. Uma hipótese adiantada por Mário Soares, o advogado da família Delgado em Lisboa, foi que o desmembramento pode ter sido provocado por ataques de lobos que infestam as florestas junto da fronteira.

Hoje, o nome de Humberto Delgado é mais recordado pelos seus compatriotas que compartilharam as suas conspirações e aventuras do que pelos jovens portugueses.

O seu corpo ainda está enterrado no cemitério de Villanueva del Fresno. Pouco depois da morte de Delgado, António de Figueiredo escreveu sobre ele: "Morreu comandando um exército fantasma da sua viril e rebelde imaginação. Trocou o conforto da vida de um general pelas agruras da oposição; trocou o exílio formal pelos riscos da conspiração militante. Finalmente, deu a sua própria vida pelo seu povo."

Max Factor
põe nos seus olhos

Colour-On

sombra à prova de água

Nade com ela!...
Apanhe sol com ela!...
Use-a em toda a parte!...

Colour-On. Dentro ou fora de água, uma sombra inigualável para os olhos. Côres suaves e facilmente aplicáveis, que permanecem enquanto você quiser...

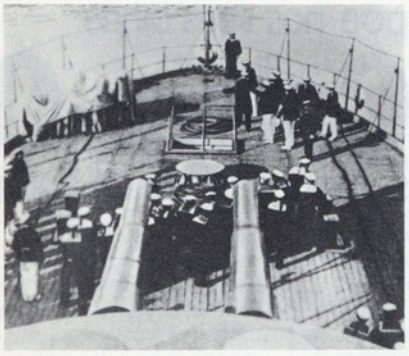
Em seis tons que nunca desbotam nunca esborratam, nunca perdem a suavidade do seu brilho.

Max Factor põe Colour-On nos seus olhos. Agora já pode nadar à vontade!...

Do mundo maravilhoso da MAX FACTOR... Naturalmente

CINEMA

por PEDRO PYRRAIT



O COURAÇADO POTEMKIN
SERGEI EISENSTEIN
IMPÉRIO

O Couraçado Potemkin» tem 48 anos de idade. A mesma idade de um regime que não permitiu a sua exibição em Portugal (o filme foi exibido, no entanto, em algumas sessões clandestinas nas quais participa uma pequena minoria daqueles que amam o cinema). Agora, que «O Couraçado Potemkin» pode ser visto livremente em Portugal, é necessário chamar a atenção para esta obra-prima assinada por um dos nomes fundamentais da história do cinema, Sergei Eisenstein.

O Couraçado Potemkin» narra a revolta de um grupo de marinheiros contra os seus superiores por motivo das condições miseráveis a que estes os votavam, revolta esta que se estenderá rapidamente a uma cidade próxima onde o povo lutará contra os mais poderosos.

Testemunho grandioso da luta e da força do povo pela conquista da justiça e da liberdade, «O Couraçado Potemkin» é uma obra humana e sensível, na qual Eisenstein faz os primeiros ensaios de uma montagem significante que marcaria de forma decisiva toda a sua obra e o futuro do cinema como arte perfeitamente individualizada.

Em complemento do filme de Eisenstein exibe-se a média metragem portuguesa Jaime», de António Reis, depoimento humano e sincero sobre um homem que, durante cerca de 30 anos, conheceu apenas as paredes de um hospital. Importante, portanto, a visão de «Jaime», infelizmente bastante mal recebido por parte do público que se tem dirigido ao Império.

****

O MAL-AMADO
FERNANDO MATOS SILVA
SATÉLITE

A integração do ex-estudante universitário numa sociedade que soube denunciar abertamente nos tempos de estudante, mas à qual se viu obrigado a submeter-se para poder sobreviver. A posição da geração dos vinte anos sobre os problemas que a atormentam e a fazem lutar desesperadamente. O conflito ideológico e moral entre duas gerações.

«O Mal-Amado» é uma obra que se debruça sobre a realidade duma cidade (Lisboa) com uma objectividade que ultrapassa o depoimento pessoal sobre a realidade observada pela personagem principal. Assim, O Mal-Amado», filme linear e transparente, honesto e franco, torna-se uma obra extremamente importante porque foca problemas que dizem respeito a todos nós, Portugueses, e indica situações que necessitam ser desmascaradas.

Sem grandes defeitos de ordem técnica (convém, efectivamente, chamar a atenção para este aspecto, pouco cuidado nos filmes realizados em Portugal), O Mal-Amado» é, sem dúvida, o primeiro filme português estreado em 1974 que merece uma visão atenta.

***

A GOLPADA
GEORGE ROY HILL
TIVOLI

Sete Óscares de Hollywood (entre os quais «o melhor filme», a melhor realização» e o melhor argumento»), três actores de nomeada (Paul Newman, Robert Redford e Robert Shaw), um realizador que já assinou alguns filmes de sucesso («Millie, Rapariga Moderna», «Butch Cassidy and the Sundance Kid», «Matadouro 5»), uma banda sonora que ocupa os primeiros lugares de vendas nos mercados internacionais do disco, eis algumas das razões que transformaram «A Golpada» («The sting») num enorme êxito de bilheteira junto do público lisboeta.

Torna-se, no entanto, fácil identificar este filme com a indústria de Hollywood que, também, produziu «O Nosso Amor de Ontem». E não é por mero acaso que cito «O Nosso Amor de Ontem» pois ambos se debruçam sobre a América do passado (em «The sting», a acção central desenrola-se nos anos 30, em Chicago, durante o período da «lei seca»), o mais recente filão descoberto pelos realizadores de Hollywood.

Sobre A Golpada» limitar-me-ei a dizer que Georg Roy Hill conhece os truques técnicos da moda e as cenas e os ambientes que o público devora sem pensar. E é tudo. Quem quiser perder mais de duas horas pode ir ao Tivoli, mas garanto que outros filmes se exibem de interesse e importância muito superior.

**

**** – Genial (veja muitas vezes);
*** – Muito bom (veja sem falta);
** – Interessante (veja);
* – Decepcionante (escusa de ver);
● – Detestável (se for ver... é bem feito)

TEATRO VIVO

Por CARLOS PORTO

OS CRIADORES · AS IDEIAS · OS FACTOS

cortina

QUE FAZER?

Ultrapassado o período em que (quase) todos nós vivemos dominados pela emoção, pelo entusiasmo, pela alegria, neste estado de embriaguez em que julgávamos viver um sonho – surge o tempo da reflexão. Nesta página de teatro, essa reflexão incide naturalmente sobre os problemas com ele relacionados. Não poderemos esquecer, contudo, que, mais do que nunca, o teatro faz parte de um todo (a sociedade portuguesa) – um todo que finalmente se pôs em movimento.

A nossa primeira reflexão não é optimista no que se refere ao futuro imediato do teatro português. Tanto quanto nos podemos aperceber pelo que neste momento se passa, parece-nos que as estruturas do teatro português vão permanecer inalteradas. É certo que vamos ter em cartaz novas peças e novos autores cuja apresentação a Censura impedia, com a estupidez cega que define a Censura de tipo fascista. Simplesmente, os problemas do teatro português não se reduzem a esse. Os problemas referentes à situação de monopólio em que vive o nosso teatro; os problemas referentes à nossa única companhia oficial; os problemas referentes às dificuldades com que se debatem os grupos independentes e de amadores – aqueles de quem se espera a renovação do teatro português – mantêm-se.

ARQUIVO DE MAIO

Embora com certa lentidão e sem fazer grandes ondas, o pequeno mar teatral português começou a mover-se. Parece-nos de interesse arquivar aqui alguns acontecimentos que supomos significativos dos novos tempos que começámos (uff!) a viver.

28-4-74 – Um grupo de gente do teatro distribuiu um comunicado de apoio à Junta de Salvação Nacional. Publicámos esse comunicado no número anterior de Teatro Vivo.

José Viana corta alguns números de «Simplesmente Revista», números que considera desfasados com a actual situação política do País. Em substituição leu dois poemas: «O Menino de Sua Mãe», de Fernando Pessoa, e «Liberdade», de Bocage (este fora cortado pela Censura). Nas revistas em cena no Parque Mayer foram igualmente incluídos números cortados pela Censura.

30-4-74 – Um grupo de gente do espectáculo – cinema, canção, teatro – ocupa pacificamente a Direcção-Geral dos Espectáculos, sede da Censura, e o Instituto Português de Cinema.

Os profissionais do teatro ocupam o respectivo Sindicato, cujos corpos gerentes, entretanto, se tinham demitido.

ABOLIDA A CENSURA

1-5-74 – Amélia Rey Colaço e Mariana Rey Monteiro, empresárias e artistas da companhia concessionária do Teatro Nacional D. Maria II, enviam um telegrama de apoio à Junta de Salvação Nacional!

O dramaturgo Costa Ferreira, numa atitude muito lúcida, pede que a sua peça «Os Desesperados» fosse retirada da programação do Teatro Nacional. Esta peça, que estava em ensaios, estivera anteriormente proibida pela Censura, mas a sua temática não é oportuna neste momento. A peça de Costa Ferreira será substituída pela peça de Miguel Franco, «O Motim». Lembramos que este original chegara a subir à cena naquele teatro sendo proibida ao fim de cinco dias de representações.

2-5-74 – A Comissão Reformadora do Sindicato dos Profissionais de Teatro, Bailado, Circo e Variedades publica um manifesto em que informa estar «a preparar a curto prazo a reestruturação de um Sindicato que venha a abraçar todos os profissionais que trabalham no Teatro, Bailado, Circo, Variedades e, possivelmente, se o desejarem, os cantores de Ópera». Entre os pontos que constituem o referido manifesto, salientamos os seguintes: «Pedir a cessação das escandalosas protecções que têm encorajado um monopólio de exploração de casas de espectáculo, com ruinoso reflexo nas degradantes condições de trabalho de toda a classe»; «Instauração de um rigoroso inquérito à burla da falta de depósito de milhares de contos de contribuições da Previdência, lesando as reservas matemáticas das transferências dos beneficiários e, portanto, diminuindo as suas reformas.»

A Associação Portuguesa de Teatro Amador, que aguardava há anos a sua legalização, considera-se constituída por decisão unânime dos membros da respectiva Comissão Instaladora. A A.P.T.A. saúda a abolição da Censura e manifesta o seu apoio à J.S.N.

3-5-74 – O Grupo de Teatro de Campolide cancelou todos os espectáculos que tinha marcados com a peça «Filopópolus», de Virgílio Martinho, e «Farsa de Mestre Pathelin». O grupo pretende «adequar o seu trabalho teatral às novas circunstâncias históricas que se observam no País».

A Cornucópia publica dois comunicados em que revela a sua atitude perante a actual situação política do País. A companhia passará a funcionar interinamente como assembleia democrática, embora mantendo provisoriamente o seu actual estatuto de sociedade comercial por quotas. Directores eleitos: Luís Miguel Cintra e Jorge Silva Melo. O Teatro da Cornucópia vai iniciar imediatamente os ensaios de «Grande Medo e Miséria do III Reich», de Bertold Brecht, texto que consideram o mais adequado às possibilidades e às aspirações actuais da companhia.

4-5-74 – A Sociedade Portuguesa de Autores substituiu a realização de uma série de colóquios subordinados ao tema «Realidades e Perspectivas do Teatro em Portugal», a realizar na Gulbenkian, por uma série de discussões sobre a reorganização das estruturas do teatro português. Com vista a essa realização efectua-se na sede daquele organismo uma reunião preparatória a que assistiram diversas personalidades do nosso teatro (autores, actores, encenadores). O responsável desta página, único crítico presente, recusou-se a participar nesse trabalho, limitando-se ao papel de observador.

Anuncia-se que a peça programada para o Teatro Maria Matos («Pigmaleão», de Bernard Shaw) foi substituída pelo último original de Bernardo Santareno – «Português, Escritor, 45 Anos de Idade» – ainda inédito, mesmo em livro, peça que não tinha quaisquer possibilidades de ser apresentada sob o regime fascista. A peça de Santareno será encenada por Artur Ramos e Rogério Paulo.

A comuna anuncia que desistiu da sua deslocação ao Brasil e que apresentará, dentro de dias, «Ceia-II», um espectáculo em que incluirá os textos cortados na versão original da «Ceia», o mais recente espectáculo daquele grupo.

5-574 – A Empresa Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro, concessionária do Teatro Nacional, publica um extenso comunicado em que define a sua posição perante o momento político português. Pela leitura desse comunicado verificamos que aquela companhia nutriu durante a sua longa existência profundos sentimentos democráticos. Sem comentários. ■

De novo a Natureza serve a beleza!

floral nature

redescobre a Natureza!

Floral Nature combinou todas as propriedades benéficas da Natureza e criou uma gama de produtos de toilette com positiva acção contra os estragos causados pelos produtos vulgares, pela poluição e pelo cansaço.
Com os Shampoos, Lacas e Plix Floral Nature, beleza sim, mas agora, beleza saudável!
Estudados um a um para tirar partido das qualidades dos elementos naturais que entram nas suas fórmulas, os Shampoos, Lacas e Plix Floral Nature têm acção saudável e renovadora que torna mais atraentes os resultados de beleza conseguidos com os simples cuidados de toilette de todos os dias.
Floral Nature é o mais saudável tratamento de beleza!

Shampoos Floral Nature
de proteínas naturais
3 variedades para cabelos normais, secos e oleosos

Lacas Floral Nature
com fixante natural de adraganta
3 variedades para cabelos normais, secos e oleosos

Plix Floral Nature
3 variedades para cabelos normais, secos e oleosos

beleza saudável!

Shampooes Laccas Plix

informação comercial

O MERCADO PORTUGUÊS INTERESSA À LEVI'S

Sentido prático, moda — até motivações de ordem económica explicam o êxito expressivo das "blue jeans"... que azuis e feitas de lona para construção de barracas nos tempos do velho Oeste americano apresentam hoje modelos sofisticados e nas mais diversas e vivas cores.

O alemão Levi Strauss foi o "pai" das "blue jeans", fundador de uma empresa que é a maior do Mundo no ramo das confecções e facturou em 1973 a modesta soma de dezassete milhões de contos...

De S. Francisco da Califórnia e dos Estados Unidos, onde há trinta fábricas a produzirem Levi's, o empreendimento passou à Europa, às Américas Central e do Sul, à Ásia e chegou à Austrália. Há fábricas Levi's na Grã-Bretanha, na Alemanha, na Bélgica, na Espanha, na Holanda, no México, em Porto Rico, no Brasil, na Argentina, em Macau, em Hong-Kong e Singapura, por exemplo. Toda a Europa ocidental sofreu o impacte da comercialização das confecções Levi's e bem assim a maioria dos países asiáticos.

Em Portugal sucedeu o mesmo do que em tantas outras áreas: a Levi's actuava apenas através de um distribuidor. E assim foi de 1969 a 1973. A crescente procura, em parte justificada pela diversificação de modelos e pela implantação da imagem da empresa "leader" do mercado mundial, justificaram, porém, a instalação de uma filial no nosso país, a Levi Strauss (Portugal) Confecções Lda. E a designação para seu director-geral de um dos seus mais qualificados técnicos, o dr. Carlos Cunha, licenciado em ciências económicas e administrativas pela Universidade de S. Paulo, pós-graduado em administração de empresas e ex-professor da cadeira de Economia e Estatística, também em S. Paulo.

Profissionalmente, o dr. Carlos Cunha especializou-se na área de "marketing", tendo desempenhado elevados cargos do seu sector em importantes empresas multinacionais.

Um último ponto assinala o incremento operacional da Levi's em Portugal — o facto de haver contratado a Latina Thompson como sua agência de publicidade.

Vencedora dos mais qualificados certames internacionais, a publicidade da Levi's oferece situações insólitas. O dr. Carlos Cunha mostra alguns cartazes ao administrador delegado da L. T. A., Álvaro Gorjão.

DOIS CONCURSOS NACIONAIS DE OVINOS NA FEIRA NACIONAL DE AGRICULTURA

A Feira Nacional de Agricultura, que se realiza em Santarém, decorrerá, no presente ano, desde 2 a 16 de Junho, ou seja, como sempre, do primeiro ao terceiro domingo do referido mês.

A sua programação, — em parte já elaborada — prevê, além de muitas outras actividades, a concretização de várias manifestações de natureza técnica.

Dentro deste âmbito, e no que respeita ao sector da pecuária, está assente a realização de dois Concursos de Pecuária, a saber: Concurso Nacional de Ovinos e Caprinos e Concurso Nacional de Carcaças de Ovinos.

O primeiro destes concursos, destinado a estimular o melhoramento e expansão das raças puras consideradas de maior interesse para a economia do nosso país, interessa praticamente todo o território nacional, pois nele se incluem as seguintes raças de ovinos: Merina Precoce, Merina Alemã, Merina Branca, Serra da Estrela Branca e Preta, Ile de France e Frizia do Leste, assim como as raças de caprinos: Raiana, Algarvia, Serra da Estrela, Granadina, Murciana, Saanen e Alpina.

O Concurso Nacional de Carcaças de Ovinos, que tem por objectivo fomentar a criação de animais cuja aptidão se evidencie no referente ao rendimento e qualidade de carne produzida, admite a presença de raças especializadas e de raças autóctones, bem como de produtos cruzados.

Os prémios destinados aos participantes nestes importantes concursos — os quais beneficiam do patrocínio do Ministério da Economia —, atingem o volume de centenas de milhar de escudos e constam da atribuição de medalhas de ouro, de prata e de cobre, a conceder às explorações que obtenham pontuações consideradas significativas.

OS RESULTADOS ESCOLARES
SÃO SURPREENDENTES SE TOMAR

BIO-STRATH®

Proporciona um equilíbrio intelectual e físico
Produto SUIÇO à base de leveduras plasmolisadas e plantas

REPRESENTANTES PARA PORTUGAL:
CREFAR — REPRESENTAÇÕES, LDA •

à Venda nas Farmácias

3
PRODUTOS DE ALTA QUALIDADE
AMENDOIM
ISRAEL
ARROZ
TREVO
ESPECIARIAS
TREVO

LIVROS, AUTORES, LEITURAS

Por MARIA TERESA HORTA

MONTRA DE LIVROS

TEMPO DE MERCÊS — de Maria Judite de Carvalho

Agora que alcançámos uma liberdade que nos haviam tirado há quarenta e oito anos, agora que está nas nossas mãos construir uma sociedade melhor, é preciso que a mulher tome, urgentemente, consciência de si própria e dos problemas que lhe dizem especificamente respeito, para que possa, com lucidez, lutar (de novo...) pela sua segunda libertação: desta vez libertação do jugo masculino a que tem estado desde sempre submetida, pois se tal como os homens portugueses as mulheres portuguesas estiveram sob uma mesma e comum ditadura fascista durante quase meio século e hoje dela se libertaram, a verdade é que à mulher falta ainda libertar-se de uma segunda ditadura e que só a ela toca: ditadura que há séculos e séculos a tem amordaçado, a tem afastado de uma real e actuante posição na construção do mundo em que todos vivemos, mas que apenas o homem tem feito (à sua imagem e semelhança...); no qual apenas o homem tem direitos e regalias, exigindo para si os papéis principais, guardando para nós os papéis secundários, menores, domésticos.

Domesticadas, caladas?

Pelo contrário, hoje tudo leva a crer que mais do que nunca a mulher tem, ou pelo menos começa a ter, consciência da sua injusta posição, da sua terrível solidão. Da escandalosa exploração de que tem sido vítima...

Dessa solidão, dessa amargura, dessa secura, tão tipicamente feminina, dá-nos testemunho toda a obra de Maria Judite de Carvalho e muito especialmente *Tempo de Mercês*, livro de novelas, publicado há poucos meses e acerca do qual me parece importante, neste momento, tornar a falar. Chamar sobre ele a atenção das minhas leitoras, para quem, em especial, confesso, escrevo todas as semanas.

Como habitualmente, Maria Judite de Carvalho, neste seu livro, preocupa-se, acima de tudo, com as personagens femininas, analisando-lhes os problemas, analisando-lhes não só as suas reacções, atitudes e desesperos, como as raízes fundas da sua prisão a mitos a que têm estado presas; mitos como, por exemplo, a maternidade, a feminilidade, a fragilidade...

Sexualidade destruída, falseada, à custa de quantas amputações? Inteligência calada, aniquilada, à custa de quantas distorções?

De tudo isto, afinal, nos fala *Tempo de Mercês*, se não directamente, pelo menos em seus reflexos... suas paralisias, seus resultados.

Impossibilidades de comunicação?

Não gritei, não havia razão para isso. Gritar para quê, porquê, com quem? (...)

Eis a exacta medida, a exacta dimensão do nosso isolamento... Gritar porquê, se ninguém nos ouve, se jamais alguém ligou aos nossos gritos?

Porém, e embora consciente disso, Maria Judite de Carvalho não deixa de revoltar-se através daquilo que escreve, aliando uma forma correcta (uma escrita perfeita e desenvolta), uma limpidez de estilo, uma lucidez e uma total independência a uma coragem exemplares.

Quem, melhor do que ela, tem retratado, na nossa moderna literatura, a mulher da sua geração? Suas frustrações constantes, amarguras e desesperos. Sua vida de secura e solidão?

Tem quarenta anos, está magra e os cabelos começam a embranquecer-lhe, tem de os pintar com frequência. Está amarga também. Não foi só a voz que lhe endureceu um dia, as rugas apareceram-lhe entre os olhos e aos cantos da boca sem dar por elas, e, de repente, estavam ali.

Temos, sem dúvida, de encarar de frente a realidade, por mais horrível que ela nos seja e lutarmos, revoltarmo-nos contra ela, cada uma de nós, pelos meios que tiver ao seu alcance. Ao dar testemunho da situação da mulher portuguesa, Maria Judite de Carvalho está a lutar pela sua libertação, ainda que não seja essa a sua primeira e mais directa intenção. Embora, *Tempo de Mercês* é uma obra que se deve ler já, e não apenas pelo seu inegável valor literário... mas também pelo que nela se descortina, se disseca, se desmistifica, se desmascara.

A CRIANÇA E A MÚSICA

AUTOR — Michel e Jacqueline Legaud
TRADUTOR — Alice Gomes
COLECÇÃO — Biblioteca dos Pais
EDITOR — Europa-América
PREÇO — 30$00

Na colecção Biblioteca dos Pais, publicou a Europa-América mais dois volumes: *A Criança e a Música* e *A Criança Diminuída Mental*, — sua educação afectiva e sexual, de Françoise Sandre e Hervé Raute.

Do primeiro, eis alguns dos temas propostos: O bebé desperta para os ritmos e para os sons; O ruído, um perigo para as crianças; A música na escola maternal e depois na primária e a mudança de voz.

O OLHO COSMOLÓGICO

AUTOR — Henry Miller
TRADUTOR — H. Silva Letra
COLECÇÃO — Novas Direcções
EDITOR — Estampa
PREÇO — 60$00

Um livro de Henry Miller, no nosso país, é um acontecimento excitante que provoca a compra seja qual for o romance ou ensaio... Não é o "fruto proibido o mais apetecido"?

Com isto não quero negar que Henry Miller seja um bom escritor, que os seus livros não tivessem sido, num certo sentido, inovadores e até corajosos, de uma violência necessária, mas... ninguém como ele, também, na literatura contemporânea, sabe (e quer) utilizar a mulher como simples objecto sexual... Em toda a sua obra a mulher é *o nada* enquanto o homem, pelo contrário, *é o ser supremo*... Não será revoltante?

ÉPOCAS DE PORTUGAL ECONÓMICO

AUTOR — J. Lúcio de Azevedo
EDITOR — Livraria Clássica Editora

Também em reedição (terceira), está à venda *Épocas de Portugal Económico* — esboço de história —, de J. Lúcio de Azevedo.

DELINQUÊNCIA SEM REMÉDIO

AUTOR — Vários
COLECÇÃO — Cadernos Dom Quixote
TRADUTORES — A. José Massano — Hélder Rodrigues e Yvonne Gullander
EDITOR — Dom Quixote
PREÇO — 30$00

Mais um caderno Dom Quixote. Desta vez o tema é a delinquência, assuntp que a todos nos toca directamente. "Tema complexo em que são controversas, em muitos pontos, as posições dos especialistas quanto às causas do problema e às soluções a pôr em prática." Oiçamo-los, pois.

BELEZA PARA MATAR

AUTOR — Brett Halliday
TRADUTOR — Maria do Carmo Pizarro
COLECÇÃO — Vampiro
EDITOR — Livros do Brasil
PREÇO — 15$00

Violência é a palavra de ordem deste romance de Brett Halliday. História sem imaginação nem beleza, contada de uma forma mais do que banal e sem qualquer fascínio. A esta literatura policial, digo: não!

Por seu lado, na Colecção X, a Minerva editou *O Diário Desaparecido*, de Francis Durbridge, e a editora Dêagá, na sua Colecção Enigma, o livro *Contrato Continental*, de Don Pendleton, ambos igualmente mais romances.

A PSICANÁLISE

AUTOR — Friedrich W. Doucet
TRADUTORA — Maria Emília Ferros Moura
COLECÇÃO — Unibolso
EDITOR — Associados
PREÇO — 25$00

Eis um volume da Unibolso, dedicado à psicanálise, tema hoje bastante em voga...

Neste estudo, de Friedrich Doucet, é-nos apresentada a exposição comparada de textos de Freud, Adler e Jung, três dos mais conhecidos "mestres" neste assunto escaldante e controverso.

O HOMEM E A CIDADE

AUTOR — Henri Laborit
TRADUTORA — Wanda Ram
COLECÇÃO — Século XX-XXI
EDITOR — Iniciativas Editoriais

Neste longo ensaio, Henri Laborit fala da destruição progressiva do meio ambiente e do desaparecimento da espécie humana...

O homem e a cidade... Conseguirá o homem sobreviver? E até quando? E como? Ou deveremos antes perguntar: mas como? ...

Sketch
MOLINARD
PARIS GRASSE
EAU DE COLOGNE 80°
fresca... suave... subtíl...

FLAMA

Preencha o talão em baixo e envie-o (com a respectiva importância em vale, cheque ou selos) para:
Administração da "Flama" — Rua Rodrigues Sampaio, 50-2o. Esqo. — Lisboa-2

Nome: . . . . . .
. . . . . .
Morada: . . . . . .
. . . . . .
Deseja assinar a "Flama"
pelo período de { 6 meses (225$00) / 1 ano (440$00) }
(cortar o que não interessa)
para o que junto envia a respectiva importância em . . . . . .
. . . . . .
Assinatura
. . . . . .

TOIROS

Concurso de ganadarias

Concursos de ganadarias em Portugal, como todos sabem, é certame arriscado pelas dificuldades, quase insuperáveis, na adopção de um critério válido e qualificativo. A vara é o termómetro que mede a bravura do toiro. Único, por enquanto. E, dado que tal sorte está interdita entre nós, ficamos sempre na dúvida, quando há motivos para isso, já que determinados hastados são de tal forma mansos que as possíveis dúvidas se dissipam.

Vila Franca de Xira deu-nos, agora, de novo, outro concurso entre as ganadarias ribatejanas dos Herdeiros de Júlio Borba, de David Ribeiro Telles, dos Herdeiros de Pinto Barreiros, de Oliveira (Irmãos), de Tomás da Costa e de Cunha e Carmo.

Se alguns toiros se eliminaram logo por si, dois houve — o de Pinto Barreiros e de Oliveiras — que suscitaram a referida dúvida, havendo também a referir o comportamento do "borba".

A vara, como disse, é o termómetro único, se bem que tenha significativa importância a forma como o cavaleiro ou o "espada" lidam a rês (que o digam os nossos ganadeiros em relação a Manuel Conde para quem parece não existirem mansos!) e também a quadrilha de subalternos. Se a actuação dos bandarilheiros António e Manuel Badajoz, de Jorge Marques e António Garçoa se pode compreender em função das ordens de quem servem (Zoio e Baptista), tornou-se nefasta num concurso de ganadarias, onde estava em jogo a selecção, o apuramento de um toiro. Daí o agravamento das dúvidas suscitadas.

O "borba" resultou voluntarioso, com pata, nobre. Despegou-se por vezes do cavalo, berrou, raspou e acusou o castigo. Esteve contudo sempre colocado e a dar luta. Um bom toiro, sem estilo. Mestre Baptista esteve bem com ele, mormente num curto a aguentar arrancada larga e pujante.

Feio de tipo o de Ribeiro Telles. Manso, de rabo enorme a arrastar, recuando ao cite. Luís Miguel da Veiga, em quem tanto confiamos, parece ter quebrado o enguiço ou a apatia. Decidido, animoso, toureiro, soube, com elegância e sentido de lide, tirar o máximo partido do manso-colaborante.

De córnea larga, "playero", negro-bragado, toiro de linhas harmoniosas — o "pinto barreiros". Toiro de classe, pronto de investidas, rectas, ciclónicas, a pedir contas e meças... Teve dois pormenores negativos: berrou uma vez e sacudiu o terceiro curto. José João Zoio viu-se com certo agrado, no conjunto da actuação. Faltou-lhe traquejo para tanta bravura adversária. Dois toques e uma violenta colhida dão a medida da situação.

"Conquistador", de Oliveiras, foi o toiro da tarde, sério, nobre, codicioso, com um comportamento de bravura crescente. A maneira como reagiu ao terceiro curto, virando-se como pescadinha de rabo na boca, para ir na perseguição de colher a montada até às tábuas, foi um espectáculo raro. Baptista mostrou-se desfasado com ele, a concretizar garupas e a entrar na sorte... em sortes excessivamente cambiadas.

Manso, que andava por ali, sem fazer bem nem mal, de excelente trapio, a frenar na reunião e a deixar-se fazer paliteiro, o morlaco de Tomás da Costa. Veiga, a despeito da casta posta, deste arranque para cima bem sentido pelo público, esteve certo, numa "faena" a resultar (obviamente) falha de emotividade.

Dos seis toiros, apenas o último, de Cunha e Carmo, resultou ordinário de mansidão, de estilo e de tipo. Um boi. Que assim se comportou, com a agravante de se adiantar. Zoio melhorou e acoplou-se ao morlaco numa "faena" ajustada e digna.

O júri, composto pelos drs. Francisco Botelho Neves e José Manuel Mira, Nizza da Silva, José Manuel Severino e por mim, atribuiu, por maioria, o prémio de bravura ao "Conquistador", de Oliveiras.

Distinguiu, por unanimidade, a espantosa pega de Penetra, forcado que é símbolo de "afición" e de antivedetismo.

SARAIVA MENDES

Dá resultado...
...e vê-se na sua cara!

Não há por certo, nada que mais envelheça do que a pele seca. A verdade é que por volta dos 25 anos, a sua pele começa a perder cada vez mais a humidade necessária para a manter jovem e bela.

É por isso que você precisa da ajuda que só o 2.º Début lhe pode dar.

A fórmula única 2.º Début

2.º Début contém uma fórmula muito importante conhecida pelos nossos técnicos por CEF – Cellular Expansion Factor (Factor de Expansão Celular). Ao aplicar 2.º Début sobre o rosto, este ao contrário dos vulgares produtos hidratantes, penetra directamente para além da superfície da pele e vai rejuvenescer as células interiores.

Alimentando-as, o 2.º Début dá-lhes a capacidade natural de conservarem a humidade.

Um tratamento em poucos minutos

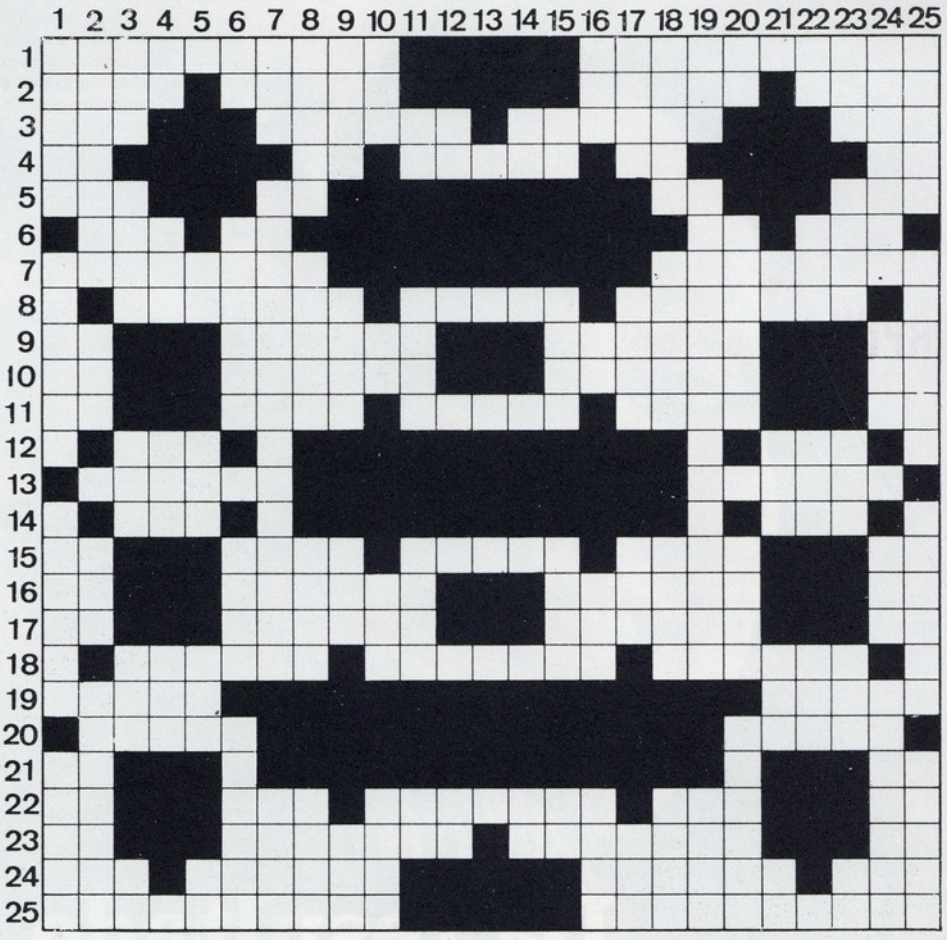
Dois minutos de manhã e à noite. Sem perda de tempo, você verá como o 2.º Début consegue parar os anos. E é tão mais agradável de aplicar do que os cremes oleosos e loções que provavelmente já usou... E muito, muito mais eficiente.

Mantenha a juventude da sua pele com o 2.º Début

O 2.º Début é apresentado em duas fórmulas: marfim CEF 600, para as mulheres mais jovens e rosa CEF 1200, com acção dupla, para as rugas mais pronunciadas e resultados mais rápidos. Qualquer delas conservá-la-à jovem apesar da idade.

PALAVRAS CRUZADAS

Por COSTA RAMOS



PROBLEMA NÚMERO 1222

HORIZONTAIS: 1—Quietos; de Belém. 2—Calosidade; triturara; separo; escória. 3—Bolo de farinha de arroz e azeite de coco; de Sião; aparenta; prenda. 4—Nota musical; pronome pessoal; honesto; apóstolo (abrev.); graceja. 5—Letra grega; manifesta; Alemanha-Turquia; chefe etíope. 6—Patrão; primeiras vogais; s. q. do rádio; muito. 7—Nome de mulher; atraiçoara. 8—Sacudiu; terra portuguesa; mostradores de casas comerciais. 9—S. q. do alumínio; mamífero aquático carnívoro, da família das martas; momento aflitivo; nociva. 10—Nota musical; plantio de amieiros; acautela; s. q. da prata. 11—Santíssimo Sacramento (abrev.); árvores venenosas da Malásia; trajecto sinuoso; empunhar; o lado do vento. 12—Iniciais da República Árabe Unida; levante. 13—Realizadas; casa de instrução. 14—Nome de mulher; herdade dividida por marcos. 15—S. q. do cromo; pároco; fronte; empunhar; outra coisa (ant.) 16—Gemido; mictar; bofetada; pedestal. 17—Letra grega; tubérculo comestível; cultivados; Assembleia Nacional. 18—Destrói; amargor; guarnecidos de asas. 19—Ateu; morte. 20—Grande artéria do coração; exprimo. 21—Consoantes iguais; não. 22—S. q. do rádio; porto de mar na Finlândia; em que há quina; Romênia-Checoslováquia-Itália (iniciais); plural de uma vogal. 23—Antiga nota musical; abundância; olhares; Nossa Senhora (abrev.). 24—Conheço; assento comprido de palhinha com costas e braços; inutilizei (compartimentos destinados à evaporação); pronome pessoal. 25—Arrulham (bras.); murmurantes.

VERTICAIS: 1—Disponha em camadas; aula; encarei; sindicato de especuladores com o fim de elevar a cotação de valores ou preço de mercadorias, por açambarcamento; 2—Dinheiro; lírio; braço de mar; nome de um famoso jogador do Belenenses. 3—Panela; estimas; monarca; constelação austral; transitar. 4—Pedra de moinho; reza; gemidos; mofar; 5—Prefixo de negação; joeira; rotário (abrev.); s. q. do cobre. 6—Doutor (abrev.); dai guarida a; país da América Central; asfixiar. 7—Contr. da prep. e art. (pl.); sarabandas; afastei. 8—Acto de deitar-se; das musas (poet.); nome de mulher; cidade da Argélia. 9—Suplicai; joeiras; nome de mulher; Turquia-Portugal-Áustria (iniciais). 10—Santo; escarnece; prende; alguém que. 11—Existes; masculino (abrev.); transporta; cidade da Caldeia. 12—Catedral; seguia. 14—Nota muscial; Ave-Maria. 15—Dormir (infant.); tenebrosa; prendem; quinhentos e um (letra romana). 16—Duas vezes; nota musical; decâmetro quadrado; rezam. 17—Pronome demonstrativo; padiola; bolo de farinha de arroz e azeite de coco; espécie de sapo do Amazonas. 18—Pacóvio; faúlhas; óxido de sódio; consoantes iguais. 19—Pronome pessoal; situados além do Tibre; homem mau. 20—Laço; crescer; nivela; nome de homem. 21—Senhor (abrev.); levante; privilégio; seguir. 22—Indicativo da Holanda nas viaturas automóveis; parte pelo meio; colorido; rio da Rússia; 23—Fecha as asas para descer mais depressa; caminhos; gavinha; Suécia-Itália-Turquia (iniciais); Luxemburgo-Suíça (iniciais). 24—Tirar; doença; bolo de farinha de arroz e azeite de coco; diminutivo de António. 25—Ecoeis; carinhos; vigor; queimes.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA NÚMERO 1221

HORIZONTAIS: Demorada — fatigada — emanarem — aparecem — nonas — pantagruélico — arava — os — morais — mirada — ir — ms — as — em — dr — ia — ti — ri — ao — n — sabat — agita — t — ano — amaradas — culatras — uma — dolo — idade — otite — arar — Ovar — categorizar — dama — sate — asam — laré — usam — setas — sabor — vai — mor — calam — Gomes — papam — usam — pose — nina — real — repenicaras — ovil — erro — ruído — areis — beca — doa — assolais — Peiroteu — nós — e — marau — olmos — t — sa — bb — mi — ar — TL — el — ás — dá — ib — remira — pálida — id — nagar — verticalidade — apito — anátemas — atapetar — moderara — separara.

XADREZ

Por JOÃO CORDOVIL

AS NIMZOINDIAS DE ANATOLI KARPOV

O mais instrutivo de todos os "matchs" eliminatórios, disputados nos quartos-de-final do presente Torneio de Candidatos, foi aquele que se realizou em Moscovo, em que se defrontaram os soviéticos Anatoli Karpov (com vinte e dois anos de idade) e Lev Polugaievsky (trinta e nove), dois dos oito candidatos, até à altura, ainda na corrida pelo título que virá a ser discutido no próximo ano.

O jovem Anatoli Karpov eliminou Lev Polugaievsky, necessitando apenas oito jogos para obter as três vitórias regulamentares de decisão nesta fase com que o afastou. As restantes cinco partidas terminaram empatadas, reafirmando-se Karpov, pela margem de pontos alcançada, como o jogador soviético com maiores probabilidades de vir a recuperar o título mundial, actualmente na posse do norte-americano Robert Fischer, num futuro breve.

Pelo interesse de que se revestiu este "match", apresentaremos integralmente as suas partidas, começando pelos jogos ímpares, em que Polugaievsky conduziu as peças brancas, e, posteriormente, noutros artigos, aquelas onde Karpov jogou com essas cores. Isto porque houve uma curiosa identidade de sistemas teóricos, dentro da referida alternativa de cores, que tornam conveniente essa separação, e de maior pormenor para as últimas, onde verdadeiramente se construiu o resultado.

Com as peças pretas, Karpov não alcançou mais do que quatro empates, chegando mesmo a passar algumas dificuldades. Todos esses jogos se realizaram com a defesa Nimzoíndia, e foram iguais durante os primeiros nove lances, assim: *1.d4, Cf6; 2.c4, e6; 3.Cc3, Bb4; 4.e3, 0-0; 5.Bd3, c5; 6.Cf3, d5; 7.0-0, dxc4; 8.Bxc4, Cc6; 9.a3, Ba4;* obtendo-se a posição expressa no diagrama.

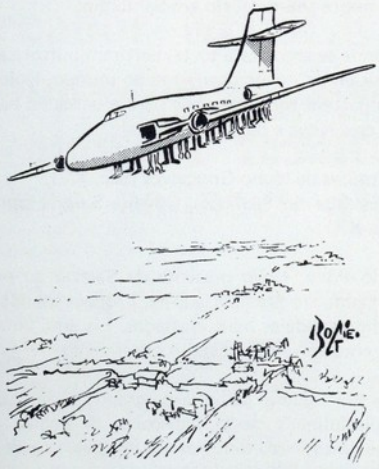
Na primeira partida, Polugaievsky jogou *10.Bd3...;* não se preocupando com o isolamento provisório do Peão central, após *10...,cxd4; 11.cxd4, Bb6;*, e pressão das pretas sobre ele, confiado em aproveitar as suas figuras sobre o roque adversário, para onde elas apontam facilitadas pela auto-obstrução dos Peões das pretas às suas figuras (particularmente ao desenvolvimento do Bispo de Dama e à mobilização das Torres). O jogo continuou com: *12.Be3, Cd5; 13.Bg5, f6; 14.Be3.Cce7; 15.Dc2, Cxe3; 16.fxe3, g6; 17.Bc4, Cf5; 18.Tfe1, Rg7; 19.Tad1, Bd7; 20.Rh1, Tc8; 21.Ba2, Cd6; 22.Dd3, De7; 23.e4, Cf7; 24.e5, fxe5; 25.Cxe5?!...;* (As pretas cederam, durante a necessária defesa do flanco de Rei, o domínio do centro ao adversário, pelo que aqui, em aproveitamento desse cunho, seria de considerar *25.d5!,...;* impondo razoáveis dificuldades tácticas à parte defensiva) *25..., Cxe5; 26.Txe5, Tf5; 27.Cd5, Dd6; 28.Cxb6, Dxb6; 29.De2, Dd6; 30.h3, Tcf8; 31.Rg1, Ba4; 32.Td2, Bd7;* Empatada de comum acordo ao ficar igualada a pressão nos sectores vitais.

Nas partidas posteriores, Polugaievsky movimentou aquele Bispo de forma diferente, e, a partir do diagrama, a terceira partida do "match" continuou da seguinte forma: *10.Ba2, a6; 11.Ca4, cxd4; 12.exd4, h6; 13.Bf4, Bc7; 14.Bxc7, Dxc7; 15.De2, Td8; 16.Tfd1, Bd7; 17.Tac1, Be8; 18.Cc3, Td6; 19.d5, exd5; 20.Cxd5, Cxd5; 21.Txd5, Tad8;* Com empate imediato devido à clareza das simplificações já observadas e das próximas, sem que nenhum dos jogadores tenha conseguido debilitar a estrutura de Peões do adversário.

Ao ter de ceder uma qualidade, na quinta partida, Karpov esteve muito próximo de vir a perder, devido às melhorias introduzidas por Polugaievsky neste sistema. Assim: *10.Ba2, a6; 11.Bb1!, Bb6; 12.Dc2, g6; 13.dxc5, Bxc5; 14.b4, Be7; 15.Bb2, e5; 16.Td1, De8; 17.b5, axb5; 18.Cxb5, Bf5; 19.De2, Bxb1; 20.Cc7, Db8; 21.Cxa8, Bf5; 22.Cb6, e4; 23.Cd4, Cxd4; 24.Bxd4, Bg4; 25.f3, exf3; 26.gxf3, Be6; 27.Tac1?,...;* (Bom teria sido 27.Db2, agarrando a iniciativa antes de o adversário neutralizar com ela a desvantagem material) *27...,Td8; 28.Db2,...;* (Com 28.Cc4, ainda se conseguiriam manter perspectivas de triunfo) *28...,Ce8; 29.Be5, Bd6; 30.Bxd6, Txd6; 31.Db4, Dd8!;* (Agora estão em condições de vir a aproveitar as debilidades do exposto Rei das brancas) *32.Txd6, Cxd6; 33.Td1, Dg5+; 34.Rf2, Cf5; 35.Df4, Df6; 36.Ca4, Bb3; 37.Td2, g5!; 38.Db8+; Rg7; 39.Cb2, Bd5; 40.Cd3, Cd6; 41.Cf4!, gxf4; 42.Txd5, Db2+; 43.Rf1, fxe3; 44.Tg5!+,...;* Empatada, uma vez que as brancas, mesmo com o próximo sacrifício da sua Torre, conseguirão assegurar o xeque-perpétuo ou o equilíbrio material e posicional da posição.

Na sétima partida, Karpov emendou o sistema e, apesar do persistente ataque de Polugaievsky, não terá tido grandes dificuldades defensivas a resolver. O jogo desenrolou-se da seguinte forma: *10.Ba2, Bb6!; 11.dxc5, Bxc5; 12.B4, Bd6; 13.Bb2, De7; 14.Dc2, Bd7; 15.Tfd1, Ce5; 16.Cg5, Tac8; 17.f4, Cg6; 18.De2, Bb8; 19.Df3,h6; 20.Ch3, Bc6; 21.Dg3, Ce4; 22.Cxe4, Bxe4; 23.Cf2, Bc2; 24.Td2,s Tfd8; 25.Bd4, b6; 26.Tc1, Ba4; 27.Txc8, Txc8; 28.Cd3, Bc2; 29.Dg4, Bxd3; 30.Txd3, Tx1+; 31.Td1, Dh4; 32.Df3, Txd1+; 33.Dxd1, e5; 34.g3, Dd8; 35.fxe5, Cxe5; 36.Dh5, Df6; 37.Bxe5, Bxe5; 38.Bxf7+, Dxf7; 39.Dxe5, Db3; 40.b5, Dxa3; 41.Rg2,*
Empatada de comum acordo.

HUMOR



— O comandante pede desculpa por ter perdido o trem de aterragem. Quando ele mandar comecem a correr.

— Quem é que te mandou dizer que ele tinha ido para um grande bar lá no céu?

ÚLTIMA PÁGINA

Crónica de ALEXANDRE O'NEILL

LEGENDAS DE FOTOGRAFIAS

(continuação)

A Censura já não espreita por cima do nosso ombro. A zelosa estupidez que, há poucos meses ainda, me cortava, na frase "o quiosque semelha um grande capacete colonial pousado no jardim", a palavra *colonial*, deixou de desmanchar o trabalho e o prazer de cada um de nós. A mão reaprende a voar neste "céu de papel". Aparentemente, pode ir até onde o fôlego a levar. Voando, verá.

Tinha eu começado a elencar, antes da abolição da Censura, *legendas de fotografias* (crónica publicada em 3-5-74), com o propósito de dar aos leitores alguns dos pontos por onde passa certa feição do nosso tempo. É um tipo de inventariação que sempre me interessou. Acredito, com Novalis, nas potencialidades poéticas dos inventários, ou não tivesse sido eu que, com Cesariny, estabeleci a lista dos "Salvados do Incêndio do Castelo do Almirante Wolf nos Valpes"... A incompreensão que tem rodeado o meu poema "Issilva", no qual me limito a alinhar nomes que terminam pelo abundante apelido Issilva (e Silva), enche-me de satisfação. Então não é verdade que um poema, tal como uma mulher, não se deve dar logo às primeiras? ...

As *legendas de fotografias* com que continuo hoje serão mais pontos para, cerradamente, se traçar essa tal feição dum tempo que, pese embora às boas consciências, não podemos enjeitar como não nosso.

(Legendas de fotografias soltas)

A Mocidade Portuguesa na Alemanha — Um lindo passeio em águas alemãs.

Escola Central de Graduados — Segundo Curso — "Querer é a nossa divisa".

Primeiro Desfile da M. P. — O rufar dos pequenos tambores.

Na comemoração do 28 de Maio — O almoço dos pequenos filiados da M. P. com S. Exa. o Presidente do Conselho.

Primeira Festa da M. P. — A aguarela do Terreiro do Paço.

(Legendas de fotografias que funcionam vis-a-vis)

Uma rosa... "A Bela Portuguesa".
Uma mulher... A Bela Portuguesa.

Movimento: a cavalgada dos campinos.
Quietude: a ponte sobre o Tejo em Santarém.

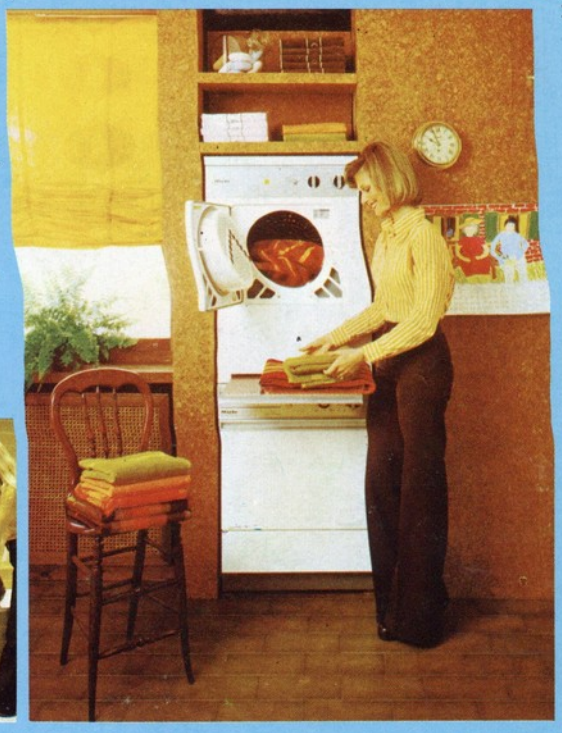
De Belém, onde se ergue esta torre, partiram outrora as caravelas que descobriram os novos caminhos do mundo. Hoje, os barcos portugueses partem todos os anos para a pesca do bacalhau nos bancos da Terra Nova e da Islândia.

Pintura: Trípticos de Nuno Gonçalves (Séc. XV).
Escultura: Estátua do Professor Oliveira Salazar por Francisco Franco (Séc. XX).

O Teatro do Povo: Novo presente de Salazar ao povo português... O Cinema do Secretariado da Propaganda Nacional percorre também as aldeias mais afastadas. Eis aqui uma sessão em Alcobaça, frente ao velho mosteiro cisterciense.

A Mocidade Portuguesa, garantia da grandeza do futuro, é uma escola de disciplina e de fé patriótica. A Legião Portuguesa congrega nas suas fileiras todos os voluntários da ordem.

Uma máquina de lavar roupa e um secador da MIELE não precisam de vastidões para mostrar o que valem.
E, para além da técnica mais avançada, a máquina de lavar roupa e o secador da MIELE ainda oferecem mais uma vantagem: podem ser instalados em pequenos espaços. Funcionando acoplados, a máquina de lavar roupa e o secador MIELE completam-se de maneira prática e moderna. São duas máquinas no espaço de uma. (Mas, se preferir, também podem ser associadas em paralelo).
Entregue a sua roupa à máquina de lavar e ao secador MIELE. Esta «coluna de lavar e secar» poupa-lhe espaço e tempo.
É mais um resultado do avanço da técnica MIELE.
Você conhece algo mais funcional?



Toda uma linha completa de electrodomésticos

Miele®

Máquina de lavar roupa, de lavar louça, secador de roupa, máquina de passar a ferro, aspiradores

MARCA adapt M1/74

O encanto discreto de certos momentos

LEO BURNETT

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
PORTUGAL

"Lembras-te? Depois fomos dançar. E aquela vez, que eu estreei o vestido preto, comprido... E havia aqueles ingleses na mesa ao lado...".

Os momentos que você não tem o direito de perturbar. São os momentos perfeitos. O restaurante ideal, o jantar ideal, a atmosfera ideal. O champanhe, as trutas, o faisão.

Afinal esses são os dias que ela não esquece. E você também não. Tranquilo, longe das preocupações. Mesmo no momento da conta. A conta que não conta. Porque você a paga, discretamente, com o seu cartão Sottomayor.

Sempre consigo